



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

Carlos Speck Pereira

**Arquivos inflamados: tensões na *Revista Brasileira de Poesia* (1947-1956)**

Florianópolis

2023

Carlos Speck Pereira

**Arquivos inflamados: tensões na *Revista Brasileira de Poesia* (1947-1956)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo

Florianópolis

2023

Pereira, Carlos Speck

Arquivos inflamados : tensões na Revista Brasileira de Poesia (1947-1956) / Carlos Speck Pereira ; orientadora, Maria Lucia de Barros Camargo, 2023.

159 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Periodismo literário e cultural. 3. Revista Brasileira de Poesia. 4. Geração de 45. I. Camargo, Maria Lucia de Barros. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

Carlos Speck Pereira

**Arquivos inflamados:** tensões na *Revista Brasileira de Poesia* (1947-1956)

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 02 de março de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.a Laíse Ribas Bastos, Dr.a  
UFRJ

Prof.a Susana Célia Leandro Scramim, Dr.a  
UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação.

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof. Jorge Hoffmann Wolff, Dr.  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Insira neste espaço a  
assinatura digital

Prof.a Maria Lucia de Barros Camargo, Dr.a  
Orientadora

Florianópolis, 27 de maio de 2023

Dedico este trabalho à Fátima Regina Custódio, *in memoriam*

## **AGRADECIMENTOS**

É com alegria que agradeço à professora Maria Lucia, pela orientação, pela amizade e por sempre acreditar no meu potencial;

à Nia, pelo acolhimento fundamental, familiar e inspirador;

à Beatriz, pelo incentivo desde o começo;

à Laíse, pela leitura, escuta e amizade atentas;

à professora Susana, pela leitura e ensinamentos preciosos ao longo das disciplinas;

ao professor Carlos Capela, pela parceria nos projetos do NELIC;

à Júlia, pela amizade e presença;

à Bruna, amiga de Letras para a vida;

à Fátima, que nos deixou tão abruptamente;

à tia Lila, Marcelo e Felipe, por tanta generosidade;

à minha mãe, Janet, e ao meu pai, Hilário, por tudo e para sempre;

aos meus irmãos e cunhados pelo constante incentivo na minha jornada acadêmica.

Agradeço também à UNIEDU, por proporcionar as condições necessárias para a realização desta dissertação.

Agradeço, especialmente, ao NELIC, pelo espaço de descobertas, aprendizados, histórias, revistas literárias, encontros com o arquivo, de escrita e de acolhimento diário (literalmente).

Muito obrigado!

## RESUMO

A dissertação apresenta uma análise da *Revista Brasileira de Poesia* a partir dos estudos literários e do periodismo literário e cultural. É defendida a ideia de que a revista literária pode ser vista como um arquivo, levando em conta suas tensões temporais e paradoxos. A hipótese é que a *Revista Brasileira de Poesia*, entre 1947 e 1956, reuniu um grupo de poetas que já estava se formando e que se desdobrou em outras atividades sociais como no I Congresso Paulista de Poesia, no Clube de Poesia de São Paulo, na participação no jornal *Correio Paulistano*, entre outras. Portanto, a revista se tornou um veículo para a expressão e formação de um discurso geracional, posteriormente cristalizado na expressão “geração de 45”, através da divulgação de suas ideias, poemas, conferências, traduções de poetas estrangeiros e na procura constante da legitimidade poética. Desse modo, a revista reflete sua preocupação em criar uma narrativa coletiva e sua inserção em uma trama de discurso mais ampla. Como espaço de tensões arquivísticas, a *Revista Brasileira de Poesia* trabalha para seu próprio fim, correspondendo às tentativas de autorreflexão dos poetas-arcontes com um crescente esvaziamento da poesia na revista e, conseqüentemente, dos sentidos de um grupo.

**Palavras-chave:** *Revista Brasileira de Poesia*; Periodismo literário e cultural; Geração de 45.

## ABSTRACT

The dissertation presents an analysis of the *Revista Brasileira de Poesia* from the perspective of literary studies and literary and cultural journalism. The idea is defended that the little magazine can be seen as an archive, taking into account its temporal tensions and paradoxes. The hypothesis is that the *Revista Brasileira de Poesia*, between 1947 and 1956, brought together a group of poets who were already forming and that expanded into other social activities such as the I Congresso Paulista de Poesia, the Clube de Poesia de São Paulo, participation in the *Correio Paulistano* newspaper, among others. Therefore, the magazine became a vehicle for the expression and formation of a generational discourse, later crystallized in the expression "generation of 45", through the dissemination of its ideas, poems, conferences, translations of foreign poets and the constant search for poetic legitimacy. In this way, the magazine reflects its concern with creating a collective narrative and its insertion into a broader discourse plot. As a space of archival tensions, the *Revista Brasileira de Poesia* works for its own end, corresponding to the attempts of self-reflection of the poet-arcontes with a growing emptiness of poetry in the magazine and, consequently, of the meanings of a group.

**Keywords:** *Revista Brasileira de Poesia*; Literary and Cultural Journalism; Generation of 45.

## SUMÁRIO

|          |  |            |
|----------|--|------------|
|          | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>11</b>  |
| <b>1</b> | <b>REVISTA LITERÁRIA: “UM DIÁLOGO NO TEMPO”.....</b>   | <b>19</b>  |
| 1.1      | A “IDEIA” DE REVISTA LITERÁRIA.....  | 20         |
| 1.2      | A REVISTA E SUAS TEMPORALIDADES.....   | 26         |
| 1.3      | REVISTA COMO ESPAÇO DE TENSÃO.....   | 28         |
| <b>2</b> | <b>A REVISTA LITERÁRIA FORA DE SI.....</b>   | <b>36</b>  |
| <b>3</b> | <b>ARQUIVAMENTOS POSTERIORES.....</b>  | <b>52</b>  |
| 3.1      | A RECEPÇÃO TARDIA DA <i>REVISTA BRASILEIRA DE POESIA</i> .....   | 52         |
| 3.1.1    | “Contribuições para o estudo do modernismo brasileiro”: o trabalho de Maria Marcelita Pereira Alves..... | 52         |
| 3.1.2    | O estudo de Gilberto de Mendonça Teles sobre “a chamada geração de 45”.....                              | 57         |
| 3.1.3    | <i>A Revista Brasileira de Poesia</i> aberta pela quarta capa.....                                       | 62         |
| 3.1.4    | Sobre a <i>Revista Brasileira de Poesia</i> no livro de Vagner Camilo.....                               | 64         |
| <b>4</b> | <b>ARQUIVOS INFLAMADOS.....</b>  | <b>67</b>  |
| 4.1      | ESBOÇO OPORTUNO.....   | 67         |
| 4.2      | DADOS DE INDEXAÇÃO NO TEMPO.....   | 81         |
| 4.3      | MAL DE ARQUIVO COMO PROCEDIMENTO.....  | 102        |
| 4.4      | A SUPOSTA HETEROGENEIDADE POÉTICA DA REVISTA.....  | 104        |
| <b>5</b> | <b>ARQUIVOS DESDOBRADOS.....</b>   | <b>118</b> |
| 5.1      | A REVISTA É ATRAVESSADA POR SEUS PRÓPRIOS DESDOBRAMENTOS.....  | 118        |

|     |  |            |
|-----|--|------------|
| 5.2 | O 1º CONGRESSO PAULISTA DE POESIA..... | 119        |
| 5.3 | O CLUBE DE POESIA DE SÃO PAULO.....    | 134        |
| 5.4 | CURSOS DE POÉTICA.....                 | 139        |
|     | <b>QUANTO AO FUTURO.....</b>           | <b>149</b> |
|     | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                | <b>15</b>  |

## INTRODUÇÃO

Afinal, quais são os poetas de 45? Há um consenso de que não há uma definição exata, um conjunto exato de poetas que limitaria essa resposta, esse “conceito discutível em sua extensão e compreensão.”<sup>1</sup> Benedito Nunes soube, como ninguém, esquematizar o cenário de leituras e releituras empreendidas naquele contexto da lírica brasileira. De acordo com o autor, na década de 1940, a ideia de engajamento era sustentada por teorias de Jean-Paul Sartre, Albert Camus, Kierkegaard, Kafka e outros filósofos franceses. Ao mesmo tempo, obras de poetas como Apollinaire, Max Jacob e André Breton ainda eram lidas, demonstrando a sobrevivência do surrealismo. Mário de Andrade, Oswald de Andrade e outros escritores da geração modernista já haviam sido lidos pelos poetas da nova geração e já eram, à altura, cânones da tradição modernista; além destes, os mais jovens estavam em contato com poetas como Paul Valéry, Rilke, Fernando Pessoa e escritores hispânicos, como García Lorca e Pablo Neruda. Essas leituras também ajudaram a desenvolver a obra já madura de Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade. A nova geração de poetas também explorou novos caminhos na poesia moderna em língua inglesa e reabriu antigas tradições, como o simbolismo, e até mesmo o parnasianismo, que havia sido neutralizado pelos modernistas, mas que estava voltando à tona do interesse intelectual. De acordo com Benedito Nunes, todos esses jovens poetas estavam ligados aos grandes poetas da geração anterior, e sua “influência” — no que o termo tem de mais problemático — era poderosa.

É consensual, entretanto, a reutilização, pela maioria daqueles novos poetas, dos metros tradicionais e das formas regulares:

Os ritmos de *Poesias* (1946), de Alphonsus de Guimarães Filho (n. 1918), que reatam com o simbolismo, contrastam com o predomínio do ritmo de canção nos penta e hexassílabos de *Rosa extinta* (1945), de Domingos Carvalho da Silva (n. 1915). *Lamentação floral*, de Péricles Eugenio da Silva Ramos (n.

---

1 NUNES, Benedito. A “geração de 45” e João Cabral. *João Cabral: a máquina do poema*. Organização Adalberto Müller. Brasília: Editora UnB, 2007, p. 141.

1919), emprega a redondilha e eventualmente o decassílabo. Darcy Damasceno (n. 1922) escreve sonetos com rimas esparsas em *Fábula serena* (1949); sua dicção classicizante, neo-simbolista, une a musicalidade de Cecília Meireles ao refinamento metafórico de Paul Valéry. Em *O túnel* (1949), Afonso Félix de Souza (n. 1925) adota a forma petrarquiana, mas para exercitar-se, em versos brancos polimétricos, numa lírica de tom meditativo. Somente um poeta, José Paulo Paes (n. 1926), retoma o irônico acento prosaico de Carlos Drummond de Andrade em *O aluno* (1947), no qual junta à paródia do estilo de Murilo Mendes o expresso reconhecimento de seus débitos poéticos.<sup>2</sup>

Como bem afirma Luciana Stegagno Picchio<sup>3</sup>, “são ainda muitos os poetas de 45: e a querer assinalar no coro as vozes mais significativas corre-se o risco de cometer injustiças e erros de perspectiva.” Entretanto, neste trabalho, os “poetas de 45”, quando referidos, serão reduzidos aos jovens poetas e defensores da *Revista Brasileira de Poesia*. Ainda que feita a ressalva, faz-se necessária que essa distinção não transponha, de forma metonímica, essa parte, a revista (ainda que seja relevante para a história), pelo todo. Contudo, tal identificação, ainda que certamente redutora, terá a ver com a tentativa da revista de abarcar maiores espaços, com vistas ao espaço nacional como um todo, mesmo que seu alcance, em boa medida, se limite a seu lugar de origem.

No final do ano de 1947, aparece, em São Paulo, a *Revista Brasileira de Poesia*. A revista é editada por um grupo de escritores que possuíam em comum a faixa etária entre 26 e 35 anos, o Estado de São Paulo como lugar de nascimento (com exceção de Domingos Carvalho da Silva, que nasceu em Portugal), a formação acadêmica oriunda da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (em algum período na década que compreende 1934 e 1944) e a atuação em jornais paulistas, como o *Correio Paulistano* e o *Jornal de Notícias (SP)*, num período em que o jornalismo começava a ser produzido em grande escala, por grandes empresas. O endereço da *Revista Brasileira de Poesia* também dá sinais de uma origem burguesa, se lembrarmos, ao vê-lo, de *Pauliceia desvairada*: Rua de São Bento, nº 68, “califórnia duma vida milionária/ numa cidade arlequinada...”. A esses vínculos compartilhados ao longo da década de 1940, presume-se, somam-se laços de amizade ou de outros modos de partilha (crítica,

---

2 Ibidem, p. 143

3 PICCHIO, Luciana Stegagno. *História de literatura brasileira*. Tradução Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004, p. 598.

política, literária). Esses laços davam sinais na participação em comunhão nos agrupamentos literários de centros acadêmicos da Faculdade de Direito, como, a título de exemplo, na revista *Arcádia*, publicada enquanto Domingos Carvalho da Silva fazia parte da presidência de uma organização estudantil voltada para a literatura, a Academia de Letras, da qual, inclusive, Péricles Eugenio da Silva Ramos ganhará, em 1943, o concurso de melhor livro de poesias.

A *Revista Brasileira de Poesia* foi um periódico literário de sete números editados ao longo de dez anos, de 1947 a 1956, em São Paulo, com uma periodicidade semestral até o segundo semestre de 1949, data da publicação de seu quinto número. A revista teve apenas mais dois números após esse volume, publicados em 1952 (o número 6) e em 1956 (o número 7). Veiculando preponderantemente ensaios, resenhas e poemas, além de notas biográficas e relatórios do Clube de Poesia de São Paulo e do I Congresso de Poesia de São Paulo,<sup>4</sup> ocorrido em 1948, a revista tinha por eixo norteador a temática da poesia, desde sua manifestação propriamente dita na publicação de poemas ao ensaísmo e à crítica literária. Cada volume contém cerca de 80 páginas, regularidade mantida do primeiro ao último número.

No primeiro número da revista, a folha de rosto apresenta ao leitor os editores do periódico literário e uma espécie de divisão funcional: Péricles Eugênio da Silva Ramos (diretor responsável), Domingos Carvalho da Silva (secretário de redação), Geraldo Vidigal (subsecretário de redação), João Accioli (subsecretário de redação) e Carlos Burlamaqui Köpke (diretor administrativo). Apesar de essa divisão diluir-se, a partir do segundo número do periódico, na denominação “Conselho Diretor”, que abarca os integrantes mencionados, ela permite reflexões acerca do papel editor de cada um desses membros, que, vale lembrar, são em grande parte poetas à época bastante jovens (“geração trintanária”, como se refere Oswald de Andrade na coluna *Telefonema*) e que integraram, conforme Luciana Stegagno Picchio, a página (diminuta) dedicada à poesia da “Geração de 45”.

---

4 Tratou-se de um evento promovido pela *Revista Brasileira de Poesia*, realizado entre os dias 29 de abril e 2 de maio de 1948, que tinha por finalidade a congregação de poetas e estudiosos de poesia para a discussão de objetivos como as “causas e consequências da escola modernista” e os “aspectos atuais da poesia brasileira e da crítica poética”. REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, I Congresso Paulista de Poesia. São Paulo, v. 1, n. 1, 1947, p. 56.

Faziam parte do Conselho Consultivo Sérgio Milliet, José Geraldo Vieira, Afrânio Zuccolotto, Antonio Candido, Bueno de Rivera, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonseca, dentre outros poetas e críticos literários da época.<sup>5</sup> Essa participação externa à “célula básica” da revista não é uniforme, e é possível investigar o lastro das relações entre esses outros autores e o grupo principal da revista, seja através da sua presença, às vezes estimulante, às vezes enviesada, às vezes, paradoxalmente, ausente (o que será visto no capítulo 3 desta dissertação, que analisa a revista detidamente).

A revista possuía representantes em diversos Estados do Brasil, como é o caso de José Paulo Moreira da Fonseca e de Lêdo Ivo, representante do periódico no Rio de Janeiro, Bueno de Rivera, em Minas Gerais, Reinaldo Moura, no Rio Grande do Sul e Dalton Trevisan, no Paraná. Contudo, percebe-se que a lista de representantes acaba sofrendo alterações ao longo dos números do periódico, exemplificadas pela inserção de Edson Regis a partir do quinto volume na lista de participantes da representação da revista.

O periódico foi tema do meu TCC de Letras-Português, “Abrir uma revista pelo seu verso”, defendido em 2020. Esse trabalho deixa à disposição a indexação completa da *Revista Brasileira de Poesia*, e tece algumas considerações sobre o periódico. Naquele momento, não apresentei nem analisei todos os dados da indexação, mas uma parcela, mostrando as maiores recorrências e as “faltas incômodas” que surgem dos dados. Um exemplo característico disso que chamei de “ausências” na revista, obra de poetas-arcontes, é a supressão, na revista, do texto de abertura do I Congresso de Poesia de São Paulo, proferido por Antonio Candido. Por que não há a publicação desse texto de Antonio Candido? Por que, em vez disso, há a publicação da fala de Domingos Carvalho da Silva, “Há uma nova poesia no Brasil”, que foi rechaçada pela comissão avaliativa de teses do evento? Essa discussão será aprofundada em momento oportuno deste trabalho.

---

5 A lista completa dos membros do conselho consultivo, na ordem apresentada pela revista: Sérgio Milliet, José Geraldo Vieira, Afrânio Zuccolotto, Antonio Candido, Bueno de Rivera, Israel Dias Novaes, Jamil Almansur Haddad, João Cabral de Melo Neto, José Eduardo Fernandes, José Paulo Moreira da Fonseca, Lêdo Ivo, Luis Washington, Mário da Silva Brito, Osmar Pimentel, Rômulo Fonseca. É curioso constatar que os nomes dos “mais velhos” Sérgio Milliet e José Geraldo Vieira estão dispostos em primeiro lugar, fugindo à ordem alfabética.

Essas inquietações, referentes a determinadas presenças e a determinados apagamentos, surgem após leitura e catalogação integral da revista. O conteúdo da revista, o conteúdo mais volumoso da revista, no entanto, mostra ao leitor uma espécie de heterogeneidade.

Ao lado de textos de Péricles Eugenio da Silva Ramos e de Carlos Burlamaqui Köpke, publicam-se textos de Gilda de Mello e Souza, de Sérgio Buarque de Holanda, traduções de T. S. Eliot por diversos poetas (novos e velhos), tradução de Rilke por Dora Ferreira da Silva, dentre outros nomes aparentemente inusitados nesse espaço “bacharelesco”, como os de Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari. Inscrevem-se como correspondentes externos à São Paulo escritores de outros meios, como Dalton Trevisan, diretor da irreverente *Joaquim* (que irá, em suas páginas, criticar “Há uma nova poesia no Brasil”, de Domingos Carvalho da Silva, por exemplo). Percebe-se, e isso será detalhado no terceiro capítulo do trabalho, que há uma aparente heterogeneidade poética e crítica na revista. Entretanto, como já foi demonstrado no TCC, a revista deixa rastros de edição, das mãos dos arcontes da revista, que deixam à mostra marcas de escolha. E essas escolhas, a despeito de uma heterogeneidade marcada pela publicação de considerável espectro diverso de poetas, favorecem a construção de um discurso mais específico, que está ligado ao que se entendeu por “geração de 45” — ou, mais precisamente, da inserção desse discurso na cena literária mais ampla (talvez mais hegemônica, ainda que moderna?). Faz-se necessário, portanto, investigar esse vestígio, a fim de começar a delinear um campo de relações e, conseqüentemente, de forças que operaram uma trama discursiva, um arquivo, vontades de verdade.

Na presente perspectiva, não se trata de revelar à luz autores que estão à margem do cânone. Trata-se de mostrar como o discurso histórico em torno desses poetas foi construído — e a *Revista Brasileira de Poesia* oferece meios para isso. Não escrever sua história, mas mostrar como e por que relações, organizações sociais, declarações públicas, posicionamentos críticos, lugares de poder construíram o que se entende por essa história. Tem diferença: não pretendo chamar atenção para poetas “bons” que se “salvariam” do grande conjunto de poetas da “geração de 45”. Uma das minhas inquietações principais é, dando um passo para trás, investigar por que existe

essa espécie de ojeriza a esse “grupo”: não para negá-la, mas para mostrar como essa ideia se formulou, seja pela relação dos poetas com os outros pares do campo da cultura, seja por tantos outros fatores. E tampouco a intenção é tirar o véu da invisibilidade que cobre esses poetas, mas mostrar o lugar que ocupam na trama do discurso de seu tempo (e da reação da crítica literária a eles)— isso, como pode ser visto no capítulo 2 deste trabalho, pode inclusive aumentar aquilo a que me refiro como “ojeriza” aos “poetas de 45”, na medida em que, sempre tendo feito parte de uma espécie de elite paulistana, apresenta-se no capítulo as relações desses poetas com integrantes da ditadura de Getúlio e com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão de repressão do governo entre 1937 e 1945.

O **primeiro capítulo**, “Revista literária: “um diálogo no tempo”, procura refletir acerca da teoria da revista literária e, conseqüentemente, do arquivo. É um capítulo que reflete acerca da abordagem de uma revista literária enquanto arquivo e suas potencialidades, considerando suas tensões e o paradoxo como modo de entrada nesse material. Neste trabalho como um todo, a revista é abordada como um artefato cultural que se insere numa trama de discurso mais ampla. Por isso, uma das inquietações do capítulo é pensar os limites do arquivo, quando começa “o seu fora” e o seu “dentro”. Assim, o objetivo é fundamentar teoricamente uma abordagem que perceba a complexidade do objeto cultural revista literária e sua relevância para a cultura.

O **segundo capítulo**, “A revista literária fora de si”, procura mostrar a presença de Domingos Carvalho da Silva e de Péricles Eugenio da Silva Ramos no jornal *Correio Paulistano*, no que diz respeito à importância dessa atuação para a constituição da *Revista Brasileira de Poesia*. O texto mostra como a organização editorial da revista foi se delineando ao longo de uma série de atuações públicas que envolvem laços de amizade, de experiência em conjunto em meios jornalísticos e organizações sociais como a Academia de Letras da Faculdade de Direito, a partir do final da década de 1930. A partir disso, é possível explicar o perfil desse grupo e parte de sua recepção da crítica no momento em que se aglutinou na revista literária, em 1947.

O **terceiro capítulo**, “Arquivamentos posteriores”, retoma trabalhos acadêmicos acerca da *Revista Brasileira de Poesia*: a dissertação de Mestrado (única até o

momento) concentrada nesse objeto, desenvolvida por Maria Marcelita Pereira Alves no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP, defendida em 1979; o artigo “Para o estudo da geração de 45”, de Gilberto de Mendonça Teles, que, apesar de não se deter estritamente à revista, dá margem para problematização de conceitos relacionados a ela; a monografia “Abrir uma revista pelo seu vero”, e, por fim, as considerações de Vagner Camilo acerca da revista, em *Modernidade entre tapumes*.

O **quarto capítulo**, “Arquivos inflamados”, é a entrada na *Revista Brasileira de Poesia*. O capítulo pretende descrever e analisar a revista a partir dos dados de indexação, considerando a flutuação dos dados ao longo de seus dez anos de existência. Através dessa flutuação, percebe-se um crescente esvaziamento da publicação de poemas correspondente ao aumento de textos informativos das atividades promovidas pelo grupo. Tendo por base o conceito de mal de arquivo de Derrida, defende-se a hipótese de que a revista trabalha “para seu próprio fim”, na medida em que, à nível procedimental, opera a partir de um paradoxo: o de procurar a expansão do poderio do grupo na cena literária brasileira, expressar esse posicionamento na revista e, ao mesmo tempo, esvaziar a matéria poética publicada nela, como uma estratégia malograda de autoafirmação.

No **quinto capítulo**, “Arquivos desdobrados”, é traçado um itinerário em torno dos desdobramentos da revista em outras atividades, concentrando-se no I Congresso Paulista de Poesia, no Clube de Poesia de São Paulo e em seus cursos de poética. Tais “projetos de ação”, documentados em grande conta nas páginas da *Revista Brasileira de Poesia*, assim como esta, formam uma espécie de discurso geracional, através de vários mecanismos de regulação do discurso: divulgação de ideias, conferências, organização de congressos, legitimação (ou não) dos pares e dos críticos mais referendados, alcance de público e outras estratégias de penetração na cena literária. Esses vetores serão, de algum modo, responsáveis pela cristalização do que se entende por e pelas reações ao termo “geração de 45”.

Por fim, sabe-se que o grupo que se efetiva na revista já se reuniu anteriormente em outros “organismos” culturais, como nos centros acadêmicos voltados para a poesia na época em que foram estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (onde inclusive publicaram outra revista, chamada *Arcádia*); publicaram e exerceram

função de editores em jornais de larga circulação em São Paulo, como o *Correio Paulistano* e o *Jornal de Notícias*, além de se inserirem na política de divulgação cultural através dos órgãos reguladores da imprensa antes e depois da ditadura de Getúlio. A partir da leitura do periódico percebe-se a **presença** desses desdobramentos na revista. Por exemplo: a incorporação da revista pelo Clube de Poesia de São Paulo; a divulgação de todas as etapas do Congresso de Poesia de São Paulo de 1948 e a publicação de uma parcela delas; a expressiva publicação de conferências pronunciadas no clube; a crítica literária publicada pelos poetas e editores do periódico, que em si interferem na construção da legitimidade poética; a tradução de poetas estrangeiros; etc. Por isso a hipótese de trabalho é que a *Revista Brasileira de Poesia* reúne um grupo de poetas que já vinha se formando em outros meios e que se desdobra em outras organizações, engendrando-se como um campo de forças na cena literária de sua época, veiculando tensionamentos com o modernismo brasileiro, com a crítica literária de sua época e com a cena poética internacional — esses tensionamentos são operados no periódico de modo a causar, como se verá, seu próprio fim, ou seja, o esvaziamento da poesia da revista e dos sentidos que a fundaram, operando, também, uma mudança de direção da revista, que passa a ter caráter de órgão divulgador do Clube de Poesia.

## 1 REVISTA LITERÁRIA: “UM DIÁLOGO NO TEMPO”

Onde começa o fora do arquivo?, pergunta-se Derrida.<sup>6</sup> Para ele, esta é a questão mais importante para se pensar o arquivo, “não é, sem dúvida, nenhuma outra.” O arquivo seria menos a memória que a consignação de seus limites. Mais o arranjo, sua materialidade no suporte que o acolhe do que a experiência “originária” e espontânea do registro. O fora do arquivo talvez seja o lugar da memória, porque quando esta falta o arquivo se estrutura, como possibilidade de alguma forma reconquistá-la: “Não há arquivo sem um lugar de consignação, sem uma técnica de repetição e sem uma certa exterioridade. Não há arquivo sem exterior.”<sup>7</sup> Há, contudo, na reunião/consignação do arquivo necessariamente a marca de uma violência, uma violência arquivística. É na verdade o caráter instituidor do que “interessa” para o arquivo que acaba por deixar neste um contorno imposto, ou seja, humano: “Arquivo econômico neste duplo sentido: guarda, põe em reserva, economiza, mas de modo não natural, isto é, fazendo a lei (nomos) ou fazendo respeitar a lei”<sup>8</sup>. A economia da atitude arquivística, como sugere Derrida, se torna uma atitude arquiviolítica, sempre violadora de algo na mesma medida que a este algo oferece uma casa e a parte que lhe caberia. E isso está na origem arqueológica da palavra “arquivo”. No radical grego *arkhê* há os dois sentidos, o acolhedor e o impositivo: aquilo que origina e aquilo que institui uma lei. Da mesma esteira etimológica, deriva o “*arkheion*” grego: inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam<sup>9</sup>. Ou seja, a palavra remete não só a uma ideia antiga de reunião de registros da memória, mas remete com bastante força a uma estrutura de poder que detinha a capacidade de ler e de propor uma interpretação para o que se reunia, o que se preservava. Nesse sentido, perguntar-se qual é o fora do arquivo, ou onde este fora começa não tem uma finitude para além de uma decisão mais ou menos arbitrária. Contudo, a violência arquivística talvez deixe rastros na forma de cicatrizes (mas talvez até estas corram o risco de se decompor, como se verá). Mas esse questionar-se, sem

6 DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p.18.

7 Ibidem, p. 22.

8 Ibidem, p. 18.

9 Ibidem, p. 12.

dúvida, auxilia a observação pelo negativo de limites de um objeto-arquivo, de uma estrutura composta por relações não muito óbvias, mas que se comunicam através de jogos de tensão (jogos colocados até certo ponto por aquele que lê e interpreta). Assim se dispõe o arquivo para um acabamento contingente, temporário. Portanto, não é inócua refletir acerca dos limites de um artefato cultural que carrega, em vários níveis, dimensão de arquivo: a revista literária. Dimensão acolhedora do registro da memória, como a dimensão que institui uma ordem de leitura. Revista como lugar, mas também como tempo que escoar, se retém novamente a cada número e se atualiza. Um arquivo que além de congrega também apaga o que, segundo outros arcontes, não deveria ser apagado. Ou seja, um espaço de câmbio: também de sentidos — aberto a questionamentos como: Onde começa uma revista e onde nela distingue-se o grupo cultural composto a partir dela? Que comunidade de pessoas, regras sociais, desejos de agrupamento, desejos de literatura constituem isso que se apresenta nas páginas de um periódico? A revista começa antes dela, na mesa de montagem? O grupo de escritores, a célula básica da revista, desdobrando-se em outras organizações culturais, podem interferir sobre o arquivo daquela? A formação de um arquivo perpassa também pela formação de outros arquivos? Essas inquietações perpassam este capítulo, que pretende observar as ideias possíveis de revista literária, suas reações e relações com o tempo.

### 1.1 A “IDEIA” DE REVISTA LITERÁRIA

O que é afinal uma revista literária? Não é uma pergunta que se responde de maneira conclusiva, e muitos estudiosos do periodismo literário e cultural consagrados já atestam isso. É uma revista de literatura, em que se publica literatura, em que escritores de literatura publicam textos, especificamente textos literários? Não é o bastante. Podemos pensar como congregadora, agrupadora de pessoas a uma unidade coerente de criação e crítica? Não necessariamente. A massa de revistas literárias prova que não é bem assim que acontece.

Maria Lucia de Barros Camargo, em “Sobre revistas, periódicos e qualis tais” traça um itinerário de definições do termo revista, detendo-se em especial nas possíveis

definições de revista literária — mais precisamente tendo em vista o contexto contemporâneo, em que se instaurava nas humanidades a ferramenta de legitimação do conhecimento através de parâmetros oriundos das ciências duras, através do sistema de classificação de periódicos Qualis, da Capes. Como repensar, na contemporaneidade, o lugar da revista de literatura, por exemplo, das revistas publicadas por programas de pós-graduação em Letras que tinham por objetivo principal, em pequeno grau tal como as revistas literárias da primeira metade do século XX, divulgar a produção e o pensamento de um determinado grupo, um determinado programa? Como refletir acerca dos efeitos desse sistema nessa produção de conhecimento? Professora Maria Lucia, para isso, procura na construção do conceito de revista literária e em sua relevância para a cultura para elaborar a dimensão do problema.

A partir da análise de capas, subtítulos e títulos de periódicos, contracapas e especificações como público-alvo, técnicas de impressão e requinte gráfico, a autora mostra como o termo vai se modificando desde seu aparecimento até seu lugar potencialmente ambivalente da atualidade. Essa inquietação parte de um *aparente* contraste entre as revistas de literatura “acadêmicas”, oriundas de programas de pós-graduação em Letras, e as revistas literárias de grupos culturais “independentes”. Percebe-se que não se reduz a uma única origem a massa de revistas que se autodenominam de literatura. Essas origens, não obstante, provém de pontos de partida distintos no tempo. Percebe-se que não é o rótulo “revista literária” que define com exatidão a textualidade que aparecerá nas páginas do periódico, nem a certeza quanto ao público-alvo a que se destina, muito menos a que tipo de instituição ou círculo de amigos a que esse material pertence. A revista literária e a ideia que se tem dela (e de suas variações) são afetadas por variados fatores contextuais que vão desde graus de dependência a instituições, como a universidade, centros de divulgação do Estado, clubes de associados, até o público-alvo, em geral de pouca amplitude, mas variando em nichos como o campo científico da área das humanidades, a crítica literária, os leitores de literatura no geral, estudantes de Letras, etc. É um conceito que desde seu surgimento sofreu muitas influências e transformações históricas. Hoje, sobrevivem algumas linhas de entendimento do assunto.

A história desse gênero derivado do jornal se confunde com a própria história da imprensa periódica e determina, de algum modo, os múltiplos sentidos da palavra “revista”. Observando alguns de seus usos contemporâneos, e ficando, por enquanto, no campo da literatura, vemos que “revista” denomina, direta ou indiretamente, um conjunto grande e diversificado de periódicos podendo designar, igualmente: a) periódicos institucionais, ligados a universidades ou a associações científicas; de algum modo, estas revistas trazem também, em seus subtítulos, marcas das áreas disciplinares constituídas pela forma de organização dos estudos literários na universidade, destacando-se o estudo da literatura nacional, uma das mais tradicionais formas de organização desse saber; b) periódicos independentes e de tiragem reduzidas, em que a palavra revista, geralmente no subtítulo, tem o poder e a função de anunciar ao leitor que se trata de uma publicação periódica que não é o jornal, a que se acrescentam seus campos de atuação, distintas, nestes casos, das áreas disciplinares constituídas: poesia, cultura, literatura e arte, ou seja, variações sobre o mesmo tema; neste conjunto também encontramos os periódicos em que a palavra “revista”, mesmo ausente em títulos e subtítulos designa tais publicações através da menção nos editoriais de lançamento; e c) periódicos de ampla circulação, como é o caso de *Cult – Revista de Cultura Brasileira*.<sup>10</sup>

Diante desse conjunto diversificado e amplo, pode-se supor que a distinção entre diferentes revistas seja baseada na sua textualidade. No entanto, é perceptível que um autor que publica em uma revista de renome institucional ou comercial também pode ter trabalhos publicados em revistas mais restritas e menos lucrativas. Portanto, não é apenas o tipo de texto veiculado que diferencia uma revista da outra. Essa distinção ainda não é suficiente para compreendermos plenamente seus possíveis significados.

Continuando à procura do câmbio de definições, Maria Lucia retoma o termo em seu “estado de dicionário”. Ali já se encontram aludidas as múltiplas facetas, as “sete faces” possíveis de uma revista que se adequariam às mais diversas restrições de campo de especialidade, a públicos a que esta se destinaria, a formatos em que se apresentaria. O que se conclui, até certo ponto do texto de Maria Lucia, é que é grande a complexidade de uma revista a tal ponto que, em certas arestas, dada sua variabilidade inerente, seus limites podem ser confundidos com os de um jornal ou até mesmo o de um livro. Não é raro encontrar a reunião em livro de textos publicados por determinado crítico literário em revistas de baixa ou grande circulação. Tampouco é raro encontrar crônicas publicadas em jornais e revistas mudarem de roupagem e se

---

10 CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e quais tais. *Travessia*, nº 40, 2003, p. 23.

chamarem de contos numa reunião em livro (a literatura mesma já se vê com as imprecisões no que diz respeito aos gêneros).

É comum que escritores de literatura e editores de revistas e de suplementos literários se coloquem também no espaço da crítica — o convívio entre ambos é bem-vindo nas páginas de um periódico dessa natureza. As duas figuras, a do crítico literário e a do autor de literatura “fundem-se no mesmo impasse”, como diria o verso drummondiano. Não raro se encontram, também, tentativas de definição do que seria uma revista por esses mesmos agentes duplos. Mas é talvez mais interessante, dada a impossibilidade de definição exata, observar como alguns desses agentes também fogem a ela.

Em 1981 reuniram-se no México editores e críticos entusiastas de revistas literárias num simpósio organizado pela Universidade de Veracruz. O tema da mesa-redonda foi uma pergunta, que aparentemente os participantes deveriam, por sua vez, propor uma resposta a contento: “Qué es y para qué sirve una revista literaria?”. Desde sua formulação, é possível notar a vontade de delimitação de um conceito aparentemente necessário, e por isso mesmo impreciso. A pergunta dispõe o problema num palco de reflexão após a certeza, ou melhor, a suspeita, do papel das revistas para, por sua vez, ser relevante para a definição de alguma coisa.

O grupo é formado por participantes ativos em revistas literárias e com um longo caminho de participação no periodismo.<sup>11</sup> O caráter do que viria de suas falas seria de testemunho, como o de que “só quem vive sabe”. Não obstante, ocupam o lugar da crítica e se confundem com ela, na medida em que, de seu posto de produtores de revistas literárias apresentam-se como explicadores da mesma prática. Os fazedores de revista concentram-se em explicar suas próprias experiências revisteiras. Quando

---

11 “Iniciaremos una mesa que tiene como arbitrario y conjetural título: ¿Qué es y para qué sirve una revista literaria? A mi izquierda Carlos Monsiváis, que coordina el suplemento La Cultura em México de la revista Siempre!; Angel Rama, que ha visto fracasar, quebrar, cerrar, innumerables revistas literarias pero que está involucrado también em muchas otras; a mi derecha Carlos Martínez Moreno que también ha tenido bastantes aventuras em revistas literarias y permanece todavía em muchas; Arturo Azuela, además de diversos cargos de orden académico y novelista, ahora maneja la revista Universidad de México; Rafael di Prisco de Venezuela que hace la revista Escritura, además de su trabajo como profesor universitario, y Saúl Sosnowski, también profesor, que hace la revista Hispamérica; por mi parte, represento al grupo de la sección de literatura que hace La Semana de Bellas Artes.” SAINZ, Gustavo. Qué es y para qué sirve una revista literaria? 1981, p. 105.

procuram de fato responder à ideia inicial da mesa-redonda, tendem a responder à segunda pergunta: para que serve uma revista literária. Rafael di Prisco inicia sua resposta da seguinte maneira: “La verdad es que no sé qué preferiría: si responder a qué es y para qué sirve una revista, o responder el papel de una revista en la lucha de clases sociales, porque debo comenzar diciendo que no tengo la menor idea de lo que es una revista literaria y para qué sirve.”<sup>12</sup> Além da admissão do não saber, há a fuga através da admissão de um fascínio. Assim diz Angel Rama, na mesma ocasião:

Yo creo que todos los escritores somos revisteros. Todos temos una pasión secreta por ver revistas, aún más que por ver libros. Y creo que desgraciadamente este campo parece reducirse, cada vez más, a exclusivamente los escritores y no al público al cual normalmente están dirigidas las revistas. Es decir, que el productor se transforma em consumidor de sus mismos productos.<sup>13</sup>

Angel Rama propõe uma outra fusão, não apenas da geminação entre o escritor de literatura e o crítico literário, mas entre aquela, como um oroboro, que tem a ver com a recepção da revista. No caso, segundo ele, talvez a maior mira de um escritor seja o reconhecimento de outro escritor. E talvez esse outro seja ele mesmo, como Rama alude, que se fascina diante do próprio texto publicado em página de revista. Assim o escritor se divide mais uma vez, se desdobra no leitor, facilitando uma espécie de comunidade.

Carlos Montemayor, editor de Casa del Tiempo, tece considerações interessantes sobre o papel das revistas na sociedade. Em certo sentido, percebe-se que suas tentativas de definição acabam por tocar em problemas como o lugar da literatura:

En cuanto a proceso, la literatura lo es en tanto que es una acción que se manifiesta en múltiples puntos de un sistema social del cual sólo solemos ver los puntos culminantes o estáticos, hasta que lentamente se incorporan otros, por el paso del tiempo, o por la mudanza generacional o ideológica, o ambas. Una literatura mexicana es más rica que los puntos conocidos. Es más importante también que sus momentos aceptados o establecidos. Todas las formas en emergencia, maduras o inmaduras, deplorables o espléndidas, están constituyendo este proceso. El **escritor debe tener presente esto, las revistas mostrarlo**. En tanto que considero a la literatura como una parte del conocimiento, me apoyo en una comparación con otras áreas. Las revistas llamadas científicas no tienen duda en diferenciarse porque plantean de

---

12 PRISCO, Rafael di. Op cit., p. 107.

13 RAMA, Angel. Op. cit, p. 118.

inmediato, com muita claridad, el público al que van dirigidas. En las áreas científicas hay una distinción inmediata entre la revista científica y la revista de divulgación científica y la revista de divulgación científica, la revista que va hacia un público especializado y la que va hacia un público profano o lego. Esta distinción ocasiona varias modalidades: se diferencian en los textos que contienen y en sus lectores. A más contenido científico, mas especialidad de lectores; a más especialidad cierto relativo concepto de prestigio. Mientras más se encargan de la divulgación menos colaboradores, al menos en México, y más lectores. En las revistas literarias, creo, podría hacerse lo mismo. El nombre de revistas literarias no designa la misma voluntad ni ve el mismo objetivo, dirección, público, etc. Las revistas de divulgación literaria o de periodismo literario acaso no quedan diferenciadas bajo el nombre: revista literaria. Esto implica una distinción de literaturas pero sí una distinción de intención en profundidad. La utilidade de una revista literaria, pues, creo que depende, en primer término, de la naturaleza de esa revista: divulgación, especialización, vanguardia, etc. En segundo término, de la entereza com que la asuma. Desde este planteamiento, creo que se derivan varios niveles en los que el término utilidad, o para qué sirve una revista literaria, tiene distintos contenidos concretos.<sup>14</sup>

Pode ser apreendido que as revistas literárias, no sentido abordado pelos autores, sejam aquelas “pequenas revistas”, que fogem à lógica do mercado. A revista que mais se dá do que se vende, mas acaba se sustentando — em nome de alguma coisa, algum ideal. E que congrega um grupo de autores em torno de conjunto de ideais em comum, ainda que esse conjunto seja mínimo. Nesse sentido, também entram as pequenas revistas literárias que “duram” longo período: é o caso da *Poetry*, que atravessa o século XX e continua ativa nos dias atuais. Há, para Reed Whitemore<sup>15</sup>, numa pequena revista (ou *little magazine*, no texto original, ou *revista literaria*, na versão do mesmo texto na tradução para o espanhol), uma espécie de “seriedade”, como um senso de responsabilidade por alguma coisa. Isso significa também uma espécie de aliança, e esta pode se apresentar nas mais variadas roupagens, como na roupagem do desejo de vanguarda. Ou na de um desejo mais amplo:

[...] A ideia, por exemplo, de que se pode simplesmente representar a poesia apenas — e assim fazê-lo cultivando gênios e evitando tolos — é uma visão singularmente antissocial e anti-histórica da natureza da poesia, ou da arte da literatura como um todo. Ao basear sua aventura editorial em tal princípio, Miss Monroe, assim como os editores de *Poetry* que a sucederam e os de outras

14 MONTEMAYOR, Carlos. Op. cit., p. 116-117. Grifos meus.

15 WHITTEMORE, Reed. *Pequenas revistas*. Tradução Ana Maria Martins. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

revistas que a copiaram, trilharam o caminho de uma arte sem compromissos senão com a eternidade; o que constituía uma frágil estrutura.<sup>16</sup>

## 1.2 A REVISTA E SUAS TEMPORALIDADES

Pode ser o caso de pensar a revista menos como uma unidade a ser desvendada que um jogo de passe interminável de formação de alguma coisa, de um movimento de “estar voltado para”. Uma revista literária se apresenta como um espaço de diálogo. Não apenas entre colaboradores, entre escritores a construírem uma casa de publicação mútua. Mas um diálogo em movimento. E por isso o tempo é uma das chaves para compreendê-la: a relação da revista com o tempo é diferente da relação do livro com o tempo.

“Um desafio no tempo” é como Pablo Rocca se refere às revistas no espaço cultural latino-americano. O autor faz reflexão a partir do caráter dialógico de uma revista, diante do “acaso”, do “azar” no ocidente (ocidente enquanto hegemonia e dissidência). Para ele, um periódico é um terreno de cruzamento, de diálogo, “diálogo no tempo e não tanto contra o tempo”. Segundo ele, a revista

trabalha para o presente, para a difusão do conto ou do poema ou do artigo ou do capítulo de romance. Logo, com sorte, esses textos estarão destinados a circular em livro ou então ficarem pendentes no espaço cibernético até que alguém os recolha, até que alguém os “baixe” da internet. Ou se perderão para sempre ou se transformarão em referência de nota de rodapé em alguma tese de doutorado, para regozijo de eruditos ou como monótono insumo para a obtenção de um grau ou de um cargo universitário. Isso significa, como cria Borges, que “um periódico se lê para o olvido”, ao passo que “um livro se lê para a memória”? Ou, dito em outros termos, isso significa que o livro é um objeto sagrado e o periódico - até a revista literária - papel, papéis. Na verdade, um depende (ou dependeu) do outro, reciprocamente, mais do que pode depender o filme ou a exposição de pintura.<sup>17</sup>

Sim. Ler uma revista literária é perceber um senso de agoridade - o que nela é publicado se comunica com vários estados de coisa simultâneos, ainda que recupere

---

16 Ibidem, p. 16.

17 ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista. *Boletim de Pesquisa Nelic*, Florianópolis, v. 7, n. 10, 2007, p. 2.

em suas páginas, por exemplo, noções de literatura de outras épocas. A revista, contudo, é também o lugar do paradoxo, como o lugar da própria modernidade. Através dela, necessariamente, perpassa um feixe de anacronismos, ideias e modos de fazer, procedimentos, tipografias e caracteres de outros tempos salteados, interconectados pela malha da página, pela trama do discurso. Mas, também, a revista aponta para o futuro: no mal de seu próprio arquivo, naquilo que pode vir a ser destruído, mas sobrevive para ser reagrupado e reocupado das mais diversas maneiras, atualizado pela leitura do agora, não mais do texto impresso, mas do texto impresso pelos olhos que leem e pela cabeça que levanta após a leitura. Como páginas perdidas de uma revista rara.

Conforme *Mal de arquivo* já mencionado no começo deste capítulo, existe o arquivo apenas mediante consignação. Viu-se também que ele ocupa o lugar que a memória ocuparia se esta não possuísse a finitude inerente ao esquecimento. Nesse estado de coisas, há necessariamente o esquecimento atuando sobre a memória. Não obstante, o arquivo se apresenta enquanto força repetidora, visto que também ele, assim como a memória, não acaba de ele mesmo se acabar:

se não há arquivo sem consignação em algum lugar exterior que assegure a possibilidade da memorização, da repetição, da reprodução ou da reimpressão, então lembremo-nos também que a própria repetição, a lógica da repetição, e até mesmo a compulsão à repetição, é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte.<sup>18</sup>

Quem sabe aí resida uma das mais importantes conclusões do texto de Derrida para o presente capítulo no que diz respeito às diversas temporalidades de uma revista: a de que a pulsão de morte abre o arquivo para o futuro, na medida em que ele “trabalha contra si mesmo”, como sua própria “ameaça”. De volta à ideia de arquiviolítica, o mal do arquivo é sua incontornável violência contra si mesmo operado pelo ato de repetição na diferença e pela imprevisibilidade do devir. Assim, percebe-se na leitura do arquivo – ou, queiramos, na leitura da revista – um modo de operar que traz de volta às temporalidades da memória um certo acréscimo, os possíveis acréscimos do arconte: os apagamentos inevitáveis do papel, das preferências de leitura, das presenças ignoradas — ou, com a mesma intensidade (mas com maior

---

18 DERRIDA, *Mal de arquivo*, op. cit., p. 22.

poder destrutivo), os apagamentos causados por incêndio, pelo arquivo deletado, pela prova destruída de algo, naquele momento, inconfessável.

Como a pulsão de morte é também, segundo as palavras mais marcantes do próprio Freud, uma pulsão de agressão e de destruição (Destruktion), ela leva não somente ao esquecimento, à amnésia, à aniquilação da memória como mneme ou anamnesis, mas comanda também o apagamento radical, na verdade a erradicação daquilo que não se reduz jamais à mneme ou à anamnesis, a saber, o arquivo, a consignação, o dispositivo documental ou monumental como hupomnema, suplemento ou representante mnemotécnico, auxiliar ou memento. Pois o arquivo, se esta palavra ou esta figura se estabiliza em alguma significação, não será jamais a memória nem a anamnesis em sua experiência espontânea, viva e interior.<sup>19</sup>

Por extensão, é possível reconhecer o espaço de uma revista como a materialidade de um arranjo — na mesma medida em que as imagens carregam em si anacronismos. Uma revista tem a posse de recordações atravessadas, cruzamentos enviesados, coerências e paradoxos ao mesmo tempo, como a própria linguagem da poesia de um modo geral, que encerra em si mesma temporalidades distintas, como um “museu de tudo”.

A periodicidade de uma revista por si mesma também atua nesse diálogo temporal. A cada número, o que é dito é retomado ou não, atualizado, e a parte que coube cabe novamente. Atua sobre essa temporalidade, a reunião do material montado mais uma vez pelo leitor, num jogo de tensão quem sabe irreparável (até o próximo levantamento, até a próxima pesquisa).

### 1.3 REVISTA COMO ESPAÇO DE TENSÃO

Nesse sentido, pensar a revista literária é refletir sobre um material “mais de um”, que se espraia em limitadas, mas diversas esferas, ligado a determinados públicos e a determinados tipos de produção. Essa complexidade produz interferências na cena cultural e literária, posto que também nela se faz a crítica (onde durante muito tempo foi a revista seu lugar privilegiado), construindo o que se entende por cânone, por marginal, o processo de linhagem poética em curso. Enfim, o jogo tensional de publicação,

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 22.

divulgação, de agrupamento, de semelhanças formais, de contiguidades... Com isso, pode-se no mínimo afirmar que as revistas literárias se configuram como um espaço interessante para o mapeamento de formações e de sua repercussão em âmbitos da cultura, na tradição literária, em tensões entre o que Raymond Williams chama de hegemonia e de contra-hegemonia.<sup>20</sup> Em nota de rodapé do capítulo “Del campo intelectual y las instituciones literarias”<sup>21</sup>, Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano apresentam os tensionamentos possíveis no âmbito da cultura por meio das formações, na esteira da teoria de Raymond Williams:

Williams propone la categoría de *structure of feeling* como instrumento que le permite aferrar estructuras más o menos difusas, pero siempre colectivas, de conciencia y sensibilidad y abordar la emergencia de nuevas formas de conciencia social em el proceso mismo de su constitución, ya sea dentro, ya sea al margen, de instituciones, tradiciones o movimientos preexistentes. Se trata del surgimiento del “cambio” em el proceso sociocultural y de las marcas que dan el “tono” de una nueva promoción intelectual o de un nuevo período histórico, pero antes de que cristalice bajo la forma de ideologías, doctrinas, etc. En los análisis históricos se tiende a examinar estos fenómenos únicamente em pasado, vale decir, em términos de hechos consumados. Se los piensa según una lógica que establece, por un lado, categorías tales como clases, ideologías, instituciones, entendidas como formaciones ya estructuradas, y, por el outro, obras o significaciones concretas a las que se percibe como realizaciones del modelo categorial, em un movimiento casi deductivo. Por este procedimiento, piensa Williams, se desvanece la textura del presente y com ella se desvanece también la presencia de lo actual, es decir la trama de relaciones sociales, ideologías, instituciones, prácticas, etc., tal como son experimentadas y tal como se vinculan com ellas quienes son sus contemporáneos. Las incertidumbres, las tensiones, los deslizamientos de sentido, la variada gama de nexos que se establecen con las significaciones heredadas, em fin, todas las formas de conciencia práctica que acompañan la emergencia de un nuevo momento histórico, se retraen bajo el examen que piensa los cambios socioculturales sólo como *fait accompli*.<sup>22</sup>

Segundo Williams, a partir do conceito de *structure of feeling*, a análise da construção de uma determinada formação cultural perpassaria pela noção de emergência de uma sensibilidade coletiva. A ênfase, nessa perspectiva, recai não na conformação de uma ideologia localizada na história, mas no conjunto de relações e

---

20 WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992[1981].

21 SARLO, Beatriz, ALTAMIRANO, Carlos. *Literatura & Sociedad*. Buenos Aires: Libreria Harchette, 1983.

22 Ibidem, p. 99

interações sociais que ultrapassam a esfera do pensamento sincrônico. Assim, o que se entende por “presente” ou por “atual” entra em problematização. Entretecem-se, tensionalmente, instituições, práticas, organizações sociais de temporalidades e funções sociais distintas. O que se entende por agrupamento literário deve levar isso em conta, na medida em que a própria coletividade, que em última instância define o literário para um determinado círculo, é um projeto em constante mutação.

Isso não significa ignorar seu movimento no tempo e sua necessária conexão com outros objetos e organizações sociais: trata-se de um artefato vazado, em que se implicam essas relações estruturalmente. Assim, é um objeto que pede para ser engendrado na trama de uma cena literária, seja a nível micro (os erros tipográficos, atos falhos de uma impressão; a vírgula de um poema fazendo com que uma oração subordinada adjetiva passe de restritiva para explicativa) ou macro-histórico (os lugares do discurso que ocupam os autores, a distribuição da revista, sua recepção crítica).

Como um poema, cada revista pede a teoria. A partir da leitura e catalogação de um periódico literário é possível tecer presenças e apagamentos. Agora, não como um poema nem como um livro, ou talvez sim, talvez como os clássicos, a revista muda ao longo de sua periodicidade, e o traçado das flutuações estéticas e tensionais ao longo dessa periodicidade precisa ser feito. Revista como tensão: “A revista literária é uma forma da crítica e, no entanto, estabelece com ela relações bastante tensas.”<sup>23</sup>

Estudar uma revista pode significar observar não só a presença de autores invisíveis à crítica literária atuando e publicando ao lado (ou ao largo) de autores mais consagrados, mas sobretudo suspeitar acerca de um campo de forças que interfere nesse processo de invisibilização e canonização, suspeitar de algo maior que não só engloba a revista como transborda dela. Essas tensões acabam, por contragolpe, a possibilitar a interferência no que se entende por história, e a ajudar a construir uma outra historiografia, menos tradicional, mais paradoxal – talvez mais moderna.

É de se reconhecer que há um consenso no meio acadêmico de que um dos instrumentos atuais de legitimidade da produção do saber na área das humanidades é o periódico acadêmico, regido pelo sistema de avaliação por pares (na maior parte dos

---

23 ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, n. 2, 1997, p. 5.

casos, às cegas). A crítica literária e, conseqüentemente, o que hoje se entende por literatura foi fomentado através da circulação de revistas literárias, da crítica de rodapé em jornais e de suplementos literários ligados a jornais noticiários nos séculos XIX e XX. Já o discurso dito científico (em particular o que se constitui por parâmetro de cientificidade através do modelo das ciências naturais) tradicionalmente esteve ligado, por sua vez, “às agremiações e às academias científicas, que sustentavam (e frequentemente ainda sustentam) as revistas especializadas, meio de comunicação entre seus membros, entre pares.”<sup>24</sup> Contudo, essa distinção não é totalizadora, posto que a realização material das revistas, em especial até o século XX, flutua em gradações entre as duas “naturezas” de circuito:

Em sua indecidibilidade, a palavra “revista” tem valores duplos, contraditórios, e se aplica a contatos distintos. A dicotomia que vínhamos registrando entre as “revistas ilustradas”, os magazines do século XIX, e as “revistas científicas”, não levava em conta o outro contexto, o do surgimento daquelas “revistas literárias”, as “pequenas revistas”, nem o daquelas acadêmicas, com “cara de livro”, como é o caso da *Revista Civilização Brasileira*.<sup>25</sup>

São de se notar, além da ideia de revistas, suas funcionalidades. Maria Lucia, na mesma linha de pensar a flutuação do termo, que inevitavelmente se refere a algo que, como a cultura mesma, sofre transformações, a comunidade que se agrupa em sua revista é de algum modo inserida nessa espécie de simbiose:

Pensar as revistas literárias como formas organizadoras do campo literário e artístico significa considerá-las ao mesmo tempo como o elemento que institui e dá voz a grupos de artistas e intelectuais, que, elegendo afinidades, valem-se das revistas para constituir-se e para defender e propagar novos valores literários, estéticos e, também, políticos. Este tipo de revista, “una de las redes de la crítica”, funciona, portanto, como elemento formador e legitimador do próprio grupo que a faz, garantindo, a seus participantes, visibilidade e reconhecimento e, muito frequentemente, antagonismos e conflitos, na proporção direta ao grau de polêmica e de novidade suscitado pela produção do grupo.<sup>26</sup>

---

24 CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Outra travessia*, v. 40, n. 1, 2003, p. 25.

25 Ibidem, p. 30.

26 Ibidem, p. 36.

Perde-se em uma via de mão dupla a afirmação de que o grupo literário antecipa sua revista porta-voz: a revista, assim como as relações de amizade, constrói o grupo e o grupo em formação alimenta o periódico. Essa relação leva ambos a transformações: o reconhecimento da crítica é uma delas, assim como o reconhecimento de público. Mas não só: forma-se uma heterogênea maneira de ver o mundo – no nosso caso, de ver a literatura e a poesia (variações sobre o mesmo tema, como diz a professora Maria Lucia).

Exemplar disso é a publicação das revistas literárias modernistas – que atravessaram a década de 1920: *Klaxon*, *Terra roxa e outras terras*, *A revista*, *Estética*, *Revista de Antropofagia*, *Festa e Verde*, e que consolidaram tendências do modernismo, naturalmente não constituído somente na semana de arte moderna de 1922, como querem os manuais didáticos. Através dessas revistas, já objeto de estudo de diversos trabalhos, diferentes ideais do literário, do nacional e do moderno foram apresentados e retrabalhados – estudar essas revistas é adentrar a complexidade do modernismo em suas variadas faces e tensões, resguardando, inclusive, certo grau de calor do momento. Conforme Osuna, a história a partir das revistas literárias recupera os movimentos das transformações do que diz respeito ao literário:

Pero puede decirse que, en general, la historia de la hemerografía es una historia de especialización en lo concerniente a las revistas estrictamente literarias, que han tendido a lo largo de su historia a abandonar la miscelaneidad informativa no estrictamente creadora y a concentrarse en la pura creación, llegando a la especialización en cualquiera de los géneros, sean éstos los tradicionales o los hemerográficos. La historia de las revistas sería, vista desde las concepciones modernas de la literariedad, la historia de la subversión del lenguaje, pero vista desde el lenguaje, sería la historia de la subversión de la literariedad. La historia hemerográfica es la historia de la diversificación, siempre em estado perpetuo de moción, que ha ensanchado siempre su tendencia a la miscelaneidad pero también al cambio de los contenidos de ésta, no de forma diferente a la del periodismo, que, desde tratar un solo asunto en los boletines internos hechos a mano por campañas (en las que los lectores podían ver los contenidos de un vistazo rápido), y finalmente los periódicos propios, que resultaron ser ayer y resultan ser hoy una amalgama de todo lo imaginable.<sup>27</sup>

---

27 OSUNA, Rafael. *Las revistas literarias: um estudio introductorio*. Universidad de Cádiz, 2004, p. 21.

Luz Rodriguez Carranza<sup>28</sup> relembra do papel fundamental que tiveram o surgimento, a circulação e a abundância de publicações periódicas para a “nueva novela” latinoamericana nas décadas de 60 e 70 e mapeia as abordagens epistemológicas características dos estudos sobre o periodismo cultural das décadas subsequentes.

La hegemonía del modelo de la ‘nueva novela’ fue impuesta por cierto discurso académico de la misma manera que de los grandes relatos del pasado: con la reiteración sistemática de juicios de valor. Lo notable en este caso fue que esa repetición se logró en poco más de una década, porque la primera selección e interpretación de las obras fue contemporánea, simultánea a la producción que intentaba sistematizar, y a veces, incluso, anterior a ella.<sup>29</sup>

Segundo a autora, estão imbricados o processo de canonização de uma série de obras literárias e a atividade crítica e periódica de leitura e divulgação através das revistas, suplementos e jornais literários. Através do trecho citado, vê-se que mais do que a legitimação de uma obra em específico, Luz Rodriguez Carranza mostra a indissociabilidade entre a composição do literário e a composição de um campo discursivo em que a obra está inserida. Essa perspectiva de leitura não considera a legitimação da literariedade como produto de características somente intrínsecas de uma obra. Pelo contrário, salienta o papel da rede de difusão e avaliação para desde sua popularização até sua interpretação contemporânea. Isso significa um dialogismo marcado por rasgos de poder instados por posições na trama do discurso. A contemporaneidade da publicação com a crítica desenha um componente legitimante e acaba por interligar os dois fenômenos na base. Assim sendo, a postura analítica diante do material periódico solicita a consideração do princípio da heterogeneidade. A heterogeneidade se manifesta por diversas faces.

A professora Luz Rodriguez aborda o conceito de imagem como indício em dois sentidos. O primeiro deles é mais imediato ao sentido usual do termo, ou seja, indício de algo que não está, como pegadas ou partes de um todo ausente. O outro sentido percorre o indício na direção refratada, posto que o fragmento exerce também a atração

---

28 CARRANZA, Luz Rodriguez. *Interpelaciones: Indicios y fracturas em textos latinoamericanos*. Buenos Aires: Eduvim, 2019.

29 Ibidem, 30-31.

para o despertar de inquietações (sentidos). Este avesso da concepção usual parte de uma posição mais ativa do termo.

A autora busca observar em ações refratadas do olhar não o encadeamento do texto no símbolo imediato, na utilidade ‘resolvida’, senão o que “no pueden planificarse de antemano, son completamente ‘inesperadas’”<sup>30</sup> Luz Rodriguez parte do problema de se escrever a história quase contemporânea, de se escrever sobre o que de certa forma pouco se percebe com nitidez pela distância demasiado curta. Mais problemático ainda seria tentar captar o surgimento de certo fenômeno tendo em vista certo caos, para esse contexto, recente. Isso impediria alguma sistematização mais consciente, sem dúvida. Impediria? Problema de método.

O boom latino-americano é paradigmático para o pensamento sobre o papel das revistas literárias na cultura. Na década de 60, despontam Julio Cortázar, García Marques, Carlos Fuentes e Mario Vargas Llosa como romancistas novos em ascensão. Desde o princípio se vê que é às revistas literárias que se deve o impulso e o êxito editorial de suas obras. Porém, o estudo sobre essas revistas precisa abrir mão de uma abordagem aurática e monumentalizadora. De antemão, é o problema que Luz destaca acerca das análises empreendidas a partir da década de 70 sobre aquele fenômeno literário. O signo da pluralidade atravessa não só a proliferação de periódicos, como a própria constituição da cultura: “Esa riqueza increíble es catalogada aún hoy, sin embargo, en síntesis binarias omniexplicativas cuyas raíces es necesario desenterrar si lo que nos proponemos es recuperar la complejidad de las voces, los diálogos y las polémicas de una época no menos híbrida que la de este fin de siglo.”<sup>31</sup>

A ideia de pensar a rede discursiva em sua complexidade é fundante numa leitura do periodismo. Apenas pensando o estudo do periodismo considerando o objeto ‘vazado’, atravessado por diversos discursos é que podemos compor uma leitura do que é, desde a palavra que o nomeia, periódico. A cada reincidência, uma nova atualização do que se disse. Assim se reafirma o já dito, assim se o nega, assim se o ignora para sempre. Ou seja, sempre o que está dito está em perspectiva ao dito

---

30 Ibidem, p. 10.

31 Ibidem, p. 30.

anteriormente, visto que a ponte do tempo insiste em se armar a cada publicação. O dito é abafado ou, em alguns casos, soa mais alto. Até mesmo a não perspectivação esconde uma tênue linha dialógica na vizinhança mais ou menos distante.

## 2 A REVISTA LITERÁRIA FORA DE SI

Em 1989 João Cabral responde à revista 34 Letras quanto a filiações:

[...] Você acha que a geração de 45, que controlava os jornais de São Paulo, engolia o concretismo? Tinha que haver polêmica! Você acha que aquele tipo de poesia você pode instaurar sem polêmica? Sem dar explicações? Porque você acha que eu pude fazer essa poesia minha sem dar explicações, nunca discuti com ninguém, nunca fiz polêmica, por quê? Porque no fundo eu segui Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Murilo Mendes... Não fui um abridor de picadas como Mário de Andrade. Eu vim numa estrada que Mário de Andrade, Oswald de Andrade, os modernistas abriram. Essa geração de Murilo, de Schmidt, alargou aquelas picadas, e eu vim numa estrada, numa picada, já alargada por essa geração de 30. É isso que eu disse nesses artigos sobre a geração de 45 e eles ficaram loucos da vida comigo. Porque eles acharam que não, que eles eram tão inovadores quanto Carlos Drummond. [...]. A geração de 45 não tem nenhum poeta original. Geração é uma coisa real, mas eles tinham um sentido de geração quase de clube! Eles expulsavam uns sujeitos dessa geração de 45. [...] Mário de Andrade uma vez disse isso: que o grande defeito dos jovens era ler de preferência os poetas contemporâneos. O sujeito devia começar pela tradição.<sup>32</sup>

Cabral aponta para alguns problemas pertinentes ao que se denomina “Geração de 45”. Talvez o mais conhecido desses problemas seja o enfrentamento dos concretistas frente aos poetas de 45, que se iniciou com o desligamento dos então jovens poetas Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari do Clube de Poesia de São Paulo, em 1952. Em seguida, é bem verdade que houve naquele período de segundo pós-guerra, no contexto da crítica literária e de poesia promovida por poetas como Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugenio da Silva Ramos e por críticos da estatura de Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda e de Tristão de Athayde, o tensionamento entre o sentimento de prolongamento em relação ao modernismo e a ideia de ruptura para com ele. Esse embate em que o poeta se posiciona no célebre conjunto de ensaios “A geração de 45”, de 1952, perpassa outros âmbitos, outros enunciados. Mas não é desse problema que eu gostaria de falar no momento, senão desses outros espaços. Quero chamar atenção para um aposto dito por Cabral: “a geração de 45, que controlava os jornais de São Paulo”. Talvez ele não estivesse exagerando tanto assim.

---

32 34 LETRAS. João Cabral de Melo Neto. *34 Letras*, Rio de Janeiro, n. 3, mar. 1989, p. 35-36.

E talvez seja o caso, pelo menos, da atuação dos poetas no *Correio Paulistano*, um tradicional jornal paulista fundado no século XIX, que, apesar de “tradicionalíssimo”, na definição de Nelson Werneck Sodré, foi um dos primeiros a apoiar o movimento modernista e a Semana de Arte Moderna, de 1922. Contudo, suas instalações, de 1930 a 1934, foram subordinadas ao governo de Getúlio, frente ao qual o jornal manifestou-se contra.<sup>33</sup> Anos mais tarde, em 1940, no auge da censura do Departamento de Imprensa e Propaganda, conforme afirma Sodré, “a redação do *Estado de São Paulo* foi ocupada pela polícia militar: acusado os proprietários e diretores de terem ali armas escondidas, o jornal foi tomado, reaparecendo diretamente subordinado ao DIP, sob direção de Abner Mourão, vindo do *Correio Paulistano*.”<sup>34</sup> Dessa forma, percebe-se que, de todo, o *Correio Paulistano* não era opositor à ditadura, haja vista o manejo de seu diretor a serviço de uma estratégia de dominação da imprensa pelo governo getulista.

Ana Luiza Martins e Tania de Lucca, em *Imprensa e cidade*, comentam a estreita relação entre a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e os primeiros jornais de São Paulo:

À Faculdade de Direito estão ligados o primeiro jornal impresso local, o *Faro Paulistano* (1827), com redatores dos quadros da recém-criada Academia; o segundo jornal, de oposição ao absolutismo, *O observador Constitucional* (1829) do médico italiano Libero Badaró; o primeiro jornal diário da cidade, *O Constitucional* (1853), com quatro páginas; o *Correio Paulistano* (1854), primeiro grande jornal da imprensa paulistana.<sup>35</sup>

Assim, mesmo decorrido quase um século de sua criação, não é de todo inusitado encontrar numa das páginas do *Correio Paulistano* a notícia, de 22 de abril de 1936, que comunica a mudança de presidência da diretoria da Academia de Letras da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco. Assume a diretoria o acadêmico Domingos Carvalho da Silva. Nem é inusitado perceber que a nota não deixa de ser grande, nem que o título da notícia passe algum ar de relevância: “Realizou-se anteontem, às 20 e meia horas, na Sala Padrão [...] a solenidade da transmissão da

33 THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - O jornal que não ladra, não cacareja e não morde*. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

34 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 439.

35 MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.

diretoria, sendo empossados os novos dirigentes que guiarão a Academia de Letras no próximo exercício.”<sup>36</sup> Na mesma nota, anuncia-se a presença na solenidade de representantes de outras agremiações “culturais” e jornalísticas, como do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Associação Álvares de Azevedo, da Associação de Imprensa Universitária, dentre outras organizações, o que denota expressiva quantidade de manifestações estudantis atreladas à Faculdade de Direito e, conseqüentemente, à atividade jornalística. É com essa notícia, curiosamente, que se inicia uma longa frequência do nome de Domingos nas páginas desse jornal, seja como citado, seja como repórter, colunista e entrevistador. No mesmo jornal, alguns meses depois da posse da presidência da Academia de Letras, anuncia-se uma publicação cujo título remete tanto a uma ideia de poesia quanto a uma imagem da faculdade de direito: “Publicações — Arcádias”<sup>37</sup>, como revista oficial da agremiação. Diretor: Domingos Carvalho da Silva. Aqui já se reuniam poetas que 10 anos mais tarde integrariam a *Revista Brasileira de Poesia* como Menotti del Picchia, João Accioli e, é claro, o próprio Domingos. Mas o que se repetirá, em certa medida diferida, em certa medida não, é o tom bacharelesco da revista (que começa em seu título), o público-alvo que se quer leitores de literatura, uma separação de seções de poesia e de crítica e um certo hábito de olhar para o passado da literatura sem receio de parecer antimodernista (o que se pode denotar pelo fato de que se publicam no primeiro número poemas de Álvares de Azevedo — que também foi aluno da São Francisco).

Em 1943, Domingos reaparece com mais frequência no *Correio Paulistano*, desta vez no papel de jornalista. Em “Através da nova poesia portuguesa”<sup>38</sup>, publicado em setembro do referido ano, o autor analisa panoramicamente a poesia portuguesa

---

36 *CORREIO PAULISTANO*. Academia de Letras da Faculdade de Direito. *Correio Paulistano*, 22 abr. 1936. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_08&Pesq=%22domingos%20carvalho&pagfis=276](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22domingos%20carvalho&pagfis=276).

37 *CORREIO PAULISTANO*. Publicações — Arcádias. *Correio Paulistano*, São Paulo, 04 out. 1936. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_08&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=14551](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=14551)

38 SILVA, Domingos Carvalho da. Através da nova poesia portuguesa. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 set. 1943. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16167](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16167)

contemporânea. Comenta autores como Fernando Pessoa, Antonio Botto, Fernanda de Castro, Almada Negreiros, Adolfo Casais Monteiro, Alberto Serpa e Luiz de Montalvor. Reflete acerca do papel do simbolismo como ponte entre a poética “tradicional” e a poesia modernista portuguesa. A seu ver, o grupo de poetas atual prepara a poesia portuguesa para a fatura da “poesia do século”, engajada socialmente. No mesmo mês, há uma outra reportagem do autor, do que se pode depreender o início de uma atividade profissional naquele veículo. Em “Ainda a nova poesia portuguesa”<sup>39</sup>, o jornalista retoma crônica anterior sobre os poetas portugueses nas décadas de 30 e 40. Aqui, detém-se no papel importante que desempenha Adolfo Casais Monteiro e Augusto Casimiro na consolidação da “nova” voz da poesia portuguesa; segundo o autor, o modernismo português destes dois poetas se assemelharia ao modernismo brasileiro no tom “rebelde” e seus temas seriam parecidos aos de Murilo Mendes e de Augusto Frederico Schmidt. Um fato curioso e que talvez não deva passar despercebido é uma citação de seu colega tanto de faculdade quanto de trabalho: Carlos Burlamaqui Köpke. Köpke, assim como Geraldo Vidigal, também pontifica nas páginas do jornal, muitas vezes na mesma página que Domingos Carvalho da Silva — ambos os autores, junto de Péricles Eugenio da Silva Ramos (sobre o qual falarei mais adiante) voltarão a se reunir para fundar a *Revista Brasileira de Poesia*; aqui, no entanto, vemos que o agrupamento já se fazia em outros âmbitos cerca de quatro anos antes. E que esse agrupamento não se deu apenas em conversas pessoais ou epistolares, mas através do diálogo instaurado que uma página de jornal permite, ou seja, através da justaposição de textos, da atuação em uma cena cultural e literária.

É digna de nota a concentração deste agrupamento, que ora se espalha pelas páginas do jornal, ora se concentra em uma só, até finalmente se reunir, por um tempo, na revista fundada em 1947. Mesmo essa congregação, como separada, não impede a fluidez do conjunto de escritores e poetas. A união se dá nas diferenças, principal e independentemente da justaposição de suas poéticas.

---

39 SILVA, Domingos Carvalho da. Ainda a nova poesia portuguesa. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 set. 1943. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16245](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16245)

Em outubro de 1943 Domingos Carvalho da Silva publica “Os sapos contra Drummond”. Conforme texto de Maria Lucia de Barros Camargo sobre as cartas de Carlos Drummond de Andrade a Domingos Carvalho da Silva, o artigo foi seguido por carta de Drummond ao autor em tom de agradecimento:

Seu artigo foi para mim uma surpresa: tão corajoso, tão simpático. Reações dessa ordem, suscitadas pela poesia, tem para mim um sentido humano e fraterno, que compensa bem todas as incompreensões. Confesso-lhe que os ataques de má-fé ou burrice por vezes me magoam, mas, do ponto de vista estritamente literário, me deixam indiferente, nunca deixei de escrever qualquer coisa com receio de que ela desagradasse. [...].<sup>40</sup>

No artigo, Domingos sai em defesa de Drummond, contra supostos críticos incautos. O interessante é a expressão com que se vale para o ataque a esses críticos:

Aqui no planalto está ficando em moda uma esquisita técnica de autopropaganda literária: quando um moço qualquer, apenas iniciado em matéria de poesia, deseja chamar a atenção sobre o seu nome, vem a público e ataca o modernismo em geral, e em particular um dos seus nomes mais significativos: Carlos Drummond de Andrade.<sup>41</sup>

Com frequência, cinco anos mais tarde, Domingos recorreu ao mesmo artifício para defender suas posições sobre o modernismo e defendeu aguerridamente sua geração de poetas. A mesma crítica que faz aos críticos de Drummond em 1943 se repetirá contra si mesmo em 1948, proferidas por Patrícia Galvão e Oswald de Andrade, por ocasião de seus posicionamentos acerca da nova poesia. Sobre o artigo “Os sapos contra Drummond”, Maria Lucia também comenta:

Neste artigo, Domingos ainda considera Drummond um dos nomes mais expressivos do modernismo e repudia os ataques a ambos— ao modernismo e a Drummond — como “técnica de autopropaganda” praticada pelos “novos”. A ideia de fraternidade que compensa as incompreensões parece pautar a afabilidade das relações entre ambos os poetas e permite a inclusão de Domingos na categoria dos amigos.<sup>42</sup>

---

40 ANDRADE, Carlos Drummond de apud CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Prezado poeta: as cartas de CDA para DCS. *Texto poético*, São Paulo, v. 17, n. 34, 2021.

41 SILVA, Domingos Carvalho da. Os sapos contra Drummond. *Correio Paulistano*, São Paulo, 31 out. 1943, p. 6,8

42 Ibidem, p. 13.

A professora Maria Lucia mostra que, nessa mesma carta, Drummond envia a Domingos dois poemas inéditos e pede que este não publique:

Mas apesar do reconhecimento e do elogio crítico à poesia de Drummond, Domingos não respeita o pedido daquele que o chama “amigo” e publica no mesmo *Correio Paulistano*, em 20 de fevereiro de 1944, os poemas enviados por Drummond com o pedido de “não publicar”: “Anúncio da rosa” e “Fragilidade” vêm a público com o destaque: “Dois poemas inéditos de Carlos Drummond de Andrade”. No domingo seguinte, 27 de fevereiro, o jornal estampa mais um poema de Drummond: “Procura da poesia”<sup>43</sup>

Desse modo, é notório constatar que Domingos Carvalho da Silva não só mantinha contato com o que já se entendia por tradição modernista através de crônicas e referências, mas por meio de diálogo direto. Não só: sua atitude de publicar os poemas inéditos contra a vontade do autor revela uma espécie de não submissão (ou melhor, de falta de respeito). E esta postura de não submissão irá se repetir expressivamente ao longo dos próximos anos como uma das estratégias para afirmar um discurso geracional. O ato se transmuta em enunciado na medida em que é fundamental para esse discurso que se reafirma. Através dele, compreende-se o desejo de reunir nas páginas da posterior *Revista Brasileira de Poesia* artigos e fragmentos que afirmam o desponte de uma sensibilidade poética nova, compreende-se a afirmação do próprio Domingos em “Há uma nova poesia no Brasil”<sup>44</sup> de que a tal Geração de 45 não se coloca como dependente da “geração” anterior: enfim, ajuda a delinear uma ideia de ruptura.

Em janeiro de 1944, o autor publicou o texto “A poesia acadêmica no último decênio”.<sup>45</sup> No texto Domingos, entendendo a dita “poesia acadêmica” como apenas as publicadas por estudantes das arcádias, analisa volumes de poesias publicados por acadêmicos do curso de direito de sua antiga faculdade; a quantidade é bastante grande, cerca de seis em 1938, dois em 1939. Em 1940 é publicada uma antologia por

43 Ibidem, p. 14.

44 REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Há uma nova poesia no Brasil. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 3, 1948.

45 SILVA, Domingos Carvalho da. A poesia acadêmica no último decênio. *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 jan. 1944. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=17409](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=17409)

Ulisses Guimarães, intitulada "Poesia sob as Arcadas", incluindo trinta poetas em cinquenta e nove poemas. Domingos distingue que o volume reúne poesia acadêmica e poesia publicada por poetas que não eram mais acadêmicos da referida faculdade de direito. Segundo ele, essa distinção precisaria ser realizada. A reunião sob o mesmo volume — e sob o mesmo rótulo de "acadêmica" - de poemas publicados por poetas que fizeram parte do colegiado, e não mais o fazem, é sintoma de uma conformação da poesia, em que pese não só o pertencimento efetivo, mas "espiritual" daqueles poetas em relação às chamadas "arcadas". Contudo, vale apontar para o que Domingos diz ser o mérito da antologia: "Salva-se o livro 'Poesia sob as Arcadas', entretanto, pela colaboração de vários poetas [...] e principalmente pela apresentação de novos nomes, entre os quais convém destacar, pela ordem de importância, a meu ver: Péricles Eugenio da Silva Ramos, Mário da Silva Brito, Germinal Feijó, Maria Farah e Celeste Angela de Sousa Andrade."<sup>46</sup> Aqui são destacados, "por ordem de importância", dois poetas estreantes em 1941, mas fundamentais para as edições da *Revista Brasileira de Poesia* em 1947, quais sejam, Péricles Eugenio da Silva Ramos e Mário da Silva Brito. Sobre a poesia de estreia do primeiro, Domingos Carvalho da Silva aponta que "não lhe faltará certamente a marca da inevitável influência poética que as Arcadas imperecíveis vêm exercendo sobre gerações e gerações de estudantes e poetas". Apesar da teórica datação dos conceitos de "geração" e "influência", o autor pode não estar completamente incorreto ao sugerir a possibilidade de ressonâncias dessas "arcadas" na poesia e na literatura subsequente. Ao longo dos anos, a poesia e os nomes dos poetas persistem a reaparecer nas publicações da segunda metade dos anos 1940, sugerindo um retorno das estruturas sociais presentes nas organizações e publicações da poesia e dos poetas considerados "acadêmicos" na época, marcada por eventos como o I Congresso de Poesia de São Paulo e o posterior Clube de Poesia de São Paulo. De acordo com João Cabral de Melo Neto, este último funcionava como sinônimo para o que "eles" entendiam por geração, como mencionado na entrevista para a revista "34 Letras".

Alguns anos depois, em 16 de novembro de 1952, três dias após a conferência de João Cabral "Poesia e composição" (que seria publicada na *Revista Brasileira de*

---

46 Ibidem, p. 6.

*Poesia* só em 1956), o então presidente do Clube de Poesia de São Paulo, Domingos Carvalho da Silva, publica uma reportagem no *Correio Paulistano* com uma entrevista com o poeta de *O engenheiro*. "É certo: eu poderia ter me prevalecido da condição de amigo pessoal do poeta e da condição de diretor do Clube de Poesia, para dispor melhor do seu tempo, numa entrevista longa e meditada.[...]"<sup>47</sup>, admite Domingos, afirmando que coletara o material da entrevista ao longo de três horas espalhadas em momentos de diálogo com o poeta que esteve em várias reuniões nos três dias que passava no Brasil. Em uma delas, na casa de Domingos Carvalho da Silva, "o poeta debateu, durante horas e horas seguidas, os mais complexos temas de poesia e de arte, de modo cuja transcrição seria difícil, salvo numa revista destinada a um pequeno público especializado."<sup>48</sup> De fato, nessa mesma reunião aparentemente informal estiveram presentes outras personalidades de maior relevância para a *Revista Brasileira de Poesia* e, conseqüentemente, para o Clube de Poesia de São Paulo, como Péricles Eugenio da Silva Ramos, Geraldo Vidigal, Carlos Burlamaqui Köpke, Geraldo Pinto Rodrigues, dentre outros. Porém, Domingos dá destaque e faz questão de transcrever em discurso direto considerações de Cabral a respeito da questão geracional que, desde a publicação do artigo de Tristão de Athayde, "O neo-modernismo", de 1947, vinha sendo alvo de tomadas de posição díspares e incongruentes. Diz João Cabral:

Os autores de 1922 fizeram um trabalho importante de limpeza do terreno. Depois da limpeza, os de 1930 começaram, a partir dos pontos de colonização, isto é, da invenção pessoal dos melhores, a conquistar aquele terreno. O que me parece caracterizar melhor os de 1945 é que eles estarão procedendo à extensão daquela conquista. Não é uma poesia de combate, como a de 1922, nem de invenção, como a de 1930. É uma poesia que busca consolidar conquistas, explorar o terreno que a geração anterior havia conquistado e não utilizara completamente.<sup>49</sup>

É no mínimo curioso que o recorte transcrito das "horas e horas seguidas" de debate acerca dos problemas da arte e da poesia seja o que se refere à questão geracional mencionada. A própria *Revista Brasileira de Poesia* tivera como texto inicial,

---

47 SILVA, Domingos Carvalho da. Preponderância da poesia sobre a prosa na literatura brasileira na hora atual. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 nov. 1952, seção 2, p. 1.

48 Idem, *ibidem*.

49 MELO NETO apud SILVA, Op. cit.

em dezembro de 1947, um artigo de Péricles Eugenio da Silva Ramos (que estivera na tal reunião) que colocava em debate o diagnóstico que Tristão de Athayde fizera da nova sensibilidade poética que então despontava, conforme texto já mencionado, feito apenas dois meses antes da data da publicação da revista, em setembro. Na época, Péricles Eugênio já tratava quase exatamente dos mesmos termos que Cabral, verificando a existência de uma linha de prolongamento entre o modernismo de 22 e as demais linhagens poéticas na cronologia. Porém, essa visão não fora ponto pacífico para a crítica especializada posterior enquanto esta ainda insistia em divisões geracionais, muito menos para o meio em que se inseriam os poetas batizados por Domingos como poetas da Geração de 45.

Pode-se observar, de algum modo, a formação de uma rede de circulação e consumo de bens simbólicos, conforme o conceito de Bourdieu. Para o autor, a autonomização de um sistema de trocas simbólicas necessariamente depende de três fatores, a saber, a constituição de um público, a formação de um corpo heterogêneo de produtores e a “multiplicação e diversificação das instâncias legitimadoras”. Através da ampliação de uma rede rizomática de instituições como o Clube de Poesia dentre outras atuações políticas e estéticas dos poetas do “grupo de 45”, é possível afirmar que este grupo mais ou menos fixo atua com bastante intensidade na formação de um discurso, no sentido que Foucault, em *A ordem do discurso*, elabora, ou seja, atua no controle de sua formação: “suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”<sup>50</sup>.

Como se sabe, a crítica escrita pelos poetas de 45, cuja frente aguerrida se aglutinou nas revistas *Orfeu* (no Rio de Janeiro) e na *Revista Brasileira de Poesia* (em São Paulo), gerou impacto no circuito crítico mais referendado, conforme críticas ferrenhas de Sérgio Buarque de Holanda e de Oswald de Andrade aos poetas moços que surgiam:

---

50 FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, p. 8-9

A província **encartolou** e resolveu invocar alguns numes para despacho mais fácil da constelação paulista que quer suceder aos poetas de 22.<sup>51</sup>

Ao contrário, muitos dos novos de hoje se apresentam com uma **solenidade** de última instância. E parecem ignorar que poesia é tudo: jogo, raiva, geometria, assombro, maldição e pesadelo, mas nunca **cartola**, **diploma** e **beca**.<sup>52</sup>

De acordo com Bourdieu,<sup>53</sup> a produção erudita é marcada pela referendação ou não referendação dos pares do mesmo campo de produção, que funcionam como principal público-alvo, nesse caso, público leitor. Essa referendação não aconteceu para com a maioria dos poetas de 45, muito pelo contrário. Contudo, a presença desses poetas em diversos meios de produção discursiva possibilitou alguma intromissão na cena literária e poética da elite paulistana. Essas ressonâncias não são vistas aqui como mero produto de causalidades. Através de uma abordagem benjaminiana da história, pode-se abrir esse arquivo e ler nesses recortes de jornal um campo que não admite pacificações, mas fricciona enunciados díspares num modo não usual de escrever a história. É o que defende Didi-Hubermann em *Diante do tempo*.<sup>54</sup> O autor procura detectar um modelo de tempo que dê conta da ideia de sobrevivência da memória que não possua a linearidade de fatos como égide primária. Essa ideia de sobrevivência implica um processo quase ativo de não monumentalização. A sucessão perde força para o resquício, o esquecimento para a lembrança intrometida, as resoluções históricas para tensões insolúveis. Mas parece que o objetivo é ele mesmo diferente: trata-se de ver o controle da autoridade ruir como rui o controle da história, o espaço de delimitação do discurso entrar em choque. Trata-se de ver como convivências díspares não antagonizam numa união improvável.

De fato, monumentalizar um enunciado significa apagar arestas e dissonâncias (que seriam o que resta a pulsar, o que resta a incomodar a história em direção ao futuro). Essa perspectiva vai de encontro ao que observa Rancière no livro *Aisthesis*:

---

51 ANDRADE, Oswald de. Aviso aos navegantes. In: ANDRADE, Oswald de. *Telefonema*. São Paulo: Globo, 1996, p. 250. Grifos meus.

52 ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011, p. 173-174. Grifos meus.

53 BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

54 DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

Quinze anos de trabalho me levaram a conclusões exatamente opostas: o movimento característico do regime estético, que sustentou os sonhos de novidades artísticas e de fusão entre vida e arte compreendidos na ideia de modernidade, tende a apagar as especificidades de cada arte e a embaralhar tanto as fronteiras que separam umas das outras como as que as separam da experiência ordinária.<sup>55</sup>

O teórico afirma que a modernidade (o que se entende por ela) carrega consigo um emaranhado de desejos que dificilmente pode ser dissociado da experiência particular das mais variadas manifestações artísticas. De certo maneira, essa concepção não deixa de ser um modo de abordar a história, na medida em que problematiza conceituações e se volta para as fontes que as originaram, para a história das ideias em um sentido pouco conciliatório.

Através de recortes do *Correio Paulistano* podemos observar lampejos da formação de um discurso; lampejos, não a origem, mas indícios de agrupamento num espaço aberto por alguma rede de relações. E aquelas notícias sobre e de Domingos Carvalho da Silva são apenas exemplos desse espaço aberto. Vamos a outros exemplos, agora do poeta Péricles Eugenio da Silva Ramos. Outra manchete: “Posse da nova diretoria do Centro Acadêmico XI de agosto, de 1940”<sup>56</sup>. Mais outra agremiação, porém a mesma faculdade de direito. O nome de Péricles aparece na secretaria de redação. Um ano depois, outra nota: “Despertou grande contentamento nesta cidade a notícia veiculada pelo *Correio Paulistano* de que o prêmio Amadeu Amaral da Academia de Letras da Faculdade de Direito foi conferido ao sr Péricles Eugenio da Silva Ramo, etc etc, foi o primeiro prêmio do concurso de poesia.”<sup>57</sup> Aqui os caminhos se cruzam, e os nomes reaparecem. No mesmo ano, em 13 de agosto de 1942, Cecília Meireles profere uma conferência para os “imortais” da Academia e é “saudada pelo acadêmico

---

55 RANCIÉRE, Jacques. *Aisthesis*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Editora 34, 2021, p. 10-11.

56 *CORREIO PAULISTANO*. Posse da nova diretoria do centro acadêmico “XI de Agosto”, de 1940. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 fev. 1940. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=517](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=517)

57 *CORREIO PAULISTANO*. Lorena. *Correio Paulistano*, São Paulo, 02 fev 1941. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=4981](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=4981)

Péricles Eugenio da Silva Ramos”.<sup>58</sup> Em uma reportagem de abril de 1944, Péricles aparece ao lado do diretor geral do DIP, órgão responsável pela censura da imprensa, em um amistoso convescote de representantes da imprensa paulistana.<sup>59</sup>

**Figura 2:** Capitão Amilcar Dutra de Menezes



Fonte: *Correio Paulistano*, 1944.

Um mês depois, o poeta é nomeado vice-diretor do *Correio Paulistano*.<sup>60</sup> Nesse passeio bastante panorâmico se percebem, pelo menos, alguns relances do trânsito de dois poetas por entre a elite paulistana. Mais ainda, a participação e o papel atrelado a eles nas páginas de um jornal de grande influência na época (o que vai acontecer também no *Jornal de Notícias* de SP). Na notícia que comunica a promoção de Péricles a subdiretor do *Correio Paulistano* ele é apresentado como “o maior da poesia acadêmica do seu tempo. Mereceu, num dos concursos mais arduamente disputados nas Arcadas, o prêmio ‘Amadeu Amaral’, de poesia; tendo obtido menções honrosas

58 *CORREIO PAULISTANO*. Academia de Letras da Faculdade de Direito. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 ago. 1942. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=12017](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=12017)

59 *CORREIO PAULISTANO*. Capitão Amilcar Dutra de Menezes. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 abr. 1944. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18669](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18669)

60 *CORREIO PAULISTANO*. Novos dirigentes do “*Correio Paulistano*”. 23 maio 1944. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18925](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18925)

nos certames 'Álvares de Azevedo' e 'Joaquim Eugenio de Lima'. Necessariamente, impõe-se a ideia de que o "sucesso" no terreno da poesia "acadêmica" (bem como sua participação na secretaria de redação do Centro Acadêmico XI de Agosto) tenha relação com o prestígio em sua carreira de jornalista. Em nota do ensaio "A economia das trocas simbólicas", Bourdieu afirma que "prêmios, [...] eleição para uma academia, [...] presença em antologias de trechos escolhidos [...] não passam de formas diversas de cooptação cujo valor depende da posição dos cooptantes na hierarquia da consagração." Essa posição não pode ser detectada com uma precisão exata, mas pode-se pressentir seu grau quando observamos esses "cooptantes", ou seja, os integrantes de instituições prestigiadas pela elite paulistana, participarem de diferentes posições da rede de produção cultural e de um trânsito tranquilo entre os detentores do poder de censura.

Pode-se dizer que os escritores não eram de todo desconhecidos de um determinado campo de leitores quando publicaram, os dois, junto de Carlos Burlamaqui Köpke, João Accioli e Geraldo Vidigal (todos ex-alunos daquela mesma instituição universitária e, provavelmente, ex participantes das mesmas agremiações literárias caretíssimas), a *Revista Brasileira de Poesia*. De modo nenhum: no primeiro número, em 1947, na curiosa seção "Arquivo", que reúne como numa mesa de montagem fragmentos de textos sobre os poetas editores e contemporâneos publicados em revistas e jornais daquele contemporâneo. Textos críticos, precedidos pela referência, referências anunciadas muitas vezes em primeira pessoa do plural, textos recortados por mãos de arconte (aquele que tem o poder de arranjar o arquivo conforme convém, conforme seu poder permite, aquele que institui a lei). Fragmentos que dizem, no conjunto, que *e/les* já existiam, que uma nova sensibilidade poética despontava a partir do segundo pós-guerra naquele contexto brasileiro e que se formava, a princípio solidamente. Portanto, mais do que colecionadora, menos do que a busca por reconhecimento, a seção dava atestado de existência de um grupo, ou pelo menos tentava pretensiosamente. Além de ler como rastro de um desejo de grupo, vejo como um mecanismo de controle a forma como o discurso geracional é engendrado por esses poetas em atitudes como essa, de autorreflexão.

É nessa atmosfera de embate, conversa de amigos e disputa de território que o discurso se mostra. Apenas baseando-se numa ideia de discurso regida por vetores díspares e que exercem forças desproporcionais, sobre uma ideia de arquivo que não só derruba o monumento como estuda o rumor inconformado que o faz anteceder, só entendendo o enunciado como signo não de uma psicologia, mas de um lugar enunciativo é que Foucault propõe a postura da arqueologia. O autor reflete as relações da arqueologia com a disciplina de história das ideias. Nessa esteira, haveria dois tipos de preocupações: o estudo da história das disciplinas existentes, o estudo reinterpretativo de seus limites; e o estudo das disciplinas marginais e dos objetos secundários, pouco valorizados e que são constantemente impedidos de se firmarem, as “filosofias obscuras que perseguem a literatura”, a história da vida cotidiana, as formações culturais de pequenos grupos.<sup>61</sup> Dessa forma, importa a reincidência do que é dito. Importa notar o que é retomado, reafirmado, ou conduzido para vieses diversos. Importam os apagamentos, as mãos que recortam. Assim, uma descrição de uma formação discursiva não pode lograr na tentativa de “resolver” pontos de tensão: “as contradições não são nem aparências a transpor nem princípios secretos que seria preciso destacar. São objetos a ser descritos por si mesmos, sem que se procure saber de que ponto de vista se podem dissipar”<sup>62</sup>. Desse modo, os tensionamentos ganham protagonismo. É o que parece pulsar da matéria da *Revista Brasileira de Poesia*. Através de sua capa e conteúdos anacrônicos (no mau sentido), percebem-se apagamentos intrometidos, vazios inconfessáveis, mas que deixam vestígios. Assim, no ato indutivo de apagamento do discurso inaugural do congresso no próprio volume de divulgação de seus resultados, há uma visão que se torna possível e que vai além de um mero proferimento — através desse silêncio, abrem-se planos de acontecimento também carregados de valores, políticos, arquivísticos. Ou seja, revelam-se, nas palavras de Foucault, o “plano dos próprios enunciados em sua emergência singular; plano de aparecimento dos objetos, dos tipos de enunciação, dos conceitos, das escolhas estratégicas.”<sup>63</sup>. Estratégia. Sim, essa é uma boa palavra. Toda essa discussão pode soar repetitiva ou uma página conhecida, mas virada. No caso do grupo

---

61 Ibidem, p. 167.

62 FOUCAULT, Michel. Op. cit, p. 186.

63 Ibidem, p. 208.

de 45, entretanto, é uma discussão atual e que ainda não rendeu análise. Há poucos trabalhos até o momento sobre o assunto, em virtude da qualidade duvidosa da poesia da época, de uma aversão (muito bem justificada, a meu ver, é claro) ao bacharelismo dos poetas da “frente ofensiva” desse grupo; os trabalhos existentes, em grande parte, se limitam em verificar se os critérios e valores poéticos dos poetas (que teorizavam sobre a própria prática) “funcionavam” ou “funcionam” de fato, se se aplicam à matéria poética do período; e em verificar, a pretexto de invalidação, a contradição entre a crítica escrita pelo grupo e as mais variadas dimensões da vida literária (dentre elas a própria poesia). O trabalho na esteira da arqueologia iria por outro caminho, pois tem outros objetivos, talvez menos reconfortantes: “procura soltar todos os fios ligados pela paciência dos historiadores; multiplica as diferenças, baralha as linhas de comunicação e se esforça para tomar as passagens mais difíceis.”<sup>64</sup> A concepção dialógica e discursiva como modo de abordagem permite não repudiar esse termo, “geração de 45”, mas entendê-lo como cristalização de enunciados, o que explica também certo repúdio por parte da crítica e dos pares-poetas, que em sendo “concorrência pelo reconhecimento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares são, ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes”<sup>65</sup> Em outro trabalho pude observar a atividade de edição do material publicado na *Revista Brasileira de Poesia* através da análise das seções finais de seus volumes e dos enunciados de Domingos Carvalho da Silva contidos ali. Pôde-se constatar a atividade arcôntica do poeta e editor do periódico sobre o material nele publicado. Aqui o estranhamento se dá por uma espécie de inversão: a revista não surge (ou não se afirma) como aglutinadora de vozes desconhecidas que, no movimento de agrupamento, começa a delinear um modo de ler (e de escrever) a cultura, a poesia, a literatura, como parece a regra geral das pequenas revistas literárias que teriam por lançar ao público leitor um determinado grupo de autores um de seus objetivos principais.<sup>66</sup> Mas se preocupa em lançar uma

---

64 Ibidem, p. 206.

65 BOURDIEU, Pierre, Op. cit., p. 105

66 Maria Lucia de Barros Camargo, em “Revistas literárias contemporâneas”, comenta a relação entre a afirmação de um grupo na cena literária e o fim de sua revista: “Mas talvez a característica mais marcante, e que de fato identifica essas ‘pequenas revistas’, seja o vínculo entre tais periódicos e os grupos de artistas e intelectuais que fazem da revista o seu veículo de expressão. Por outro lado, ao organizarem ‘sua revista’, tais grupos encontram nela o próprio elemento de constituição enquanto

espécie de reafirmação, de tentativa de consolidar algo que supostamente já vinha se formando. É o que se verá adiante.

A partir da observação de uma vontade de reafirmar um discurso por parte dos poetas e editores da *Revista Brasileira de Poesia* de que um possível grupo de vozes poéticas novíssimas se firmava logo após acontecimentos sísmicos como o fim da Segunda Guerra Mundial, o fim da ditadura de Getúlio Vargas e a morte de Mário de Andrade em 1945, surge a inquietação de que essa presença arquiviolítica, política e arquivística, nada poética mas construtora de um discurso geracional, poderia se espriar por uma rede mais ampla que aquela revista — já que o signo da repetição pontificava desde seu primeiro momento. Tanto o I Congresso Paulista de Poesia quanto a formação do Clube de Poesia de São Paulo interferem na constituição da própria revista, que a este subordina sua administração a partir do sexto número do periódico. E tanto o evento quanto o Clube produzem ressonâncias na própria formação de um discurso geracional em torno do que se convencionou entender-se por “Geração de 45”. Dessa forma, surge a inquietação motivadora deste capítulo, que investiga a possibilidade de vestígios de outros nós desse campo de relações.

Em um certo sentido, abordar o referido campo de relações poderia significar ler através da ótica das relações de influências. Ler relatos sobre e daquele momento implica defrontar-se com uma preocupação, ousou dizer, já datada, ou seja, o problema das influências num sentido de avaliação de filiações. Mas, quando o que é dito é feito por alguém que conjuga tanto o papel de poeta quanto o de crítico, o acontecimento pode servir como índice de um enunciado possível naquele contexto, e até ajudar a delinear discussões (não sobre a influência em si, mas sobre um estado de comunhão, de comunidade que ecoa relações em potência).

---

grupo e de organização em torno de um programa estético (e muitas vezes também político), frequentemente formulado e amadurecido na revista, produzindo-se um trânsito em mão dupla de difícil dissociação. Constata-se ainda que tais revistas deixam de existir não apenas quando a inevitável penúria econômica assola seus realizadores — afinal, são revistas que atuam fora da lógica do mercado — ou quando tensões internas quebram a coesão do grupo, mas, especialmente, quando sua função como divulgadora e organizadora se cumpre, isto é, quando outros espaços de veiculação e reconhecimento se abrem a seus integrantes”. CAMARGO, Maria Lucia de Barros. *Revistas literárias contemporâneas. Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2003.

### 3 ARQUIVAMENTOS POSTERIORES

#### 3.1 A RECEPÇÃO TARDIA DA *REVISTA BRASILEIRA DE POESIA*

##### 3.1.1 “Contribuições para o estudo do modernismo brasileiro”: o trabalho de Maria Marcelita Pereira Alves

Pode o leitor pressupor, ao ler o título desta seção, que a *Revista Brasileira de Poesia* obteve reconhecimento crítico somente em momento não concomitante a sua publicação. Ao contrário, a *Revista* de fato foi recebida pela crítica em sua própria época. Discutida, elogiada, criticada negativamente. Foi lida e comentada por intelectuais renomados e atuantes em diversos meios literários e jornalísticos da época, como Oswald de Andrade e Tristão de Athayde, dentre outros, sem mencionar aqueles que participaram efetivamente do periódico (ainda que de modos particulares — às vezes enviados), como Antonio Candido, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Milliet e Cassiano Ricardo. Não obstante, essa participação da crítica, tanto “do lado de fora” quanto “do lado de dentro”, constitui as páginas da *Revista Brasileira de Poesia*, e por isso será retomada em momento oportuno do trabalho, no momento de sua descrição e análise detida. Aqui, no entanto, pretende-se retomar a fortuna crítica tardia do periódico, a acadêmica (ou universitária) — e que, por sua vez, não pode ser chamada de extensa, nem de constante. Na realidade, existe, até o momento, apenas uma dissertação de Mestrado a respeito exclusivamente do periódico, chamada “*Revista Brasileira de Poesia: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*”, de Maria Marcelita Pereira Alves.

O trabalho de Maria Marcelita, defendido em 1979, integra o conjunto de trabalhos de análise de periódicos orientados por José Aderaldo Castello no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), cujo projeto, como afirma Fernando Floriano Petry, tinha por foco as “revistas modernistas, principalmente nas paulistas”, tendo, por “objetivo concreto”, a elaboração de “uma história do movimento modernista brasileiro — e é aqui

onde paulista se confunde com o nacional — a partir dos periódicos”.<sup>67</sup> Isso explica o subtítulo do trabalho de Maria Marcelita, “contribuição para o estudo do modernismo”, ainda que a *Revista Brasileira de Poesia* tenha sido publicada mais de vinte anos depois do início do modernismo no Brasil.

O objetivo central da dissertação de Alves é observar “a fixação de pontos de afastamento e de contato com o movimento modernista, bem como para o questionamento de sua posição no processo de desenvolvimento de nossa literatura”<sup>68</sup>. Desde sua formulação, talvez se possa depreender que seu objetivo deixa à mostra valores teóricos, como uma ideia ampla de interconexão entre o movimento modernista e a revista de 1947, além de uma concepção de literatura nacional marcada pelo signo da evolução (o que faz recair sobre o primeiro pressuposto certos contornos). Ambos os valores são problemáticos, uma vez que tendem, como se verá adiante, a uma atitude de defesa do que pode ser chamado de modernidade do modernismo, em detrimento do giro neoclassicizante verificável no momento histórico-literário no imediato pós-guerra (como bem explica Vagner Camilo) e, muito particularmente, na *Revista Brasileira de Poesia*. Pode-se colocar em perspectiva, igualmente, a limitação do trabalho em verificar algumas interpenetrações temporais através de uma postura linear para com a formação da história da literatura, pouco eficaz para o mapeamento de relações ambíguas e controversas estruturantes de um enunciado discursivo.

A autora é certa ao afirmar, de maneira pressuposta, a existência de um “programa de ação” da *Revista*, tendo se constituído pela participação ativa nos meios literários, através da organização, por exemplo, do I Congresso de Poesia de São Paulo (1948) e de seu desdobramento na criação do Clube de Poesia de São Paulo. Aliado a isso, Maria Marcelita percebe na revista uma preocupação com o delineamento do panorama contemporâneo das tendências da poesia; em consequência, haveria um

---

67 PETRY, Fernando Floriani. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz: o arquivo rosa-cruz revisitado*. 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 50.

68 ALVES, Maria Marcelita Pereira. *Revista Brasileira de Poesia: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1979. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979, p. 1.

forte senso crítico por parte dos principais colaboradores do periódico — o que não se confirma no exame das resenhas publicadas acerca de novos poetas pelos próprios poetas novos, mas na seleção autorreflexiva de textos de críticos consagrados nas páginas da revista, que possuíam como temática a afirmação de uma nova sensibilidade poética naquele momento da poesia brasileira, como “Meditação sobre a linguagem da poesia”, de Otto Maria Carpeaux, publicado no nº 2; “Mensagem”, de Menotti del Picchia, do nº 3; “O salão, o café e o clube na história da poesia”, de Cassiano Ricardo, no nº 4; “Quatro poetas novos”, de Sérgio Milliet, nº 5; considerando os textos críticos publicados em outros meios jornalísticos colados na seção “Arquivo” do nº 1, como “Reação poética”, de Sérgio Milliet e “O neo-modernismo” de Tristão de Athayde, pode-se concluir que há pelo menos um texto afirmativo acerca da nova poesia em cada número até o quinto número (fora os inúmeros artigos dos próprios poetas de 45 editores e colaboradores do periódico). Não por acaso, isso não se encontra nos números 6 e 7 — sobre essa nuance falarei na seção “Mal de arquivo como procedimento”. Quanto à crítica escrita pelos próprios poetas novos no periódico, é notável o empreendimento impressionista e psicologizante de obras analisadas, bem como o aproveitamento de textos publicados primeiramente em jornais como o *Correio Paulistano*, como “Aspectos da personalidade e da poesia de Rodrigues de Abreu”, de Domingos Carvalho da Silva, republicado na seção “nobre” da revista em seu primeiro número. Ainda sobre o instinto de autorreflexão dos poetas de 45 no periódico:

Cientes de que algo mudara no plano literário, preocupava-se aquela revista em conceituar historicamente as tendências que se anunciavam. Entretanto, como o novo cenário literário, nos meados da década de quarenta, apenas se delineava, a sua conceituação se fazia quase sempre através do confronto com o modernismo. Essa atitude revelava não só a necessidade de afirmação do novo movimento, mas revelava ainda uma experiência crítica bastante desenvolvida, capaz de detectar e identificar, nos seus primórdios as tendências opostas e algumas diretrizes diferenciadoras de uma nova postura que apenas se esboçava em nosso contexto literário.<sup>69</sup>

Um dos problemas da dissertação de Alves é o uso do termo “pós-modernismo” para se referir ao momento e lugar da poesia em que a revista se insere. O termo pouco dá conta da realidade, a categoria “pós” não é especificada, explicada pela autora, e,

---

69 Ibidem, p. 3

aos olhos atuais, se torna pouco válida, haja vista a associação do termo ao *postmodernism* da literatura de língua inglesa, ou ao fenômeno da pós-modernidade, que nada tem a ver com a “geração de 45”. Há, também, embora muito pouco presente na crítica atual, a associação do termo ao período do modernismo imediatamente posterior à década da semana de 22.

Maria Marcelita tem razão ao detectar, certamente a partir da leitura do texto de João Cabral de Melo Neto, “Poesia e composição: inspiração e trabalho da arte” (publicado em 1956 na revista), que confluem de maneira pouco coesa no periódico a defesa, por parte dos novos poetas, de uma tendência à centralidade das discussões à materialidade da palavra, ora ocorrendo o culto da forma e do trabalho-artesanato da palavra poética, ora o enaltecimento do momento de inspiração da arte.

A autora julga valorativa e negativamente uma das conhecidas tendências da poesia da chamada “geração de 45”, que é o universalismo. Em suas palavras:

Encarado sob esta perspectiva o universalismo, nos moldes em que o consideram a maioria dos poetas pós-modernos, isto é, afastando-se deliberadamente do Nacional para retratar o ser humano sem vínculos com seu espaço vital, não passa de uma generalização abstrata de um impossível homem sem fronteiras.<sup>70</sup>

A pesquisadora, nessas suposições, impossibilita a análise das realizações estéticas e políticas da *Revista Brasileira de Poesia* — impede que se leiam tanto a heterogeneidade da poesia publicada nela quanto as possibilidades discursivas do que o suposto absentismo denotaria na amplitude da cena literária. Dessa maneira, não investiga o que talvez seja mais relevante, ou seja, as interferências dessas posturas em algo maior que os limites físicos do periódico. Da mesma forma, a investigação recai em juízo de valor, crítica de gosto — e os valores teóricos se tornam valores sociais de (des)legitimação, que não correspondem com a necessária escuta das ressonâncias (que de fato existiram) na rede do discurso, ainda que tenham produzido certo ruído neoparnasiano no ouvido dos que Bourdieu chamaria de “pares” (neste caso,

---

70 Ibidem, s/p

comunidade de escritores, a quem se destina tanto barulho, oriundos de semelhante classe social).

É significativo e notório, portanto, que, inseridos em tal contexto, prenhe de tensões sociais, econômicas e políticas que culminariam com o assassinato/suicídio de Getúlio Vargas em 1954, os poetas participantes da *Revista Brasileira de Poesia*, de um modo geral, conservam-se literariamente desligados da realidade circundante.<sup>71</sup>

Tal afirmação, talvez sintoma e sobrevivência de reações à postura daqueles poetas em suas atuações públicas (crítica de jornal, declarações para imprensa, conferências em congressos, etc) na cena literária mais ampla, ignora a pluralidade de poéticas presentes na revista e no período. Surge, tão logo, a dúvida quanto a que grupo a pesquisadora se refere, se se limita a uma questão geracional (o que englobaria não só Pércles Eugenio da Silva Ramos, João Accioli, Lêdo Ivo, Fernando Ferreira de Loanda, Domingos Carvalho da Silva, José Paulo Moreira da Fonseca, Bueno de Rivera, dentre tantos outros, mas também João Cabral de Melo Neto), ou se limita ao âmbito dos editores e atuantes na *Revista Brasileira de Poesia*. Pode-se, ainda, pensar que talvez se limite a uma só representação, concentrado em um só personagem, ao aguerrido Domingos Carvalho da Silva — além de criador do termo “geração de 45”, combateu ofensivamente os poetas (não só) modernistas nos meios literários, foi presidente do Clube de Poesia, publicou uma série de artigos nos jornais *Correio Paulistano* e *Jornal de Notícias (SP)* acerca de sua geração, e, muito insistentemente, fundou e dirigiu a *Revista de Poesia e Crítica*, uma espécie de sucursal tardia da *Revista Brasileira de Poesia* em Brasília, nas décadas de 1970 a 1990. Porém, a amplitude do que se refere a “poetas pós-modernos” não é elucidada por Alves. A autora afirma que o desligamento deste grupo da sua realidade circundante parece refletir uma aliança inflexível com o juízo de valor neoclássico e a alienação política, o que, no entanto, não é totalmente verdadeiro — é de mesma época a “Máquina do mundo”, de Drummond; José Miguel Wisnik<sup>72</sup> demonstrou a construção

---

71 Ibidem, p. 66

72 WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 304 p.

intrínseca do poema com a experiência poética e real da mineração e de seus efeitos em Itabira; Vagner Camilo<sup>73</sup>, por sua vez, verifica que a virada neoclássica de Drummond em nada denota expressamente aquele alienamento, muito pelo contrário). Como uma cobrança anacrônica, a autora se concentra em criticar negativamente, tal como fez parte da recepção imediata da *Revista*, o suposto absentismo hermético frente aos problemas sociais pujantes no contexto brasileiro. Esse questionamento certamente aparece como consequência dos acontecimentos históricos marcantes da década de 1940, como a II Guerra Mundial. Mário de Andrade, na conferência de 1942, “O movimento modernista”, admitiu a falta de engajamento político de sua geração modernista; por contragolpe, verifica-se, no momento em que ele o diz, essa mesma necessidade. Benedito Nunes, em “João Cabral e a geração de 45”, afirma que o público-alvo de Mário eram, sem dúvida, os novos poetas e críticos que despontavam no cenário da literatura. Mas negar a natureza do engajamento dos poetas em sua circunstância é, além de perpetuar a invisibilidade desses poetas, impossibilitar a observação de interferências e de mecanismos de poder que regeram a construção desse discurso geracional (que envolve a recepção, o reconhecimento, ou não reconhecimento, pelos pares, a participação em outros meios literários e políticos e a natureza dos enunciados).

### **3.1.2 O estudo de Gilberto de Mendonça Teles sobre “a chamada geração de 45”**

É comum encontrarmos, em estudos literários, fortuna crítica acerca de obras e escritores do chamado “cânone” literário. Sobre a obra de Manuel Bandeira, por exemplo, existem centenas, senão milhares de teses e dissertações que abordam inúmeras facetas (mais do que suas famosas tímidas e apaixonadas) de sua produção poética. Criam-se linhas de abordagem, defendem-se posições diferentes e estas são endossadas, divididas, entrelaçadas. A crítica, também ela, entra para um cânone. Não por acaso, a crítica tem essa função instituidora, assim como as instituições às quais

---

73 CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do povo à Rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

ela se vincula. Ou melhor, essas instituições, aparelhos ideológicos de estado<sup>74</sup>, não são o que são pelo controle mais amplo de uma crítica mais ampla e mais dominadora? Mas toda sorte de relação, nó, laço frouxo ou apertado, de amizade, acaso, ruptura ou imaginário interpenetra esse edifício esplendor. E os ratos roem. Há, entretanto, certo grau incalculável de interdependência entre o que de fato institui um projeto de enunciado e o enunciado em si mesmo. Até certo ponto, o que Angenot chama de “cena discursiva” pode e de fato interfere como agente sobre os “produtores discursivos”, os sujeitos inseridos nesse campo de relações: “Los individuos, sus talentos, sus disposiciones no son contingentes en una hegemonía anónima; son específicamente producidos, del mismo modo que en otras partes se producen lo obvio, lo vulgar, lo trivial.”<sup>75</sup>

Não é gratuita, portanto, a busca por projetos de leitura já empreendidos acerca de um mesmo objeto de estudo — é, talvez, fundamental que essa busca parta de alguma criticidade, a fim de evitar o risco de ser o agente cúmplice de um plano invisível e perdido no tempo. É uma tarefa que implica questionar os textos críticos antes de citá-los, ou, ao menos, localizar esses enunciados dentro de seu próprio contexto antes de qualquer coisa. Provavelmente, isso seja ainda mais forçoso quando da pesquisa de materiais pouco discutidos, como é o caso da investigação acerca da *Revista Brasileira de Poesia*. Nesse caso, o material crítico se apresenta disperso em mais de um gênero de publicação, haja vista a falta de quantidade expressiva de trabalhos acadêmicos recentes a respeito do tema.

Gilberto de Mendonça Teles<sup>76</sup> publica um balanço (ou uma defesa explícita) da “geração de 45” na *Revista de Poesia e Crítica*. Como já mencionado, a revista foi liderada e fundada por Domingos Carvalho da Silva; mesmo após quarenta anos do I Congresso de Poesia de São Paulo, um momento crucial na consolidação da ideia da

---

74 ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992, 128 p. Cadernos de Linguagem e Sociedade.

75 ANGENOT, Marc. *El discurso social. Los límites históricos de lo pensable y lo decible*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2012, p. 82

76 TELES, Gilberto de Mendonça. Para o estudo da geração de 45. *Revista de Poesia e Crítica*, São Paulo, 1986.

"geração de 45", a revista buscava reafirmar a existência dessa geração, como se fosse questão de convencimento. O texto intitulado "Para o estudo da geração de 45" oferece um arsenal de teorias acerca da validade do conceito de geração e de sua aplicabilidade ao caso da "geração de 45", corroborando as ideias, então maturadas (não seriam azedas?), do texto de Tristão de Athayde publicado em julho de 1947 sobre "O neo-modernismo". O autor, quarenta anos depois de Athayde, reafirma uma discussão que desde seu aparecimento tem sido uma das pautas principais em torno dos poetas de 45: a existência desse grupo. Teles faz uma dura e tendenciosa crítica aos críticos que puseram sempre em cheque o estatuto de "geração" aos poetas que estrearam no imediato pós-guerra no Brasil, principalmente transeuntes da *Revista Brasileira de Poesia*, em São Paulo, e da *Orfeu*, no Rio de Janeiro: "Até há pouco a crítica, que sempre estudou mal a poesia e a função histórica deste grupo, se repetia teimando em dizer 'a chamada geração de 45'"<sup>77</sup>. Esta expressão "a chamada" reflete a dúvida e a ironia na relação entre os poetas "trintanários" (como Oswald de Andrade os chamou na estreia da revista), outros intelectuais de sua geração cronológica vindos de diferentes meios sociais, como Antonio Candido, e poetas mais velhos que possuíam a experiência de duas décadas de modernismo já consolidado. Esta indecisão surgiu, de acordo com Gilberto de Mendonça Teles, a partir da tentativa de provocar essa cisão. Para o autor, a "geração de 45" foi um movimento "histórico e definido". No entanto, ele condena o uso da expressão "da chamada" amplamente utilizada pela crítica.

"Para os críticos que cobravam o engajamento temático, a "chamada geração de 45" era absenteísta e portanto estava fora da realidade brasileira. E nessa canoa embarcaram quase todos os estudiosos da nova poesia, revelando ao mesmo tempo, à medida que iam julgando esses poetas, um grande desconhecimento das técnicas e da função social da poesia."<sup>78</sup>

De fato, a postura da crítica frente à poesia dos poetas de 45 tem aludido ao termo "geração de 45" com alguma desconfiança. Entretanto, a discussão terminológica não se firma, como se verá, sobre a problematização do conceito de geração (que, com razão é questionável e, até mesmo, datado e generalizante). A recepção negativa da

---

<sup>77</sup> Ibidem, p. 20

<sup>78</sup> Ibidem, p. 20-21

crítica pelo nome “de batismo” desse grupo, a cuja especificidade Gilberto não faz referência, se deve menos a concepções teóricas de discurso geracional do que à validade do discurso poético dos novos poetas e ao significado da atuação deles na cena literária da época, que, longe de ser marginal, era bastante expressiva. Mas o autor procura justificar, responder à ojeriza para com a “geração de 45” com dados conceituais no que diz respeito ao uso do termo geração. Sua preocupação, como sobrevivência do sentimento de defesa aos poetas de 45 que nasceu juntamente com eles, é a de conceder legitimidade ao termo. Apesar de não concordar com seu fim (utilizado antes como ferramenta de legitimação que como ferramenta arqueológica), citar o uso do sintagma “da chamada” como um problema histórico é interessante. Não pela defesa de quem quer que seja, mas pelo vestígio concreto de um *ethos*, uma postura “para com”, que sobrevive certamente até os dias atuais.

Concentrando seus esforços em reafirmar a geração de 45 enquanto fato histórico dado, Teles recai no que o conceito de geração tem de mais arriscado: a separação mais ou menos linear dos fatos, o antes e o depois, eles contra os outros:

Com o pensamento de Julián Marías é possível ver que em 1945 há os ‘sobreviventes’ (poetas e leitores que ainda não são modernistas e insistem nos valores parnasiano-simbolistas); há os que estão no poder (os poetas de que vêm de 1922: Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo); os que são opositores, que se preparam para assumir o poder (poetas que vem de 1930); e os novos, de 45, que lutam contra a situação da atualidade: já não aceitam a liderança de Oswald e começam a achar que os da década de 30 vão sendo influenciados pelas suas novas ideias. E foi realmente o que aconteceu no Brasil.<sup>79</sup>

Não obstante, podem ser apontados alguns equívocos de Gilberto de Mendonça Teles em face de trabalhos recentes acerca do período. O conjunto de poetas “sobreviventes” de que fala pode ser confundido com os “novos”, conforme a crítica do período. Isso fica evidente na republicação pela *Revista Brasileira de Poesia* do artigo “Ritmo, parnasianismos e palpites”, de Péricles Eugenio da Silva Ramos, no qual o autor procura minuciosamente demonstrar no que sua própria poesia difere do que pode ser chamado de parnasianismos. Sua ferramenta argumentativa, ao contrário, o

---

79 Ibidem, p. 25

denuncia: afirma que, como se a real diferença dependesse disso, sua métrica, seu ritmo, ainda que estruturada em padrões, divergem das utilizadas por parnasianos. Seu texto é publicado primeiramente no *Correio Paulistano*, e é motivado por uma resenha de Almeida Sales a respeito do livro de poesia de Péricles, *Lamentação floral*. Assim, percebe-se que há por parte da recepção dos e pelos poetas de 45 uma zona em que se tocam as linhagens poéticas referidas, não sendo passíveis de distinção estrita e exata (a não ser cronologicamente). Não se percebe, por isso mesmo, em que medida essas florações se entrecruzam no panorama histórico, o que enfraqueceria tentativas de historiografia literária tradicionalmente linear.

Além disso, classificar como opositores ao modernismo os poetas que começaram a publicar seus volumes e a atingir reconhecimento em 1930 é um erro, como são sabidas as relações entre eles para a construção das diversas faces do modernismo, mesmo nos anos 1920. E, igualmente incorreto e tendencioso, realçar os “novos” como os insatisfeitos com a “situação da atualidade” é ignorar, por exemplo, o papel central de Sérgio Milliet para a consolidação do espaço de atuação literária dos poetas de 45, ou de Cassiano Ricardo para o reconhecimento do grupo do Clube de Poesia de São Paulo, do qual foi presidente; é também ignorar a oposição e a natureza da oposição entre Oswald de Andrade e Domingos Carvalho da Silva, e dos trânsitos que compartilharam, ou dos trânsitos em que se excluíram mutuamente.

Teles é certo, entretanto, ao afirmar uma tendência à negação dos poetas de 45 por parte da crítica contemporânea ao seu texto. A isso se deve, segundo ele, à ligação geracional aos valores poéticos hegemônicos das décadas de 1970 e 1980. E aponta para uma espécie de separação do joio do trigo, um movimento de extração “da chamada geração de 45” de certos poetas que “se salvariam”, como seria o caso de João Cabral de Melo Neto. Esse itinerário pode ser depreendido, por exemplo, da importância de Cabral para os concretos, que souberam valorizar o trabalho com a palavra poética enquanto materialidade e artesanato, e de sua inserção no paideuma concretista.

É interessante notar a relevância que Gilberto de Mendonça Teles, também percebida por Vagner Camilo, dá ao texto já mencionado de Tristão de Athayde, “O neo

modernismo”. Afirma que nele há a confirmação e o reconhecimento mais contundente de uma nova sensibilidade poética que despontava havia alguns anos. De algum modo, Teles atualiza a observação de Athayde de que aqueles novos poetas “não possuíam um líder”, com a qual não deixa de concordar:

Mas, se não houve um líder inicial, ele foi-se fazendo com o tempo. E à vista dos artigos, entrevistas, manifestos e promoções culturais, não resta dúvida de que o verdadeiro líder da geração de 45 é o poeta Domingos Carvalho da Silva. Ele tem sido o responsável pela permanência do sentido de geração, foi o que lhe deu o nome, o que tem dirigido, direta ou indiretamente, as revistas e até as edições dos poetas de 45.<sup>80</sup>

E como vinha se esforçando! O próprio texto de Gilberto de Mendonça Teles foi publicado, como já dito, na irmã mais nova da *Revista Brasileira de Poesia*, fundada por Domingos. Teles reconhece nesta última o “modelo” para a editada por Domingos em Brasília a partir dos anos 1970.

No que diz respeito às revistas dos poetas de 45, é interessante observar que o crítico considera o ano de 1947 o ponto de inflexão chave para a consolidação da “geração de 45”. A isso se deve, segundo ele, às revistas fundadas no Rio de Janeiro e em São Paulo, *Orfeu* e *Revista Brasileira de Poesia*, respectivamente. Somado a isso, acredita que de igual relevância possuiu a publicação de artigos sobre e dos poetas nos principais jornais da época, como o artigo consagrador de Athayde, e a preparação do I Congresso de Poesia de São Paulo.

### **3.1.3 A Revista Brasileira de Poesia aberta pela quarta capa**

Em “Abrir uma revista pelo seu verso”, trabalho de conclusão do curso de Letras-Português, na UFSC, analiso parte do material da *Revista Brasileira de Poesia*, seguida de sua completa indexação.

---

80 Ibidem, p. 28

Dessa forma, pretendeu-se, inicialmente, traçar um panorama da *Revista*, descrevendo maiores recorrências aferidas por um processo de indexação desenvolvido para o projeto integrado *Poéticas contemporâneas*. Sobre a metodologia e (outros) resultados de indexação, pode ser lida a seção “Dados de indexação no tempo”. Na observação geral, pôde-se constatar uma visível heterogeneidade de poéticas presentes no periódico, como a presença da poesia de Bueno de Rivera, Cassiano Ricardo, Nicolas Guillén, Menotti del Picchia, Rilke, Valéry, Domingos Carvalho da Silva, Giuseppe Ungaretti, Aníbal Machado, T. S. Eliot, José Paulo Moreira da Fonseca, Jamil Almansur Haddad, dentre outros.

Como já se disse no capítulo I deste trabalho, a heterogeneidade é uma marca inerente da revista literária. Entretanto, por trás das primeiras aparências e aparições, é notável uma espécie de força que congrega ou deixa de fora, que arranja de um modo e não de outro, que convida e que também rejeita.

A partir do trabalho de indexação, pude observar que nas seções finais da *Revista Brasileira de Poesia* os editores sutilmente mostram seus movimentos antes do jogo. Ou seja, deixam marcas de sua edição sobre o próprio periódico, mostram, através de palavras, gestos do momento de consignação do arquivo, denunciando justamente suas próprias escolhas.

Essas escolhas associam os componentes da referida heterogeneidade poética de certa maneira, jamais aleatória. E, assim, o caminho para mapear os pressupostos críticos de um dos editores mais participativos da revista tornou-se evidente.

Domingos Carvalho da Silva, que foi um dos editores da revista, publicou 21 textos no periódico. Seus textos publicados na seção “Os poetas deste número” deixam textualmente as motivações pelas quais a revista decidiu publicar determinado poema, determinado autor. É dele o uso de primeira pessoa do plural, ao contrário de outros comentadores da mesma seção.

Foi possível, no TCC, problematizar o papel do poeta-editor para a construção dos volumes, que deixam à mostra, em declarações ao mesmo tempo pessoais e editoriais, um lugar de atuação passível de ser chamado de poeta-arconte. O termo,

utilizado por Maria Lucia de Barros Camargo<sup>81</sup> em “Dos poetas e/em suas revistas”, evidencia o lugar do escritor que, além de editar a revista, é também poeta. Mais que isso: é o lugar exercido pelo poeta que mantém as rédeas de uma revista sobre a poesia de seu tempo, logo, o tempo de sua própria poesia. Nesse lugar de comando, de consignação do arquivo conforme o poeta e editor bem quer, interpõe-se, na vontade de edição, a vontade da poesia. De arranjar o lugar para ela, de a por sob condições. Assim, ainda mais visíveis se tornam as ausências da revista daqueles que compartilham, com o poeta, a comunidade dos poetas de seu próprio tempo.

### **3.1.4 Sobre a *Revista Brasileira de Poesia* no livro de Vagner Camilo**

Em *A modernidade entre tapumes*, publicado em 2020, Vagner Camilo<sup>82</sup> examina parte da produção poética brasileira escrita a partir da metade da década de 1940, com o objetivo de verificar o surgimento de uma inflexão neoclássica da lírica moderna. O autor desenvolve um estudo anterior, onde analisou a mesma inflexão, mas no caso de *Claro enigma* de Carlos Drummond de Andrade. Sem perder de vista a análise da inflexão neoclássica dos poetas que estrearam no modernismo da década de 1920, Camilo também aborda a produção poética de José Paulo Moreira da Fonseca e de Dantas Motta, poetas marcados por esse mesmo momento na lírica brasileira e classificados como poetas da "geração de 45" pela crítica tradicional. Dessa forma, o autor investiga o que pode ser chamado de antimodernidade na poesia dos modernistas em inflexão neoclássica, bem como em parte do grupo da chamada "geração de 45".

---

81 CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Dos poetas e/em suas revistas. In: PEDROSA, Celia; ALVES, Ida. *Subjetividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 238.

82 CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica da lírica brasileira moderna*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

Antimodernidade é um conceito recuperado e desenvolvido por Antoine Compagnon<sup>83</sup> em *Os antimodernos* e se refere não a uma espécie de tradicionalismo estritamente reacionário, mas, sim, aos “modernos a contragosto”, como Baudelaire enquanto lírico no auge do capitalismo. Nessa via, Compagnon afirma que “na verdade, historicamente, o modernismo, ou o verdadeiro modernismo, digno desse nome, sempre foi antimoderno, isto é, ambivalente, consciente de si, e viveu a modernidade como uma agonia, como o silêncio de Rimbaud deveria em seguida atestar”. Vagner Camilo, revisitando os arquivos e a poesia em torno do período da poesia brasileira marcada pelo segundo pós-guerra, deixa à mostra a necessidade de novos estudos em torno do grupo de poetas de 45 — poetas que fizeram parte não de uma geração marcada por manifestos aglutinadores, tampouco por coerências evidentes, mas marcada por transições e anacronismos (o que o autor chamou de *encruzilhada da lírica moderna*).

Essa inflexão, segundo mapeamento do autor, a partir de autores como Merquior, transcende o espaço restrito à poesia brasileira e se reflete em outros países. Junto a isso, é interessante a constatação de que essa tendência é assumida por grandes “influenciadores” da geração, Eliot, Valéry e Rilke:

De fato, a tendência neoclassicizante dessa geração se afina, em boa medida, com a segunda onda simbolista que se fez sentir em diferentes literaturas, conforme demonstram críticos como Edmund Wilson e Jeffrey Perl, ao examinar a “tradição do retorno” no Modernismo, partindo do redimensionamento do conceito homérico de nostos. E isso se torna evidente, sobretudo, no caso dos três poetas propostos pelos líderes de 45 como mentores de sua geração: Eliot, Valéry e Rilke. O risco do alargamento promovido pelos historiadores, entretanto, é perder de vista a composição de um núcleo original, que permitisse delimitar com mais precisão um perfil e um “programa” ou proposta estética da dita geração.<sup>84</sup>

Entretanto, no que diz respeito aos mais diversos tipos de relação entre os poetas de 45 e os modernistas “classicizados” (de influência, de temporalidades, gerações e de outras relações acerca da poesia de ambos os “conjuntos”), o autor

---

83 COMPAGNON, Antoine. *Os Antimodernos*. Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

84 CAMILO, Vagner, op. cit., p. 119-120

reforça a dicotomia já assinalada por Gilberto de Mendonça Teles, quer seja, a existência de certa oposição entre os poetas de 45 e os modernistas classicizados. Verifica que os poetas de 45, em sua maioria (com exceção de alguns, que “se salvariam”), não compuseram através das formas clássicas com a mesma força que os modernistas:

Em parte dos poetas brasileiros de 45 é possível perceber, como atitude literária, que o movimento regressivo é orientado por uma crença ingênua similar a esse retorno a uma perda inocência, denunciada por Herrera como impossível de ser resposta: ‘escrever em grande estilo’ e restaurar os laços com o público leitor...<sup>85</sup>

Vagner Camilo, no empreendimento panorâmico que procura delimitar, acaba por generalizar, mais uma vez, a postura poética dos poetas de 45 “em confronto” com os modernistas. Diante disso, é possível questionar se, além da afirmação de uma referida inocência, verificada pela realização poética mesma, haveria outras motivações para a diferença estética observada entre esses dois grandes conjuntos. Interpenetrações, relações de poder que extrapolam o âmbito da poesia, mas que interferem na construção de um determinado discurso geracional, interferem no juízo do gosto, no cânone e em pressuposições críticas. Como pôde ser visto através da conceituação de revista literária no primeiro capítulo, é característico de um grupo literário o paradoxo; então, não seria mais interessante refletir acerca dessa “volta” à poesia tradicional a partir desse signo? e, na mesma linha, acerca das relações sociais, pessoais e históricas que poderiam levar a tal sobrevivência?

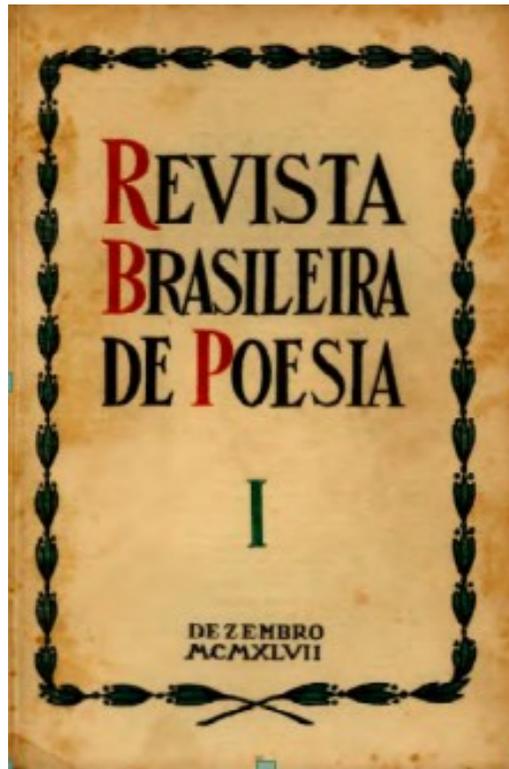
---

85 Ibidem, p. 115

## 4 ARQUIVOS INFLAMADOS

### 4.1 ESBOÇO OPORTUNO

**Figura 2:** Capa da *Revista Brasileira de Poesia* nº 1



Fonte: Acervo pessoal

Diante dos olhos, uma capa de revista amarelada pelo tempo onde se inscrevem os caracteres REVISTA BRASILEIRA DE POESIA em preto, a não ser pelas iniciais em vermelho, que convidam a assim apelidá-la: RBP. Sua aparência é austera: capa sem ilustração não fosse uma tímida margem florida. O contorno começa, se considerarmos que antes da pétala vem o caule, pela margem inferior, onde dois caules se cruzam e dão origem a corolas que se repetem enfileiradas. Além da seriedade das letras maiúsculas do título (e que possuem serifa, note-se), algarismos romanos informam a edição: primeira. E a idade: MCMXLVII, 1947. Olhos mais distraídos diriam que essa austeridade se justificaria por ser o periódico uma revista dos anos 1940, e passariam à folha de sumário sem maior estranhamento. Olhos mais especializados associariam essa austeridade não a uma simplicidade conveniente, nem à falta de projeto gráfico especializado ou de criatividade para *Invenção*, mas talvez a pistas de

um conteúdo ou ideias de poesia bem específicas. O projeto gráfico exposto nessa capa em nada lembra as capas da paranaense *Joaquim* ou da mineira *Edifício*, revistas contemporâneas da *Revista Brasileira de Poesia* lembradas como “divisor de águas da produção artística local”, e que apresentavam, cada uma de seu modo, capas com extraordinário requinte estético.<sup>86</sup>

A coleção de números da *Revista Brasileira de Poesia*, em uma estante, exibiria uma regularidade no tamanho das capas, que se mantém do primeiro ao sétimo número, o último: 80 páginas por edição. Entretanto, o conteúdo (e a capa, que perde o contorno florido a partir do número 6) dentro dessas páginas sofreu alterações. Uma visão geral da revista mostra isso e um panorama geral, como uma cartografia do material, é importante para uma leitura que considere diversos movimentos editoriais e poéticos. Mais detalhes podem ser encontrados na seção de indexação.

A revista começa com um artigo do diretor responsável, Péricles Eugenio da Silva Ramos, intitulado "O neo-modernismo". É interessante observar sua posição no periódico, sua argumentação e caráter de resenha. Essas características combinadas podem causar estranhamento e prenunciar o que está por vir. Como é o primeiro texto e de autoria do diretor da revista, ganha destaque, sendo o equivalente a um editorial.

No conteúdo, Péricles argumenta a favor da existência de uma nova sensibilidade poética que surgia nos últimos anos, expressa por poetas que pensavam em formas tradicionais e poesia pós-guerra, buscando unir novamente poesia e vida, assim como poesia e tradição. Reacionários na forma, mas progressistas no conteúdo. O autor afirma que essa sensibilidade é resultado do modernismo, aqui vista como uma procura de prolongamento e irmandade.

O neo-modernismo, nessas condições, não é nem pode mesmo ser uma negação do modernismo: ao contrário, é uma resultante, um produto fundamentado de sua evolução. A esta altura, só um perigo o ameaça: o de cair na repetição das velhas fôrmas e dos velhos processos, embora fôrma nada tenha a ver com fôrma. contra esse mal é que devemos precaver-nos, pois a técnica, sozinha, também não faz poesia.<sup>87</sup>

---

86 PEREIRA, Carlos Speck. *Abrir uma revista pelo seu verso*. Monografia (Graduação em Letras Português) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020, 154p.

87 RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. "O neo-modernismo". *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 1, 1947, p. 4

O artigo de Péricles é motivado por outro texto intitulado “O neo-modernismo”, publicado por Tristão de Athayde (pseudônimo de Alceu Amoroso Lima) na revista *Época*, naquele ano. Essa característica sugere que a revista estava abrindo espaço para outros meios de circulação da crítica literária, como jornais e revistas. De acordo com Gilberto de Mendonça Teles e Vagner Camilo, o texto de Athayde é conhecido como o artigo de maior impacto na avaliação da nova geração de poetas na segunda metade da década de 1940. Péricles debate esse texto e apresenta sua própria opinião sobre ele. Ele afirma que algumas das suposições de Athayde são incorretas, como a delimitação do “período modernista com a vida de Mário de Andrade”, que morreu em 1945. Péricles adverte que, de fato, a reflexão sobre a importância da forma da poesia, supostamente colocada em questão pelos novos poetas, é tributária de Mário de Andrade.

Como diretor da revista, a visão de Péricles poderia ser entendida como transcendendo suas próprias páginas autorais, afetando o resto da publicação. No entanto, isso não ocorre, exceto em casos de autores como Carlos Burlamaqui Köpke e Geraldo Vidigal, editores e colaboradores que apoiam sua perspectiva. No entanto, como Sérgio Buarque de Holanda já havia apontado, as ideias do “Empalhador de Passarinho” foram distorcidas por esse grupo de críticos.<sup>88</sup>

Não obstante, pode-se entender que as pesquisas estéticas defendidas pelos novos poetas se pautavam no livre uso das formas poéticas tradicionais, como uma tentativa de explorar, em uma chave moderna, as variadas “fôrmas” possíveis da poesia. Apesar disso, mais relevante, no momento, do que atestar a eficácia de suas teorias sobre si mesmos, creio que seja interessante notar o diálogo que se instaura a partir do texto de Péricles, que tem no texto de Athayde sua pedra de toque. Dessa forma, a revista é iniciada não com um manifesto, mas com um texto que tenta se inserir numa discussão já iniciada. Ou ainda: com um texto que anuncia que a discussão, tanto para

---

88 CAMILO, Vagner. O aerólito e o zelo dos neófitos: Sérgio Buarque, crítico de poesia. *Revista USP*, São Paulo, 2008-2009.

seu autor quanto para seu grupo, já tinha começado (e por um crítico literário muito bem conceituado naquela conjuntura), o que por si só é uma estratégia de legitimação.

Neste primeiro número, os artigos de cunho “teórico” são intercalados com a publicação da poesia propriamente dita. Logo após “O neo-modernismo”, apresentam-se “Cinco poemas de Bueno de Rivera”. Os poemas do escritor mineiro são “Olho de vidro”, “O inefável”, “A mão recebe o salário”, “Canto da insubmissão” e “Itinerário de Ângela”.

Interessante notar como nem as conceituações de Péricles, e até mesmo as de Athayde são suficientes para uma leitura que se detenha, por exemplo, em “Olho de vidro”:

#### OLHO DE VIDRO

Implacável a obsessão do olho na memória,  
mas um olho duro, repugnante, frio.

Um claro na geleira, olho boreal  
na cidade imersa.

Pedra de luz polida em máquinas, pupila artificial, sem nervos.  
rosa de papel, lago apagado, peixe  
dormindo.

Mar onde as imagens se evaporam  
sob um sol polar. Dança de focas,  
cabeças de esquimós no gelo morto.

Olho insensível

sobre a agonia dos náufragos na praia.  
Luz incolor dos túmulos  
e dos neutros no tempo.  
Os tormentos caem nos seios órfãos,  
rompe o pranto do povo, sangram faces  
e órbitas, mãos acenam, corpos  
boiam no eterno pântano; o olho não vê.

A vida se apaga, o espelho é cego.  
O mundo se dissolve inútil  
no olho mineral.

O poema de Bueno de Rivera não possui métrica fixa nem uma temática nítida. Aliás, sua materialidade impede qualquer realismo. Na primeira estrofe, “Um claro na geleira, olho boreal / na cidade imersa.” dispõe sobre a “obsessão do olho” lentes acerca da imagem, que se turvam, e assumem dimensões que se dilatam, como “na cidade imersa”. As palavras “claro”, “boreal” e “imersa” carregam os sentidos do que é difuso, longínquo, mas também do que é impenetrável pelo homem e que vai além de sua percepção. Eles prenunciam movimentos, o da dança das águas na visão da cidade imersa, o da dança da aurora boreal e a vibração da paisagem em que, ao longe, o olho se centraliza na clareira.

Mais enfoques, como pontos de atenção deslizantes (qual a pintura de Miró para João Cabral), saltam na estrofe seguinte, em “pupila artificial”, “rosa de papel”, “lago apagado”, “peixe dormindo”, o que forma uma espécie de imagem surrealista. Há nessa inventiva conexão algo de revolução, de não submissão a alguma coisa (quem sabe à fixidez), característico da arte surrealista.

Walter Benjamin, em “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia”, já pensava em como havia no surrealismo a consideração da palavra poética

como mágica, ou seja, como capacidade de atuação plástica sobre a representação. Citando Apollinaire, Benjamin deixa claro que o escritor “mostra como a palavra, a fórmula mágica e o conceito se interpenetram”<sup>89</sup>. Apollinaire, em “L’esprit nouveau et les poètes” (de 1918, um ano após a famosa exposição de Anita Malfatti), revela que

A rapidez e a simplicidade com as quais os espíritos se habituaram a designar com uma só palavra seres tão complexos como uma multidão, uma nação, um universo, não tinham na poesia sua contrapartida moderna. Os poetas contemporâneos preenchem essa lacuna, e seus poemas sintéticos criam novas entidades que têm um valor plástico tão composto quanto os termos coletivos.<sup>90</sup>

No mesmo texto, Benjamin fala do nexos criativo na geminação do som e da imagem e da implicação reverberativa dessa união na experiência surrealista:

A vida só parecia digna de ser vivida quando se dissolvia a fronteira entre o sono e a vigília, permitindo a passagem em massa de figuras ondulantes, e a linguagem só parecia autêntica quando o som e a imagem, a imagem e o som, se interpenetravam, com exatidão automática, de forma tão feliz que não sobrava a mínima fresta para inserir a pequena moeda a que chamamos ‘sentido’.<sup>91</sup>

O poema de Bueno de Rivera continua, na terceira estrofe, a trazer significantes que remetem à esterilidade do vidro, evocando tanto a animosidade/animalidade em “dança de focas”, como confronta essa mesma imagem com a dureza incontornável do “gêlo morto” — o terceiro verso da estrofe, “cabeças de esquimós no gelo morto.”, foge ao padrão métrico dos dois versos anteriores, o que não é por acaso. Percebe-se um cuidado com a forma, apesar de não haver no conjunto do poema um padrão rítmico; há o uso consciente do enjambement como ferramenta para mudança de sentido e para musicalidade.

A sucessão de imagens estéreis culminam no sentimento de impotência diante dos problemas que assolam a humanidade: “Os tormentos caem nos seios órfãos,/

---

89 BENJAMIN, Walter. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 28.

90 APOLLINAIRE apud BENJAMIN, *Ibidem*, p. 28.

91 *Ibidem*, p. 22

rompe o pranto do povo, sangram faces / e órbitas, mãos acenam, corpos / boiam no eterno pântano; o olho não vê.” É notável o ritmo que se apresenta nos três últimos versos citados — além de possuírem marcadores sintáticos que acarretam pausas (as vírgulas e o ponto e vírgula antes de, respectivamente, “sangram faces”, “corpos”, “o olho não vê”), há um “contexto rítmico” instaurado também pelo enjambement nessas mesmas ocasiões. Contudo, o que é ainda mais contundente, o contexto rítmico é cindido fatalmente no ponto final de “o olho não vê.”, retomando a figura do olho, impactado por tudo que tenta atingir e não consegue.

Essa experiência “do não” é captada pelo poema: “À expropriação da experiência, a poesia responde transformando essa expropriação em razão de sobrevivência e fazendo do inexperenciável a sua condição normal.”<sup>92</sup>. Algo que reverbera não em significado, imagem ou sofrimento, mas a possibilidade de dizê-los — e de manter silêncio —, isto é, a potência: a comparação da “vida” que “se apaga” presa na visão inerte do “olho mineral”.

Como característica da heterogeneidade de uma revista literária, há necessidades distintas de análise no que diz respeito aos diversos gêneros do discurso publicados. Pensá-los em conjunto é uma tarefa árdua e, se for pautada em sínteses estritas e totalizadoras, está fadada ao insucesso. Cabe, no entanto, refletir acerca de funções diferenciadas de cada texto no corpo da revista. Partir do texto para refletir o contexto notadamente heterogêneo.

Percebe-se, com a publicação do texto de Péricles, um desejo de inserção e de diálogo mais abrangente, definidor de uma linha editorial, comunicador de propostas e posicionamentos críticos. Já através da poesia propriamente dita, além de ler sua materialidade como um artefato à parte, deve-se perceber como ela se engendra no artefato mais amplo, que é a revista. Não para explicar o poema, mas para, através dele, pensar a revista literária.

O poema de Bueno de Rivera, apesar de possuir forma irregular de construção, não é alijado de musicalidade própria e ritmo, em consonância com a atmosfera soturna

---

92 AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

colocada por suas imagens poéticas. O poema explora as possibilidades do verso livre, alinhado a uma visão de verso livre já defendida e produzida por Manuel Bandeira, que o concebia como vetor de experimentação não tanto da liberdade quanto do ritmo; não obstante, é notável o uso de recursos linguísticos e sintáticos presentes na poesia de Carlos Drummond de Andrade, que soubera, como ninguém, compor sentidos multiplicados no uso de enjambements. Ambos os poetas são amplamente citados, como se verá na seção seguinte, em grande medida referendados pelos textos críticos da revista.

Além do poema “Olho de vidro”, que abre a série de cinco poemas de Rivera, dois outros poemas são escritos em verso livre, “Itinerário de Ângela” e “Canto da insubmissão”; como Péricles Eugenio da Silva Ramos já observou, a experimentação da “fôrma” do poema por parte dos poetas novos não impedia o uso de formas fixas. Dos cinco poemas, dois, “A mão recebe o salário” e “O inefável” seguem um padrão métrico, ainda que neste esse padrão sofra alterações. Sem adentrar na leitura cerrada dos poemas, percebe-se a recorrência, novamente, de temáticas relacionadas aos problemas sociais, com enfoque na desigualdade social.

Isso irá se repetir na série de poemas traduzidos de T. S. Eliot, naquele mesmo volume inaugural da *Revista Brasileira de Poesia*. Como já notou Vagner Camilo, pela primeira vez o público brasileiro veria traduzido o poema “The hollow men”, na publicação bilíngue assinada por ninguém menos que Vinícius de Moraes, à época poeta com expressiva reputação de poeta lírico. Ao poema traduzido por Vinícius, seguem-se “Little Gidding”, traduzido pelo editor Carlos Burlamaqui Köpke, “Um cântico para Simeão”, na tradução de Péricles Eugenio da Silva Ramos, e “Rapsódia de uma noite de vento”, por Domingos Carvalho da Silva. Percebe-se o destaque para a posição da tradução de Vinícius, a primeira da série, completada por traduções por membros do corpo editorial do periódico. Nota-se evidentemente um esforço conjunto de trabalho. Na publicação em conjunto, percebe-se a interação entre os poetas, na medida em que compartilham a tarefa em comum; é também importante apontar que, na mobilização de três dos mais importantes editores do periódico e do poeta Vinícius de Moraes, a poesia de Eliot era tida em alta conta, o que se confirma seja na ampla

citação do poeta ao longo da revista, seja no papel de Eliot para a crítica literária daquela época. Também aponta para uma valorização da literatura em língua inglesa, que se confirmará na publicação de outros poetas como Langston Hughes e Ezra Pound.

Ainda que não seja intenção analisar a poesia de Eliot neste trabalho, há um diálogo possível entre o poema de Bueno de Rivera “Olho de vidro”, e a quarta parte de “The hollow men”, na tradução de Vinícius:

[...]

IV

Os olhos não estão aqui  
No vale da morta estrela  
Não vivem olhos aqui  
Neste vale desdentado  
Boca desmantelada dos nossos reinos perdidos.

Neste humano fim do mundo  
Seguimos Tateando  
Mudos de palavras  
Aglomerados ao longo das praias do túmido rio.  
Cegos, a não ser  
Ressurjam-nos olhos  
Estrelas perpétuas  
Rosas multifólias  
Do reino do crepúsculo  
Única esperança

de homens vazios.<sup>93</sup>

No diálogo entre os poemas, há o uso metafórico dos olhos. Em "Olho de vidro", o olho é ao mesmo tempo ausente e presente - essa instalação se coloca sob espaços de magnânima impenetrabilidade. Também amplos são os espaços evocados pelos olhos, em "The hollow men", porém, no fragmento, "os olhos não estão aqui"; mas este "aqui" vivifica o espaço ausente, este "vale", que, assim como a "cidade imersa", aprofunda a percepção em camadas de desilusão. No poema de Eliot, há uma sobreposição entre este vale devastado e o corpo, como na prova da "boca desmantelada dos nossos reinos perdidos." Há caracteres de sujeição da corporeidade à experiência da inoperância, tal qual em "Olho de vidro": "Seguimos tateando / Mudos de palavras / Aglomerados ao longo das praias do túmido rio." A seu modo, Eliot não se utiliza de pontuação (a pontuação contida na tradução foi acrescentada por Vinícius, ou talvez tenha sido acrescida por engano na impressão), o que suscita certo paralelismo e, por isso mesmo, sobreposições de imagens, de lentes. Os recursos utilizados por Bueno de Rivera, que de algum modo também evocam a atmosfera onírica, são pautados em sucessões sintagmáticas, como já se notou. Entretanto, a temática do humano "vazio" e da vida que "se apaga" é compartilhada em ambos os poemas. Para Eliot, suas "Rosas multifólias / Do reino do crepúsculo / Única esperança / de homens vazios." é a insurgência do possível ao olhar; em Bueno de Rivera, as rosas não têm o mesmo efeito, e o eu poético se desencanta diante de sua artificialidade, pois "rosa de papel, lago apagado, peixe dormindo".

A poesia em língua inglesa e moderna é ainda motivação para o artigo de José Eduardo Fernandes, "A poesia inglesa e a guerra". No texto, o autor traz um rico panorama acerca da poesia inglesa que possuiu a guerra tanto como tema quanto como vivência por parte dos poetas enviados ao campo de batalha. Interessante notar que o autor cita Stephen Spender, crítico e poeta que circulou, em viagens para o Brasil,

---

93 No original, disposto ao lado da tradução na própria revista: "IV // The eyes are not here/ There are no eyes here / In this valley of dying stars/ In this hollow valley / This broken jaw of our lost kingdoms // In this last of meeting places/ We grope together/ And avoid speech/ Gathered on this beach of the tumid river / Sightless, unless/ The eyes reappear/ As the perpetual star / Multifoliate rose / Of death's twilight kingdom / The hope only / of empty men".

no entorno do grupo da *Revista Brasileira de Poesia* e que participou de várias atividades promovidas pelo Clube de Poesia de São Paulo. José Eduardo Fernandes toma por mote de seu texto a afirmativa de Spender de que “a guerra foi incapaz de produzir poetas de guerra; ao mesmo tempo, os poemas não foram capazes de não ser poemas da guerra.”. Ele enfatiza um pessimismo generalizado na poesia daqueles poetas, e considera de suma importância a expressão poética da realidade social e política no contexto de guerra e constata, com exemplos, a raridade dessa expressão na poesia inglesa de então. Ao final, prevê uma volta do “lastro de justiça social e histórica” da poesia em um futuro possível.<sup>94</sup>

No mesmo número são publicados, após o texto de Fernandes, seis poemas de Sérgio Milliet. Em seguida, são apresentados poemas de Langston Hughes em uma publicação bilíngue. As traduções do poeta estão a cargo de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida, Ênio Silveira e de Geraldo Pinto Rodrigues.

Parece bastar, para se ter uma noção geral do conteúdo da revista, este itinerário de textos. Para o conhecimento de todas as publicações poéticas e críticas da *Revista Brasileira de Poesia*, recomendo a consulta da catalogação completa do periódico, nos anexos de *Abrir uma revista pelo seu verso*, de minha autoria, disponível online.

Até o momento, apresentaram-se textos do “miolo” do periódico, em que se publicam poemas e textos críticos acerca da poesia. Mas a revista, ao final de seu volume, possuía outras seções, com letras menores, espaçamento simples — em suma, seções “de final de revista”. São elas: “Noticiário”, “Os poetas deste número”, “Arquivo” e “Bibliografia”.

A seção “Noticiário”, não por acaso, foi a mais longeva das seções, tendo sido publicada até o número 7. Sua principal função, até o terceiro número, foi a de divulgar as etapas de preparação e de realização do I Congresso Paulista de Poesia, como se

---

94 FERNANDES, José Eduardo. A poesia inglesa e a guerra. *Revista Brasileira de Poesia*, v.1, n°.1, dez. 1947, 30-38.

verá mais à frente. Fazia parte da agenda da seção noticiar viagens de escritores internacionais ao Brasil, bem como notas de falecimento de poetas brasileiros.

Com a realização do referido congresso, a seção ganha maior importância, além de crescer em tamanho. No terceiro número, são apresentadas, sumariamente, numa linguagem em estilo de ata, todas as “sessões plenárias” do evento. O tom bacharelesco da descrição andou lado a lado com uma estrutura regimental também burocrática. Isso pode ser mais bem visto na seção deste trabalho dedicada ao evento. Após a divulgação do evento, a seção “Noticiário” se deteve a noticiar e divulgar as ações do Clube de Poesia de São Paulo, cuja criação se deu no bojo do congresso de 1948.

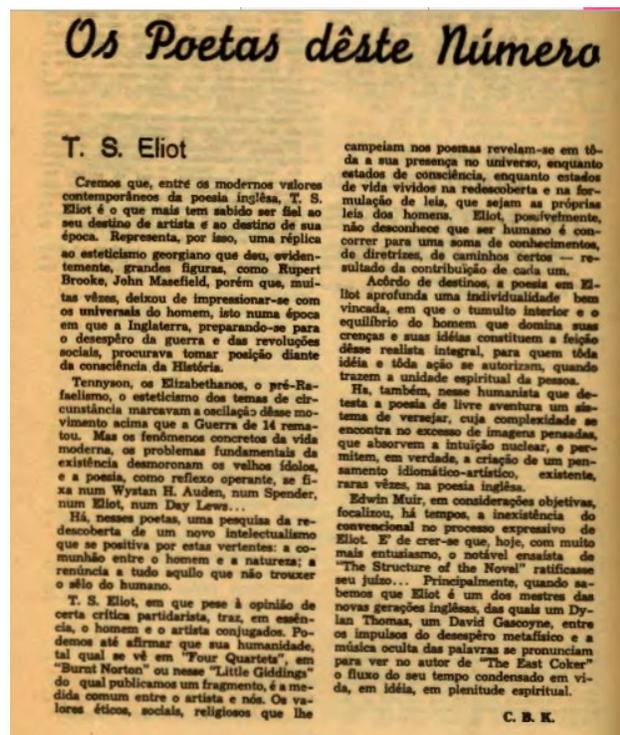
Tão logo é criado, o Clube de Poesia ocupa muitas páginas da *Revista Brasileira de Poesia* a partir do número 4, de fevereiro de 1949. Passa-se a publicar menos poetas e mais transcrições de discursos, ainda que estes contribuam para a consolidação de um discurso geracional. A linha conjunta, invisível, mas presente, que se via transpassar os textos no primeiro número deixa de existir, para dar lugar a textos de autorreflexão dos poetas de 45, como “O salão, o café e o clube”, de Cassiano Ricardo, e “Quatro poetas novos”, de Sérgio Milliet.

A partir do sexto número, a *Revista Brasileira de Poesia* passa a ser órgão do Clube de Poesia de São Paulo, invertendo, agora formalmente, os papéis de sujeição. Por isso, entende-se a permanência da seção “Noticiário” até o fim, em que só restava, praticamente, o espaço de divulgação de outros desdobramentos, outros agrupamentos sociais historicamente associados à *Revista Brasileira de Poesia*. Essa espécie de esvaziamento é também interessante para o desenho de um sem número de tentativas de inserção, por parte dos poetas de 45, na cena literária como um todo, ou, como disse Patrícia Galvão, um sem número de “tentativas de tomar o poder”. Em “Mal de arquivo como procedimento” há um aprofundamento da discussão a respeito do esvaziamento operado pelo e no periódico.

Por outro lado, “Os poetas deste número” foi uma seção que resistiu até o quinto número da revista. Nela são apresentadas as motivações de escolha de cada poeta

publicado no periódico. Na realidade, trata-se de pequenas notas biográficas e críticas, como notas de apresentação da vida e da obra dos escritores. Sua importância, neste estudo, reside no fato de que, na crítica aos poetas publicados, os poetas-editores da revista deixam escapar suas próprias motivações acerca do manejo do material poético do periódico. Abaixo há o exemplo da nota acerca de T. S. Eliot, assinada pelas iniciais C. B. K. (Carlos Burlamaqui Köpke):

**Figura 3:** Os poetas deste número, v. 1 n. 1



Fonte: Acervo pessoal

No pequeno artigo, Köpke aponta para a correspondência entre “o homem e o artista conjugados” na figura de Eliot; para essa hipótese, o autor se vale do poema publicado naquele volume, Little Giddings, dentre outros, a fim de demonstrar, através de generalizações pouco sustentáveis, uma espécie de universalidade em sua poética, que chegaria até nós, compartilhada em sua essência. Em suma, Köpke salienta a importância de Eliot para a geração de poetas modernos ingleses; de modo um tanto afetado e confiante, estende essa relação aos poetas modernos como um todo, o que

denota a presença do poeta-crítico no ideário de seus contemporâneos, pelo menos, nos seus conterrâneos fazedores de revista

A seção vê seu fim no quinto número, no qual se apresenta, dentre outros textos, comentário de Dora Ferreira da Silva sobre os textos que traduziu de Rilke, publicados naquele número. Dora não fazia parte do conselho da revista; sua participação se dá através da tradução do poeta alemão; nota-se, também, sua presença no I Congresso Paulista de Poesia e no Clube de Poesia de São Paulo, ainda que não possa ser mensurado o seu grau de participação. Através da publicação de Dora, nota-se certa abertura da revista à colaboração de outros autores mais ou menos fora do núcleo editorial do periódico. Esse câmbio se deu através de, principalmente, três frentes: da já existente inserção dos editores da revista em outros meios jornalísticos e culturais da época; à comunicação e formalização de correspondentes externos a São Paulo, em maioria poetas novos de relevo em suas respectivas cidades; e, após 1948, de contribuições oriundas da circulação de poetas no Clube de Poesia de São Paulo.

É este o caso dos estreantes Augusto de Campos, Haroldo de Campos, Décio Pignatari. No quinto número do periódico, sob o título “Poetas inéditos de São Paulo”, há publicações de versos dos três poetas; algumas páginas depois, de autoria de Péricles Eugenio da Silva Ramos, leia-se a seguinte nota:

Haroldo e Augusto de Campos, irmãos, ambos nascidos nesta Capital, o primeiro em 1929 e o segundo em 1931, estão cursando a Faculdade de Direito. De Haroldo, poeta de imagens brilhantes, o Clube de Poesia editará em breve, como o terceiro de seus Cadernos, “O Auto do Possesso”. Augusto de Campos, cuja poesia por vezes atinge notas de pungente humanidade, está também preparando um livro, provisoriamente denominado “O vivo”.

[...]

Décio Pignatari é natural de Jundiaí, onde nasceu em 1927. Mora atualmente em Osasco e cursa a Faculdade de Direito. Tem um livro ainda inédito - “O carrossel e sete anões”.

Através dessa seção, é possível detectar os laços que unem os poetas publicados e os poetas-editores da revista. Mas, na seção “Arquivo”, publicada até o terceiro número apenas, é diferente.

Em “Arquivo”, publicam-se trechos ou artigos inteiros oriundos de outros materiais de divulgação de crítica literária, como uma mesa de montagem. Na consignação dos fragmentos, há uma linha editorial que perpassa a seção, através da mostra de textos que possuem como tema... eles mesmos, os poetas de 45. Textos que assinalam o desponte de uma nova sensibilidade poética, como o já mencionado “O neo-modernismo”, de Tristão de Athayde, além de vários outros críticos referendados ou em alta conta para os editores da revista, como Sérgio Milliet. Os textos apresentados na seção são precedidos por uma nota da própria revista. Após a nota, o texto encolhe, dando a entender que o artigo anexado é de fato uma citação. É aí que reside a marca do poeta-arconte, que seleciona, que julga o bom e o notável, que dá um comando para o “Arquivo”.

#### 4.2 DADOS DE INDEXAÇÃO NO TEMPO

O projeto *Poéticas contemporâneas*, no qual este trabalho se insere, vem desde 1995 realizando estudos acerca dos periódicos literários e culturais que circulam ou que circularam no Brasil a partir de meados do século XX. Dentre seus objetivos, devem-se mencionar o mapeamento de pressupostos críticos que regem as revistas literárias, a detecção de linhagens poéticas, tecidas ao longo das publicações, a formação (ou não) de grupos literários, as discussões possíveis sobre a modernidade e o contemporâneo.

Para lidar com a vastidão de materiais, textos, ilustrações e até mesmo citações de um periódico, são necessárias fichas, muitas fichas. Ou seja, um arcabouço metodológico que dê conta de acomodar esses dados, antes de qualquer leitura e interpretação. A partir de uma leitura do índice é que se pode atestar e comparar a presença de um determinado elemento na revista com outro. No momento inicial de pesquisa, de leitura e fichamento de textos, é que se recolhem dados que, depois, reunidos, poderão dar indícios, pegadas a serem percorridas, antes invisíveis para o pesquisador. Acredita-se que o “léxico” de autores citados, colaboradores e referenciados, bem como sua frequência, de e em um periódico é fundamental para se

compreender os movimentos referenciais de um determinado contexto literário, em se tratando da literatura moderna, em especial do século XX:

Therefore, an important element of the literary frame of reference is the 'lexicon' of authors and writers available to critics and reviewers: the stock of classic and modern, minor and major poets and writers whose oeuvres the literary tradition and its present-day continuation. Indeed, that lexicon is so central to the literary frame of reference that its various characteristics can be used to measure important aspects thereof. That is, the lexicon can be used as a proxy for the literary frame of reference. Its various characteristics are also characteristics of the literary frame of reference. In what way could we empirically study that lexicon of authors and writers?<sup>95</sup>

Em praticamente trinta anos de experiência de estudos do periodismo literário e cultural, o *Poéticas contemporâneas*, através de sua metodologia de indexação pode facilmente responder à pergunta de Rosengren: os dados empíricos gerados pela pesquisa devem ser encarados como um ponto de partida; este ponto, longe de ser uma massa inerte de informações, deve ser vivo e movediço, como são vivas e semoventes as possibilidades de leitura de uma revista literária; a reunião de dados deve permitir, portanto, não só o armazenamento estanque de índices, mas possibilitar uma espécie de reconsignação do arquivo, um embaralhamento do jogo de deduções a serviço da memória entranhada. Enquanto índices numéricos, os dados, reduzidos à sua presença, devem ser encarados como um chamamento ao arquivo, incitando a cada vez uma outra abertura.

Assim é a “Base de Dados Periodismo Literário e Cultural”, ou seja, um sistema, disponível na sala do Núcleo de Estudos Literários & Culturais, que permite a indexação dos dados de cada elemento presente numa revista. A base foi construída *para* o *Poéticas contemporâneas*, ou seja, é totalmente voltada para o estudo do periodismo literário e cultural. Suas entradas foram discutidas à exaustão pelos pesquisadores envolvidos no projeto, a fim de atender a possíveis necessidades de pesquisa que cada revista, como um poema, poderia solicitar.

No cadastramento de cada texto na base de dados, o pesquisador insere, no campo pré-cadastrado para determinado número de determinado periódico, dados

---

95 ROSENGREN, Karl Erik. Literary criticism: future invented. *Poetics*, n. 16, North Holland, 1987, p.298.

relativos a título do texto, autor colaborador (o autor do texto apresentado), autor citado (cada autor mencionado), resumo (a ser elaborado pelo catalogador), autor como tema de texto (se houver), palavras-chave (a partir de um conjunto amplo, mas limitado de opções, a fim de assegurar agrupamentos de dados em relatórios de pesquisa), número de páginas e descrição de ilustrações (se houver).

O processo de catalogação para o projeto não se limita ao acúmulo de dados, à acomodação em uma estrutura em que o arquivo, uma vez dentro, permanece inerte. No cadastramento dos dados, ocorre uma indexação que permite, posteriormente, o cruzamento desses dados e a geração de relatórios. Na qualidade de projeto integrado, o *Poéticas*, através da base de dados, disponibiliza o acervo de dados catalogados em sua totalidade para aquele que a consulta. Esses relatórios não se limitam a uma lista ordenada com tudo que foi catalogado por qualquer pesquisador do projeto — podem ser utilizados filtros de pesquisa em combinação, como canaletas de tubulação, a fim de atingir uma determinada necessidade de trabalho.

Nesse sentido, é possível verificar, por exemplo, em quais periódicos determinado autor abordou determinado tema, citando certo autor num certo período de tempo. É possível, por exemplo, que esse conjunto de textos possam ser aferidos no grau de sua porcentagem, bem como justapor esse relatório com outros, de outras naturezas. Como se percebe, todas as entradas de catalogação podem se tornar movediças, de acordo com cada intenção. Dessa forma, torna-se a base fruto de um trabalho coletivo e para esse coletivo.

A indexação da *Revista Brasileira de Poesia*, considerando os mais variados aspectos que julguei interessante no momento, está presente em sua totalidade nos anexos de *Abrir uma revista pelo seu verso*, disponível para consulta no Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina.<sup>96</sup>

Haja vista que aquele trabalho já está disponível, apresento a seguir relatórios diferentes dos que foram gerados naquele momento, utilizando os mesmos dados da indexação do periódico. Agora, a necessidade de pesquisa mudou: percebe-se, na

---

96 PEREIRA, Carlos S. Op. cit.

leitura da revista, uma espécie de movimento de mudança ao longo do tempo, ao longo dos números dela, responsável por um esvaziamento da poesia e dos sentidos “de grupo” que davam razão à sua existência. Por isso, estão dispostas, desta vez, as ocorrências separadamente, não só através dos dados totais de todas as edições. Desse modo, pretende-se levar mais em consideração a flutuação de determinados dados.

Na tabela abaixo, são apresentados por ordem alfabética os autores mais citados ao longo de toda a *Revista Brasileira de Poesia*. Cada ocorrência significa a menção em um texto. Para cada texto que cite determinado autor, seja qual for a quantidade de vezes que tenha aparecido no artigo, corresponde a uma unidade de registro. Quando, por exemplo, o número assinalado for 2 (dois), significa que o autor foi citado em dois textos. As colunas da tabela, após a listagem de nomes, correspondem a cada edição da revista.

Quadro 1 — Autores citados (números absolutos)

| AUTORES CITADOS (números absolutos) |              |              |              |              |              |              |              |       |
|-------------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------|
| Nome                                | n.º 1        | n.º 2        | n.º 3        | n.º 4        | n.º 5        | n.º 6        | n.º 7        | TOTAL |
|                                     | set.<br>1947 | abr.<br>1948 | ago.<br>1948 | fev.<br>1949 | set.<br>1949 | jun.<br>1953 | abr.<br>1956 |       |
| Afrânio<br>Zuccolotto               | 1            | 2            | 1            | -            | -            | 2            | 1            | 7     |
| Afrânio Coutinho                    | -            | -            | 1            | -            | -            | 2            | 2            | 5     |
| João Accioli                        | 1            | 1            | 5            | -            | 1            | 2            | 2            | 12    |
| Alceu Amoroso<br>Lima               | 3            | 1            | 2            | -            | -            | -            | 1            | 7     |
| Augusto de<br>Campos                | -            | -            | -            | -            | 2            | -            | -            | 2     |

|                                  |   |   |    |   |   |   |   |    |
|----------------------------------|---|---|----|---|---|---|---|----|
| Augusto<br>Frederico<br>Schmidt  | 1 | 1 | 1  | 1 | 2 | 1 | 1 | 8  |
| Alphonsus de<br>Guimarães Filho  | 1 | 2 | 1  | - | 2 | 1 | 1 | 8  |
| Antonio Candido                  | - | 2 | 4  | - | - | 1 | 1 | 8  |
| Arthur Rimbaud                   | 1 | - | -  | 2 | 2 | - | 1 | 6  |
| Bueno de Rivera                  | 2 | 3 | 4  | 3 | 1 | 2 | 3 | 18 |
| Carlos<br>Burlamaqui<br>Kopke    | - | - | 13 | 1 | 2 | 4 | 3 | 23 |
| Carlos<br>Drummond de<br>Andrade | 1 | 5 | 6  | 3 | 2 | 3 | 2 | 22 |
| Cassiano<br>Ricardo              | 1 | 3 | 5  | 2 | 2 | 3 | 2 | 18 |
| Cecília Meireles                 | 1 | 1 | 6  | - | 4 | 4 | 2 | 18 |
| Charles<br>Baudelaire            | - | - | 1  | 2 | 2 | 1 | 1 | 6  |
| Décio Pignatari                  | - | - | -  | - | 2 | 1 | 1 | -  |
| Domingos<br>Carvalho da<br>Silva | 2 | 2 | 12 | 1 | 5 | 5 | 4 | 31 |
| Dylan Thomas                     | 2 | - | 1  | - | - | - | - | 3  |

|                          |   |   |   |   |   |   |   |    |
|--------------------------|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Fernando Pessoa          | - | 2 | 1 | - | - | 1 | 2 | 6  |
| Frederico Garcia Lorca   | - | 1 | 2 | 2 | - | 2 | - | 7  |
| Geraldo Ferraz           | - | - | 2 | - | - | - | - | 2  |
| Giuseppe Ungaretti       | - |   | 1 | 2 | - | - | 1 | 4  |
| Gôngora                  |   | 2 | - | - | - | - | 1 | 3  |
| Guilherme de Almeida     | 3 | 1 | 3 | - | 1 | 2 | 2 | 12 |
| Friedrich Hölderlin      | - | 1 | - | - | 3 | - | 1 | 5  |
| Haroldo de Campos        | - | - | - | - | 2 | 1 | 1 | 4  |
| Hilda Hilst              | - | - | - | - | 1 | - | 1 | 2  |
| Idelma Ribeiro de Faria  | - | - | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 7  |
| Jamil Almansur Haddad    | 2 | 1 | 6 | 1 | 3 | 4 | 2 | 19 |
| João Cabral de Melo Neto | 2 | 2 | - | 4 | 2 | 3 | 4 | 17 |
| Jorge de Lima            | - | - | 1 | - | 2 | 2 | 3 | 8  |
| José Paulo Moreira da    | - | 1 | - | 3 | - | 3 | 3 | 10 |

|                                    |   |   |   |   |   |   |   |    |
|------------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Fonseca                            |   |   |   |   |   |   |   |    |
| Lêdo Ivo                           | 3 | 2 | 2 | 2 | 2 | 2 | 3 | 16 |
| Leonard S.<br>Downes               | - | 2 | 5 | 1 | 2 | 3 | 1 | 14 |
| Lessing                            | - | 2 | - | - | - | - | 1 | 3  |
| Louis Aragon                       | 2 | 1 | - | 1 | - | - | - | 4  |
| Manuel Bandeira                    | 4 | 3 | 3 | 1 | 4 | 3 | 3 | 21 |
| Mário da Silva<br>Brito            | 1 | 1 | 6 | - | 2 | 2 | 2 | 14 |
| Mário de<br>Andrade                | 5 | 2 | 4 | 3 | 1 | 3 | 1 | 19 |
| Murilo Mendes                      | 2 | 1 | 2 | 1 | 1 | 2 | 2 | 11 |
| Novalis                            | - | - | - | - | 2 | - | - | 2  |
| Olavo Bilac                        | - | - | 2 | - | 1 | 2 | 1 | 6  |
| Oswald de<br>Andrade               | 1 | 2 | 8 | 2 | 4 | 2 | 1 | 20 |
| Paul Eluard                        | 2 | 1 | 1 | 1 | - | 1 | - | 6  |
| Paulo Mendes<br>de Almeida         | - | 1 | 7 | - | - | 2 | 1 | 11 |
| Paul Valéry                        | 1 | 3 | - | 1 | 2 | 3 | 2 | 12 |
| Péricles Eugenio<br>da Silva Ramos | 2 | 2 | 8 | 2 | 3 | 3 | 4 | 24 |
| Rafael Alberti                     | - | 1 | - | - | 2 | 1 | - | 4  |

|                    |   |   |   |   |   |   |   |    |
|--------------------|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Rainer Maria Rilke | 2 | - | 1 | 2 | 3 | - | - | 8  |
| Sérgio Milliet     | 5 | 3 | 5 | 2 | 2 | 3 | 2 | 22 |
| Stéphane Mallarmé  | 1 | 3 | 1 | 1 | 2 | 2 | 1 | 11 |
| Stephen Spender    | 2 | 1 | 2 | - | - | 3 | 1 | 9  |
| T. S. Eliot        | 4 | 3 | 3 | 2 | 1 | 1 | 1 | 15 |
| Vinícius de Moraes | 4 | - | 3 | - | 2 | 3 | 3 | 15 |
| W. H. Auden        | 2 | - | - | - | - | - | 1 | 3  |

Fonte: elaborado pelo autor

É possível notar que os autores referenciados na maioria dos números, ou seja, cuja ocorrência aparece em cada edição, de um lado, fazem parte do conjunto de poetas mais reconhecidamente ligados à “geração de 45” (a seguir estão dispostos os nomes em ordem decrescente de quantidade de ocorrências distribuídas ao longo dos sete números): Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Bueno de Rivera, João Cabral de Melo Neto, Lêdo Ivo, Mário da Silva Brito, João Accioli e Alphonsus de Guimarães Filho. Percebe-se que os autores mais citados são também os autores colaboradores mais ativos do periódico, denotando uma espécie de espelhamento. Esse fato reafirma o que se reflete na autorreflexão dos poetas na seção “Arquivo”, em que se reúnem artigos acerca dos novos; o curioso, no entanto, é verificar que os autores novos mais citados criaram um ritmo de citação bastante marcado. Mais do que isso, nota-se a presença dos dois autores que dirigem a revista no topo da lista, Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugenio da Silva Ramos. A dupla presença se perpetua nos outros casos — os outros autores participavam ou do grupo dirigente da

revista ou do conselho consultivo, neste caso, Bueno de Rivera, João Cabral de Melo Neto, Lêdo Ivo e Jamil Almansur Haddad e, daquele, além de Péricles e Domingos, Mário da Silva Brito e João Accioli. A falta do nome de Geraldo Vidigal na lista dos autores citados, outro membro do grupo editor da revista, é um contraste à constante verificada. Não por acaso, no terceiro número da revista é apresentada uma nota que informa sua retirada do corpo editor; além disso, como será mencionado em momento oportuno, se pronunciará criticamente em relação a atividades do Clube de Poesia de São Paulo.

Por outro lado, é digna de nota a presença intensa de citações de personalidades muito relevantes para o modernismo, a começar pelos poetas e intelectuais fundantes da geração de 22: Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles. Muito interessante notar, também, esses dados em relação aos dados dos autores colaboradores. Ainda que Mário de Andrade seja citado em grande medida como grande mestre do modernismo que, no *Empalhador de passarinho*, já atentava para questões relevantes que seriam reconhecidamente presentes na geração de 45 (segundo ela), Oswald de Andrade, no entanto, era um opositor dos ideais dos novos. Ao contrário de Mário, que faleceu em 1945, Oswald participou ativamente do projeto de ação do novo grupo na cena literária, com pronunciamentos no congresso de poesia e no clube de poesia de São Paulo. A natureza das citações dos dois poetas serve a origens mistas, em grande parte opostas. Apesar de presente e atuante e muito citado na revista, não é convidado para publicar nas páginas do periódico.

Desde o início da publicação, Oswald de Andrade atentava para o bacharelismo contido no grupo de poetas que fundava a revista:

Como o mar da poesia anda cheio de jangadas esperançosas, é útil anunciar que surgiu um cetáceo a estibordo da literatura bandeirante. Trata-se nada menos da *Revista Brasileira de Poesia* (não fosse a censura, ia sair do meu lápis Revista Brasileira de Filatelia.)

Foi-se o tempo em que a espontaneidade e a ilustração da província ponteavam de imprevisto a tessitura da nossa vida talentosa, o tempo das revistas de título desafetado — Joaquim, José, Edifício, Paralelos. A província encartolou e

resolveu invocar alguns nubes para despacho mais fácil da constelação paulista que quer suceder aos poetas de 22<sup>97</sup>.

Desse modo perspicaz e incisivo, Oswald esteve presente em diversos eventos promovidos pelos poetas. É o caso do I Congresso de Poesia de São Paulo, no qual discutiu abertamente com Domingos Carvalho da Silva (os motivos da discussão serão apresentados na seção deste trabalho sobre o congresso); há também uma discussão de Oswald com Péricles Eugenio e Sérgio Milliet em razão de uma conferência deste sobre quatro poetas novos, em 1949. Por contrariedades dessa natureza, não há publicação de textos do poeta antropofágico na *Revista Brasileira de Poesia*.

A citação dos poetas modernistas, tanto os mais antigos quanto os mais recentes, evidencia a presença incontestável da tradição modernista que permeia os textos da revista. Essa presença pode ser observada de diferentes maneiras: como parâmetro, como é o caso unânime da recepção positiva dos colaboradores em relação a Carlos Drummond de Andrade; ou como casos em que há uma incapacidade crítica de avaliar os lançamentos de Murilo Mendes e Jorge de Lima, como revelam as resenhas negativas de Péricles Eugenio da Silva Ramos. Além disso, é possível perceber menções motivadas por relações próximas no circuito de ação da revista, onde é evidente a estima por Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e, especialmente, por Sérgio Milliet. Em relação a este, Péricles saiu em defesa apaixonada pelo menos duas vezes, como na afirmação de que o crítico tinha notado a emergência da nova poesia muito antes do artigo de Tristão de Athayde, ou na defesa, no *Correio Paulistano*, das afirmações do autor num curso de poética em detrimento das contestações de Oswald aos critérios de Milliet.

Outras citações que pontificam na maioria das edições, há a reafirmação da hipótese de Camilo de que T. S. Eliot, Rilke e Paul Valéry faziam parte do ideário poético da geração. Embora em menor número, somam-se a isso Mallarmé e Paul Éluard.

---

97 ANDRADE, Oswald. Aviso aos navegantes. Telefonema. *Correio da manhã*, n. 16328, jan. 1948, p. 2.

A quantificação separada de cada edição é justificável, mas nota-se uma redução da presença de conteúdo relevante nos últimos números 6 e 7. Isso indica uma mudança na direção editorial ou uma falta de alinhamento com as discussões que a revista vinha defendendo desde o início, como as possibilidades do modernismo e a poesia da geração de 45.

Quadro 2 — Autores colaboradores (números absolutos)

| <b>AUTORES COLABORADORES (números absolutos)</b> |              |              |              |              |              |              |              |              |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| <b>Nome</b>                                      | <b>n.º 1</b> | <b>n.º 2</b> | <b>n.º 3</b> | <b>n.º 4</b> | <b>n.º 5</b> | <b>n.º 6</b> | <b>n.º 7</b> | <b>TOTAL</b> |
|  | set.<br>1947 | abr.<br>1948 | ago.<br>1948 | fev.<br>1949 | set.<br>1949 | jun.<br>1953 | abr.<br>1956 |              |
| Afrânio<br>Zuccolotto                            | -            | 1            | -            | -            | -            | -            | -            | 1            |
| Afrânio Coutinho                                 | -            | -            | -            | -            | 1            | -            | -            | 1            |
| Alphonsus de<br>Guimaraens<br>Filho              | -            | 1            | -            | -            | -            | -            | -            | 1            |
| Aníbal Machado                                   | -            | -            | -            | -            | 1            | -            | -            | 1            |
| Antonio Candido                                  | -            | 1            | 1            | -            | -            | -            | -            | 2            |
| Augusto de<br>Campos                             | -            | -            | -            | -            | 1            | -            | -            | 1            |
| Bueno de Rivera                                  | 1            | -            | -            | -            | -            | -            | -            | 1            |
| Carlos<br>Burlamaqui<br>Köpke                    | 3            | 4            | 4            | 4            | 2            | -            | -            | 17           |

|                               |   |   |   |   |   |   |   |    |
|-------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Cassiano<br>Ricardo           | - | 1 | - | 1 | 1 | - | - | 3  |
| Cyro Pimentel                 | - | - | 1 | - | - | 2 | - | 3  |
| Dalmo Florence                | - | - | 1 | - | - | - | - | 1  |
| Décio Pignatari               | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |
| Dylan Thomas                  | - | - | - | - | - | - | 1 | 1  |
| Domingos<br>Carvalho da Silva | 5 | 3 | 1 | 3 | 7 | 2 | - | 21 |
| Dora Ferreira da<br>Silva     | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |
| Euryalo<br>Canabrava          | - | - | - | 1 | - | 1 | - | 2  |
| Fausto Cunha                  | - | - | - | - | - | - | 1 | 1  |
| Geraldo Pinto<br>Rodrigues    | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |
| Geir Campos                   | - | - | - | - | - | - | 1 | 1  |
| Gilda de Mello e<br>Souza     | - | 1 | - | - | - | - | - | 1  |
| Giuseppe<br>Ungaretti         | - | - | - | 1 | - | - | - | 1  |
| Geraldo Vidigal               | 4 | 1 | - | - | - | - | - | 5  |
| Haroldo de<br>Campos          | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |

|                               |   |   |   |   |   |   |   |    |
|-------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Jamil Almansur Haddad         | - | - | - | 1 | - | - | - | 1  |
| João Accioli                  | 1 | - | - | - | - | - | - | 1  |
| João Cabral de Melo Neto      | - | - | - | 1 | - | - | 1 | 2  |
| José Eduardo Fernandes        | 1 | - | - | - | - | - | - | 1  |
| José Geraldo Vieira           | - | - | 2 | - | - | - | - | 2  |
| José Paulo Moreira da Fonseca | - | - | - | 1 | 1 | - | 1 | 3  |
| Langston Hughes               | 1 | - | - | - | - | - | - | 1  |
| Lêdo Ivo                      | - | - | 1 | - | - | - | - | 1  |
| Leonard Downes                | - | - | 1 | 1 | - | - | - | 2  |
| Luís Lopes Coelho             | - | - | 1 | - | - | - | - | 1  |
| Luís Washington               | - | 1 | - | - | - | - | - | 1  |
| Mário da Silva Brito          | - | 3 | 2 | 3 | 2 | - | - | 10 |
| Menotti Del Picchia           | - | - | 1 | 1 | - | - | - | 2  |
| Nicolas Guillén               | - | 1 | - | - | - | - | - | 1  |
| Omar Pimentel                 | - | - | 1 | - | - | - | - | 1  |

|                                 |   |   |   |   |   |   |   |    |
|---------------------------------|---|---|---|---|---|---|---|----|
| Otto Maria Carpeaux             | - | 1 | - | - | - | - | - | 1  |
| Paulo Sérgio                    | - | - | 1 | - | - | - | - | 1  |
| Paul Valéry                     | - | 1 | - | - | - | - | - | 1  |
| Péricles Eugenio da Silva Ramos | 4 | 1 | 3 | 1 | 3 | 2 | - | 14 |
| Rainer Maria Rilke              | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |
| Rômuno Soares Fonseca           | - | - | - | 1 | - | - | - | 1  |
| Saint John Perse                | - | - | 1 | - | - | - | - | 1  |
| Sérgio Buarque de Holanda       | 1 | - | - | - | - | - | - | 1  |
| Sérgio Milliet                  | 1 | - | - | - | 1 | - | - | 2  |
| Stephen Spender                 | - | - | - | - | - | 2 | - | 2  |
| Temístocles Linhares            | - | - | - | - | - | - | 1 | 1  |
| T. S. Eliot                     | 1 | - | - | - | - | - | - | 1  |
| Vinícius de Moraes              | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |
| Wilson Martins                  | - | - | - | - | 1 | - | - | 1  |

Fonte: elaborado pelo autor

Ainda que haja ampla citação a autores do modernismo, é sintomática a exclusividade de produção na revista por parte de Cassiano Ricardo, Menotti del

Picchia e de Sérgio Milliet. Quanto a Cassiano Ricardo, ele foi fundamental, assim como Sérgio Milliet, para as tentativas de legitimação do grupo dirigente da revista.

O referido esvaziamento em direção às últimas edições é ainda mais gritante no que diz respeito às colaborações na revista. O autor que mais publicou na revista, Domingos Carvalho da Silva, não foi autor de nenhum texto no número 7; o mesmo fenômeno acontece com Carlos Burlamaqui Köpke, Péricles Eugenio da Silva Ramos e Mário da Silva Brito. No lugar, inserem-se autores que proferiram ou circularam a convite por entre o Clube de Poesia de São Paulo: João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonseca, Geir Campos e Fausto Cunha. Mesmo havendo poucos textos com autoria atribuída nessa edição, o número de páginas do periódico permanece o mesmo. Leio isso como um sintoma de uma suposta necessidade de permanência, seja por quais meios fossem. A seção “Noticiário”, no número 7, ocupa boa parte da revista, apresentando importância às atividades do Clube de Poesia de São Paulo. Não obstante, aquela edição só foi publicada graças a incentivo municipal angariado. Na submissão da proposta de custeio, o Clube de Poesia prometeu novas edições de seu órgão divulgador.

Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia possuíam, na década de 1940, inserção no maquinário do estado, assim como Péricles e Domingos, mas com ainda maior alcance. É o que pondera Ademir Demarchi em seu trabalho sobre o suplemento *Letras & Artes*, da redação de *A Manhã*, que circulou entre 1946 e 1953:

Exemplos de integralistas imiscuídos na máquina do Estado podem ser encontrados nas pessoas de Cassiano Ricardo, [...], ou de Menotti del Picchia que, além de ter sido diretor da versão paulista de *A Noite*, pertencem às Empresas Incorporadas ao Patrimônio da União [...]<sup>98</sup>

O pesquisador afirma que há uma certa correspondência entre a atividade político-jornalística de Cassiano Ricardo e sua participação de organizações político-literárias como a Academia Brasileira de Letras:

---

98 DEMARCHI, Ademir. Cultura em busca de vitrines — literatura & mercado, morte do modernismo & populismo: uma leitura do suplemento *Letras & Artes*, de *A Manhã*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991, p. 25.

A ligação estreita de Cassiano Ricardo com a Academia, onde entrou em 1937, serviu-lhe de apoio na direção de *A Manhã*, através de Múcio Leão, outro acadêmico que dirigiu o suplemento literário do jornal, *Autores e Livros*. A contrapartida à confiança delegada por Getúlio a Ricardo e, por extensão a Múcio Leão, foi dada na articulação artificiosa que se fez, alterando estatutos, com a participação de ambos, para introduzir Getúlio na Academia.[...] <sup>99</sup>

Quadro 3 — Gêneros do discurso (números absolutos)

| GÊNEROS DO DISCURSO (números absolutos) |              |              |              |              |              |              |              |       |
|---|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------|
| Nome                                    | n.º 1        | n.º 2        | n.º 3        | n.º 4        | n.º 5        | n.º 6        | n.º 7        | TOTAL |
|   | set.<br>1947 | abr.<br>1948 | ago.<br>1948 | fev.<br>1949 | set.<br>1949 | jun.<br>1953 | abr.<br>1956 |       |
| Apresentação                            | -            | -            | 1            | -            | -            | -            | -            | 1     |
| Biografia                               | -            | 4            | 1            | -            | -            | -            | -            | 5     |
| Carta do leitor                         | -            | 1            | -            | -            | -            | -            | -            | 1     |
| Ensaio                                  | 17           | 9            | 13           | 9            | 5            | 4            | 5            | 62    |
| Notícia/Informe                         | 7            | 1            | 1            | 1            | 5            | 5            | 4            | 24    |
| Poema                                   | 36           | 24           | 26           | 31           | 25           | 5            | 5            | 152   |
| Resenha                                 | 5            | 6            | 4            | 7            | 12           | 6            | -            | 40    |
| Variedades                              | 2            | 2            | 15           | 7            | 4            | 8            | 5            | 43    |

Fonte: elaborado pelo autor

Após a incorporação do periódico pelo Clube de Poesia, há um visível “esvaziamento” da matéria propriamente poética, como na publicação de poemas, cujo número foi reduzido para menos da metade até a edição derradeira; esvaziamento das seções finais do periódico, que constituíam veículo de expressão do grupo. Assim, esvazia-se o “espírito” da revista, que se transforma em meros anais atrasados das

<sup>99</sup> Ibidem, p. 26

atividades promovidas pelo Clube de Poesia.

O esvaziamento fica evidente quando comparamos determinadas repetições e retornos. Aqui vale uma pequena digressão quanto a características de ordem quantitativa. De acordo com Foucault, “a regularidade [...] não caracteriza uma certa posição central entre os limites de uma curva estatística — não pode, pois, valer como índice de frequência ou de probabilidade; [mas] especifica um campo efetivo de aparecimento.”<sup>100</sup>

No primeiro número da *Revista Brasileira de Poesia* publicam-se seis poetas. Dez, se considerarmos publicação de poeta os textos sobre poesia assinados por poetas. Dezesesseis, se levarmos em conta também os poetas tradutores de poesia estrangeira. Se considerarmos apenas a poesia propriamente dita, deveríamos, talvez, falar dos poemas propriamente ditos e não de seus autores. Mas creio que devemos falar de seus autores: Bueno de Rivera, cinco poemas, seis páginas; T. S. Eliot, quatro poemas em publicação bilingue, catorze páginas. No mesmo volume, publica-se Sérgio Milliet, seis poemas, quatro páginas tristes. Do poeta norte-americano Langston Hughes, cinco poemas em publicação bilingue, dez páginas. João Accioli, poeta classificado como “de 45”, cinco poemas em três páginas. Geraldo Vidigal, um dos editores do periódico, cinco poemas, três páginas. Ao total, 40 páginas de poemas. Se há poesia, são outros quinhentos. No primeiro número, o número é exatamente a metade do volume, que possui 80 páginas. O número de páginas total, curiosamente, é o mesmo que havia na revista *Arcádia*, criada também por Domingos Carvalho da Silva, em 1936. Contudo, por não ter acesso a nenhum exemplar do periódico, não é possível comparar sua “medida” em matéria de poesia neste trabalho.

Nesse primeiro volume, há a divulgação em forma de convite do I Congresso de Poesia de São Paulo. No segundo volume, cinco meses depois, em 1948, há cinco poemas de Paul Valéry em seis páginas bilingues. Cinco de Alphonsus de Guimaraens Filho em três. Cinco poemas de Nicolás Guillén em dez páginas. Um poema longo de Domingos Carvalho da Silva em oito páginas. O título anuncia: “poemas novos” do

---

100 FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020, p. 176.

velho Cassiano Ricardo, quatro em seis. Afrânio Zuccolotto, quatro poemas em seis também. 39 páginas de 80. A regularidade se mantém, quase exata que a anterior, numa divisão quase cirúrgica entre crítica e publicação de poemas.

Já na terceira edição, um poema de José Geraldo Vieira, sete páginas. Seis de Mário da Silva Brito em quatro páginas. Sob o título "Poetas inéditos de São Paulo", publicam-se poemas de Luis Lopes Coelho, Paulo Sérgio, José Escobar Faria, Dalmo Florence, Ciro Pimentel, todos em apenas quatro páginas. De St. John Perse, quatro poemas, cinco páginas. Lêdo Ivo, quatro poemas em três páginas. Seis poemas de Péricles Eugenio da Silva Ramos em seis páginas. 29 páginas ao total, o número perdeu sua metade. A parte perdida da poesia foi cedida ao I Congresso de Poesia de São Paulo, que ocupou seu espaço através da apresentação de conferências e relatórios em forma de ata. Aqui, essa perda numérica é símbolo do jogo tensional entre a atuação poética e a atuação política dos poetas editores da revista, aqui se entrevê, na linguagem de ata do relatório das sessões do evento, pegadas do tom bacharelesco que se percebiam naquelas notícias do final da década de 1930 sobre as movimentações administrativas da Academia de Letras da Faculdade de Direito.

Quarto número. Sete poemas de José Paulo Moreira da Fonseca em quatro páginas. Cinco páginas de seis poemas de Menotti del Picchia. Quinze poetas catalães espremem-se em treze páginas.<sup>101</sup> Três páginas com quatro poemas de Jamil Almansur Haddad. Seis páginas de publicação da poesia bilingue de Giuseppe Ungaretti. Ao total, 31 páginas de poesia. Novamente publicam-se conferências, agora decorrentes do Clube de Poesia de São Paulo, como a conferência de "instalação" proferida por Cassiano Ricardo, eleito primeiro presidente do Clube.

Quinto número. Dezesete páginas de Rilke. Cinco de Vinícius. Seis de Aníbal Machado. Quatro de Domingos Carvalho da Silva. Sob o título "Poetas inéditos de S.

---

101 Há um verdadeiro diálogo entre João Cabral de Melo Neto e Domingos Carvalho da Silva acerca da tradução dos poetas catalães., registrado na correspondência passiva de Domingos. Para conferir a análise das cartas acerca da tradução feita por João Cabral, conferir BASTOS, Laíse Ribas; CAMARGO, Maria Lucia de Barros. "Meu caro Domingos" - as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva. *O Eixo e A Roda*, Belo Horizonte, ahead of print, fev. 2020. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/16055](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/16055).

Paulo", publicam-se Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Geraldo Pinto Rodrigues, Décio Pignatari em cinco páginas. 33 páginas.

Sexto número, apenas oito páginas de poemas de Stephen Spender. Aqui o esvaziamento da poesia é drástico, e a revista toma ares de anais de eventos, sendo quase que exclusivamente constituída, em sua parte central, de palestras transcritas que ocorreram em razão dos cursos de poética promovidos pelo Clube de Poesia.

Sétimo e derradeiro número, oito páginas de Dylan Thomas. Retornando a publicação de conferências feitas para o Clube, como a de João Cabral “Poesia e composição”, e confirmando o movimento de esvaziamento de poesia da revista, pode-se reafirmar que sua constituição, por inteira, é atravessada pela influência de instituições e relações discursivas que afetaram, das mais variadas maneiras o seu conteúdo.

Através da tabela acima, percebe-se que não há mais a publicação de resenhas, o que significa a extinção da seção “Bibliografia”. Nessa seção, assim como na seção “Os poetas deste número”, eram delineados explicitamente certos pressupostos críticos, modos de fazer a crítica e balanços dos valores poéticos preconizados pela equipe editorial. Dessa forma, não deixa de ser interessante que a queda da presença da poesia, numa revista que se quer totalmente dedicada a ela, vem em conjunto com a falta do juízo de valor expresso, com a ausência da marca autoral de seus arcontes.

Quadro 4 — Palavras-chave (números absolutos)

| Palavras-chave (números absolutos) |              |              |              |              |              |              |              |       |
|------------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------|
| Nome                               | n.º 1        | n.º 2        | n.º 3        | n.º 4        | n.º 5        | n.º 6        | n.º 7        | TOTAL |
|                                    | set.<br>1947 | abr.<br>1948 | ago.<br>1948 | fev.<br>1949 | set.<br>1949 | jun.<br>1953 | abr.<br>1956 |       |
| Barroco                            | -            | 2            | -            | -            | -            | -            | -            | 2     |
| Eventos                            | 1            | 1            | 6            | -            | 3            | 5            | 2            | 18    |

|                           |    |    |    |    |    |    |   |     |
|---------------------------|----|----|----|----|----|----|---|-----|
| Formalismo                | 6  | 5  | 2  | 1  | 2  | 3  | - | 19  |
| Geração de 45             | 9  | 8  | 20 | 7  | 4  | 3  | 2 | 53  |
| Guerra                    | 2  | -  | 2  | -  | -  | -  | - | 4   |
| Lirismo                   | -  | 1  | 2  | 3  | 1  | -  | 1 | 7   |
| Métrica                   | 2  | 1  | -  | 3  | 5  | 2  | - | 13  |
| Modernismo                | 10 | 3  | 6  | 4  | 4  | 3  | 1 | 31  |
| Morte                     | 4  | -  | -  | -  | 2  | 3  | 2 | 11  |
| Originalidade             | 1  | -  | -  | 2  | 2  | -  | - | 5   |
| Parnasianismo             | -  | -  | 1  | -  | -  | 1  | - | 2   |
| Poesia                    | 21 | 23 | 29 | 17 | 22 | 18 | 1 | 121 |
| Publicidade               | 2  | 3  | 2  | 2  | 1  | 3  | - | 13  |
| Ruptura                   | 1  | -  | 1  | -  | -  | -  | - | 2   |
| São Paulo                 | 1  | 1  | 3  | -  | 1  | 2  | - | 8   |
| Semana de Arte<br>Moderna | -  | -  | 2  | 1  | -  | -  | - | 3   |
| Solidão                   | -  | 1  | 3  | -  | -  | -  | - | 4   |
| Técnica                   | 1  | -  | 1  | 1  | -  | 1  | 2 | 6   |
| Tradição                  | 6  | 3  | -  | 1  | 2  | -  | - | 12  |
| Universalidade            | 2  | 2  | -  | -  | -  | -  | - | 4   |

Fonte: elaborado pelo autor

Há a preponderância de artigos acerca da poesia da “geração de 45”. Esse rótulo não existia até maio de 1948, quando Domingos cunhou o termo no I Congresso;

contudo, a Base de Dados, com o intuito de permitir maior possibilidade de cruzamento de dados, possui um conjunto de palavras-chave limitado; julguei importante cadastrar os textos acerca da nova poesia com a palavra-chave “Geração de 45”, já existente no programa. É interessante notar um pico de ocorrências no número 3 da revista. Trata-se do número dedicado ao I Congresso Paulista de Poesia, apresentando seleção de conferências e divulgação das etapas do evento; assim sendo, pode-se dizer que se confirma a hipótese de que o evento fora organizado pelos poetas novos para promover... o grupo de poetas novos. Aliás, esse padrão, de pico de ocorrências, acontece também nas tabelas sobre o conjunto de autores citados e de autores colaboradores, já que muitos escritores foram mencionados e estiveram presentes naquele evento de “balanços” tendenciosos.

A palavra “Eventos” foi registrada para todos os textos que divulgavam e promoviam os eventos organizados pelo grupo editor do periódico e, conseqüentemente, pelo Clube de Poesia. Sua frequência entre as mais citadas expressa o papel fundamental do programa de ação da revista na cena literária para além dela.

Apesar de frequentemente mencionado, o termo “parnasianismo” é explicitamente mencionado apenas duas vezes. Em uma dessas ocorrências, é utilizado como uma defesa de Péricles contra uma crítica de Almeida Sales, que o rotulou como poeta parnasiano. Embora não haja uma associação direta ao parnasianismo, são evidentes as preocupações em torno do “Formalismo” e da “Métrica” na poesia. A falta de conexão entre essas preocupações e o movimento anterior ao modernismo pode ser associada à ideia, previamente divulgada por Péricles Eugenio da Silva Ramos, de uma livre exploração estética das possibilidades da forma e da tradição na composição poética.

Sabe-se que o grupo de poetas de 45 é muitas vezes associado a ideias de ruptura para com o modernismo. Entretanto, há na revista apenas um defensor dessa linha de frente: Domingos Carvalho da Silva, com sua tese “Há uma nova poesia no Brasil”, rejeitada pela comissão de teses do I Congresso e publicada (mesmo assim) na revista. Há na revista uma verdadeira tensão acerca da natureza da “dependência” para

com o modernismo por parte dos poetas de 45: seja como sentimento de prolongamento, como de ruptura, ou até mesmo de influência invertida — dos jovens para os velhos, como já foi dito no capítulo anterior. Entretanto, entende-se que a questão das influências é ponto problemático teoricamente, não sendo possível reduzi-la a concessões simplistas de débito estético; não obstante, a discussão acerca disso que existe na revista deixa à mostra uma visão da própria poesia e da história, ainda que datada. O mais interessante é, sem dúvida, observar a formação dessa tensão, não para aliviar o campo de forças, mas perceber como essa tensão também é constituinte do cânone da crítica (e esta pode, ela sim, sobreviver até hoje, de uma forma ou de outra).

Mais uma vez, há a ausência de palavras-chave significativas para a maioria dos números da revista na última edição da revista. “Métrica”, mencionada na maioria das edições, é ausente na última, assim como “São Paulo”, “Tradição”, “Formalismo”, além de um franco declínio de citações relacionadas ao “Modernismo”, em geral referido como alvo ora de desejo, ora de combate (e do que fica entre os dois).

#### 4.3 MAL DE ARQUIVO COMO PROCEDIMENTO

Falou-se, no início deste trabalho, na possibilidade de reesignação do arquivo como meio tanto para assegurar sua resistência quanto para o aparecimento do indício de sua destruição. Na reunião do arquivo, a problemática de seus limites entra em cena. Entram em cena também as possibilidades da perda, da destruição, de uma ação arcôntica fatal e inconsequente. Assim como a pulsão de morte, no entanto, há a existência do mal pulsional, daquilo que no arquivo mesmo nasce e corrobora para seu fim. *A Revista Brasileira de Poesia* é exemplar nesse aspecto.

É notável a conjunção da figura do poeta e do arconte na revista. O elo entre as duas funções não se limita à dupla funcionalidade que cada editor assume em sua vida: o poeta-arconte, essa unidade desdobrada, é particularmente visível quando a matéria da revista é um projeto discursivo sobre os próprios poetas pelos próprios sujeitos. Aí

reside o perigo: a inflamação do arquivo — o espraiamento de suas colocações, pronunciamentos, de sua poesia e, por fim, de seus enunciados — também significa sua própria ruína. Inflamação nesse duplo sentido, ou seja, do fogo e de sua metáfora.

Como já foi explicado em relação à seção “Arquivo”, o material inaugural da revista parte do pressuposto de que uma sensibilidade poética se fixava antes da publicação do periódico; não é incorreto afirmar que a revista surgiu como tentativa de fomentar um debate que já existia numa chave a favor de uma determinada perspectiva discursiva, que visava a fixação de um novo paradigma poético — “tomar o poder”, como disse Patrícia Galvão. Não raras são as tensões presentes no periódico, que põem em cena a complexidade de questões poéticas caras para a poesia daqueles poetas novos, como para a poesia moderna como um todo: tradição, ruptura, modernidade. Porém essas tensões se rarefazem na medida em que a revista chega em seu fim. No final do periódico, como se acabasse a possibilidade da cesura da poesia que Giorgio Agamben defende como potência do poema, não há mais espaço para tensionamentos; a revista perde seu sentido, sua cara, suas posições insistentes, para virar um órgão de divulgação de um Clube seletivo de poetas. O desdobramento da revista, que começa em sua mesa de montagem, passa pelo I Congresso Paulista de Poesia e culmina nas edições de livros dos novos poetas de São Paulo pelo Clube de Poesia, é o seu próprio projeto de fim. Falou-se, também no início deste trabalho, que há numa revista literária a possibilidade do paradoxo. Este é um deles.

Desse modo, o paradoxo transcende a coexistência de posições teóricas incongruentes dentro do periódico, como é a oposição entre Péricles Eugenio da Silva Ramos, que afirma que a sensibilidade poética de sua geração é um prolongamento das realizações estéticas do modernismo, e a posição de Domingos Carvalho da Silva, que insistiu numa ideia de ruptura para com o modernismo. Essa insistência lhe rendeu não apenas mais três décadas de atividade resistida na *Revista de Poesia e Crítica*, como o posto de indivíduo gerador do próprio estigma geracional, marcado em praticamente toda a crítica posterior em relação à geração de 45. O paradoxo, no caso da *Revista Brasileira de Poesia*, pode ser visto em nível procedimental; ao passo que o Clube de Poesia ganha força na cena paulistana, seu órgão promotor (a revista) perde

cada vez mais sua periodicidade, e as edições se tornam ainda mais espaçadas umas das outras, e seu conteúdo se torna cada vez mais protocolar.

Assim, nesse mesmo processo de atualização do arquivo, observa-se uma mudança na natureza da revista, especialmente refletida no último número. É preciso considerar a transformação do caráter "poesia" que originalmente definia a revista, presente no primeiro número, para o que eventualmente se tornaria a *Revista de Poesia e Crítica*. Com isso, a revista perde a sua característica poética e, no final, se torna um projeto documental com finalidade legitimadora. Este é um perfil bem diferente do que havia sido planejado inicialmente.

#### 4.4 A SUPOSTA HETEROGENEIDADE POÉTICA DA REVISTA

Uma análise profunda dos projetos poéticos da revista requer mais estudo, e outro trabalho. Aqui, o objetivo é destacar a importância da presença e ausência de poemas no contexto da revista. Embora não sejam realizadas análises poéticas aprofundadas, é possível identificar os tipos de relações estabelecidas com textos poéticos, bem como as constantes existentes.

É claro que a inserção de determinado autor ou poema não significa necessariamente alinhamento para com a proposta de ação da revista; muitos poemas publicados no periódico são estrangeiros, e muito provavelmente não houve permissões concedidas por eles, com exceção de alguns que efetivamente entraram em contato com a edição da revista, como Nicolas Guillén, que viajou à época para o Brasil. É possível ler, na seção "Noticiário" do primeiro número da revista o seguinte informe:

Nicolas Guillén

O mês de dezembro assinalou a vinda a S. Paulo de Nicolas Guillén, um dos poetas de maior projeção na América.

Escrevendo de preferência na linguagem popular de Cuba — e sobre motivos afroamericanos — Guillén é um autor quase intraduzível e, por isso, pouco divulgado no Brasil, embora conhecidíssimo nos países de língua castelhana.

A presença do autor de "Songoro Cosongo", entretanto, provocou o aparecimento, entre nós, de algumas traduções de páginas suas, destacando-

se as que ficamos devendo a Sérgio Milliet.  
No próximo número desta Revista publicaremos uma série de poemas de Guillén, incluindo originais e versões de autoria de poetas brasileiros.<sup>102</sup>

Diante disso, principalmente com a “ajuda” da seção “Noticiário” e, principalmente, de “Os poetas deste número”, a presença da poesia contribui para o delineamento do projeto editorial da revista literária, da ideia de valores poéticos importantes para o grupo editor. Na medida em que os editores são também os poetas mais “aguerridos” da dita “nova” poesia, isso se torna ainda mais relevante. Percebe-se na publicação de Guillén uma preocupação em divulgar a poesia de outros países no espaço da revista; é perceptível a contribuição de Sérgio Milliet para a efetivação desse contato; não raro, torna-se evidente uso da tradução realizada por renomados poetas brasileiros, como Manuel Bandeira e Guilherme de Almeida, para realizar esse projeto de divulgação (e, de algum modo, de reunião de arquivo). Ainda, algo que irá se repetir no formato de citações em outros números, há a presença da poesia em língua castelhana na revista, seja na valorização de Góngora e de outros poetas que, trezentos anos depois de sua morte, fundaram a Geração de 27, na Espanha, como García Lorca, Rafael Alberti e Pablo Neruda.

Abaixo pode ser visualizada a catalogação das publicações poéticas ao longo de todo o periódico, discriminadas por sua localização exata na revista, o autor, o título de cada publicação e dos poemas.

Quadro 5 — Poemas publicados na *Revista Brasileira de Poesia*

| <b>Poemas publicados na <i>Revista Brasileira de Poesia</i></b> |  |
|---|--|
| Localização   | Descrição da publicação  |
| v. 1, n. 1, dez.,<br>1947 p. 5-10                               | Cinco poemas de Bueno de Rivera -<br>Poemas "Olho de vidro" / "O inefável" / "A mãe recebe o salário" / "Canto da insubmissão" / "Itinerário de Ângela". |

102 REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, Nicolas Guillén. Noticiário, v. 1, n. 1, 1947, p. 67.

- v. 1, n. 1, dez., 1947 p. 16-29 Poemas de T. S. Eliot -  
Publicação bilingue dos poemas "The hollow men" (tradução de Vinícius de Moraes) / "Little Gidding" (tradução livre de Carlos Burlamaqui Kopke) / "A song for Simeon" ("Um cântico para Simeão", tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos) / "Rhapsody on a windy night" ("Rapsódia de uma noite de vento", tradução de Domingos Carvalho da Silva). [Publicação bilíngue]
- v. 1, n. 1, dez., 1947 p. 39-42 Seis poemas de Sérgio Milliet -  
Poemas "Poemas da tristeza" / "Poemas de amor".
- v. 1, n. 1, dez., 1947 p. 43-49 Poemas de Langston Hughes  
Publicação bilingue dos poemas "Alabama earth" ("Terra de Alabama", tradução de Ribeiro Couto) / "Dream variation" ("Aspiração", tradução de Manuel Bandeira) / "The negro speaks of rivers" ("O negro fala dos rios", tradução de Guilherme de Almeida) / "Desillusion" ("Desilusão" tradução de Ênio Silveira) / "Minstrel man" ("O menestrel" tradução de Geraldo Pinto Rodrigues)
- v. 1, n. 1, dez., 1947 p. 54-56 Poesias de João Accioli -  
Poemas "Invocação" / "Árvore" / "Repartição" / "Noturno" / "A canção de amanhã".

|  |   |
|--|---|
|  |   |
| <p>v. 1, n. 1, dez.,<br/>1947 p. 62-64</p> | <p>Novos poemas de Geraldo Vidigal -<br/><br/>Poemas "Mensagem" / "Presença e permanência do lírio" / "Poema da morte súbita" / "Rota" / "Última canção"</p>  |
| <p>v. 1, n. 2, abr.,<br/>1948 p. 6-11</p>  | <p>Poésies de Paul Valéry -<br/><br/>Poemas "L'amateur de poèmes" ("O amador de poemas", tradução de Sérgio Milliet) / "La jeune parque" (tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos) / "Au coeur de la nuit d'amour" ("No seio da noite de amor", tradução de Geraldo Vidigal) / "Les pas" ("Os passos", tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos) / "Le vin perdu" ("O vinho perdido", tradução de Osmar Pimentel). [Publicação bilingue]</p> |
| <p>v. 1, n. 2, abr.,<br/>1948 p. 12-14</p> | <p>Poesias de Alphonsus de Guimaraens Filho -<br/><br/>Poemas "Agora" / "Sonolentas campânulas" / "Anjos do Aleijadinho" / "Soneto" / "Canção.</p>  |
| <p>v. 1, n. 2, abr.,<br/>1948 p. 21-29</p> | <p>Poesias de Nicolás Guillén -<br/><br/>Poemas "West indies ltd." (tradução de Sérgio Milliet) / "Guadalupe W. I." (tradução de Domingos Carvalho da</p>   |

Silva) / "Pero que te pueda ver" ("Mas que eu te possa ver", tradução de Sérgio Milliet) / "Rosa tú, melancólica..." ("Rosa melancólica", tradução de Domingos Carvalho da Silva) / "Un son para niños antillanos" ("Un "son" para meninos antilhanos", tradução de Sérgio Milliet).  
[Publicação bilingue]

- |                                    |   |
|------------------------------------|---|
| v. 1, n. 2, abr.,<br>1948 p. 30-37 | <p>Cantico maior -<br/>Domingos Carvalho da Silva</p> <p>Poema "Cântico maior", em oito partes.</p>   |
| v. 1, n. 2, abr.,<br>1948 p. 38-43 | <p>Novos poemas de Cassiano Ricardo -<br/>Poemas "Antecipação" / "As escrituras" / "Pedido a um oficial de gabinete" / "A metamorfose".</p>         |
| v. 1, n. 2, abr.,<br>1948 p. 52-57 | <p>Quatro poemas de Afrânio Zuccolotto -<br/>Poemas "My necktie rich and modest" / "Desencanto dinamarquês" / "O menino afogado" / "Telegrama".</p> |
| v. 1, n. 3, ago.,<br>1948 p. 4-11  | <p>Elegia da fazenda do penedo -<br/>José Geraldo Vieira</p> <p>Poema "Elegia da fazenda do penedo".</p>  |

- v. 1, n. 3, ago., 1948 p. 15-18 Novas poesias de Mário da Silva Brito -  
Poemas "Soneto de outubro" / "O punhal" / "Viagem" / "Elegia para a prometida" / "A fonte e a nuvem" / "Epitáfio".
- v. 1, n. 3, ago., 1948 p. 23-27 Poetas inéditos de São Paulo -  
Poemas "Cenografia" / "Obsessão", de Luiz Lopes Coelho; "Poema em prosa" / "Mais ou menos bíblico", de Paulo Sérgio; "Rumor" (dedicado a Carlos Burlamaqui Köpke), de José Escobar Faria; "Dois fragmentos do "Maneco"", de Dalmo Florence; "Elegia" / "Poema", de Cyro Pimentel.
- v. 1, n. 3, ago., 1948 p. 28-31 Algumas imagens a Crusoe -  
Saint John Perse  
  
Publicação bilingue dos poemas "Les cloches" (Os sinos) / "Le mur" (A parede) / "Le perroquet" (O papagaio) / "La graine" (A semente) / "Le livre" (O livro).
- v. 1, n. 3, ago., 1948 p. 32-35 Poemas de Lêdo Ivo -  
Poemas "Balada insolente" / "Ode à brisa" / "Tomávamos banhos de mar" / "O sol da solteira".

- v. 1, n. 3, ago., 1948 p. 43-46      Seis poemas de Péricles Eugênio da Silva Ramos -  
Poemas "Naufrágio" / "Riso morto" / "Poema do sementeiro" / "Canção das duas corolas" / "Ariana abandonada" / "Elegia de 11 de maio de 1948".
- v. 1, n. 4, fev., 1949 p. 6-9      v. 1, n. 4, fev., 1949 6-9  
Novos poemas de José Paulo Moreira da Fonseca -  
Poemas "Poema" / "O feudo" / "Canção I" / "Sancta Sophia" / "Secundum canaletum" / "Canção II" / "Scherzo".
- v. 1, n. 4, fev., 1949 p. 24-28      Dos "Poemas transitórios" de Menotti del Picchia -  
Poemas "As estátuas" / "Cantiga do amor temporão" / "A morta" / "Tangolomango" / "Sobre o túmulo do último homem" / "Querem comer a lua".
- v. 1, n. 4, fev., 1949 p. 29-43      Quinze poetas catalães -  
Introdução e tradução de poemas catalães por João Cabral de Melo Neto. Publicação bilingue dos poemas "Lloança del Fang" ("Louvação do Barro"), de Mariano Manent / "Les decapitacions" ("As decapitações"), de Joan Oliver / "Llegenda" ("Lenda"), de Tomás Garcés / "Cançó" ("Canção"), de Rosa Leveroni / "A mallorca, durat la guerra

civil" ("A maiorca, durante a guerra civil"), de B. Rosselló-Pòrcel / "Infant" ("Menino"), de Joan Teixidor / "Monolac de Esther" ("Monólogo de Esther"), de Salvador Espriu / "Al vent de tardor" ("Ao vento de outono"), de Joan Vinyoli / "Juny" ("Junho"), de Josep Romeu / "Sonet intrauteri" ("Soneto Intrauterino"), de Josep Palau / "Any nou" (Ano novo), de Joan Barat / "És per aixó que estimo" ("É por isso que estimo"), de Joan Perucho / "Endimion (fragment)" ("Endimião"), de Joan Triadó / "Posaré el meu amor" ("Colocarei o meu amor"), de Jordi Sarsanedas / "Viure amb fe cada hora santa..." ("Viver com fé..."), de Jordi Cots.

- |                                    |   |
|------------------------------------|---|
| v. 1, n. 4, fev.,<br>1949 p. 49-51 | Quatro poesias de Jamil Almansur Haddad -<br>Poemas "A amada marítima" / "Canção da égua" / "Balada das pálpebras azuis" / "Poema ritual das virgens".  |
| v. 1, n. 4, fev.,<br>1949 p. 55-61 | Poesie del "Sentimento del Tempo" di Giuseppe Ungaretti -<br>Publicação bilingue dos poemas "Statua" ("Estátua") / "Ombra" ("Sombra") / "Fonte" / "Di sera" ("À tarde") / "Rosso e Azzurro" ("Vermelho e azul") / "Grido" ("Grito") / "Quiete" ("Quietude") / "Il capitano" ("O capitão") / "La madre" ("A mãe"). |
| v. 2, n. 5, set.,<br>1949 p. 2-18  | Requiem e outros poemas de Rainer Maria Rilke -<br>Publicação bilingue dos poemas "Requiem" / Outros  |

poemas I, II / "Herbststimmung" ("Outonal") / "Der dichter" ("O poeta") / "Der tod des dichters" ("A morte do poeta") / "Ernste stunde" ("Hora grave") / Outros poemas VII, VIII, IX.

- |                                    |  |
|------------------------------------|--|
| v. 2, n. 5, set.,<br>1949 p. 33-37 | Três poesias de Vinícius de Moraes -<br><br>Poemas "Soneto da rosa" / "Soneto do só ou Paródia de malte Laurids Brigge" / "Crocodilo".   |
| v. 2, n. 5, set.,<br>1949 p. 38-43 | Poemas de Anibal Machado em prosa e verso -<br><br>Poemas "Noite numa folha" / "Interrupção" / "Se testemunha" / "Última carta de Pero Vaz".   |
| v. 2, n. 5, set.,<br>1949 p. 52-55 | Cinco poemas de "O livro de Lourdes" de Domingos Carvalho da Silva -<br><br>Poemas "Epitáfio" / "Biografia" / "Quinze anos atrás" / "Noturno da ladeira" / "Pose final".   |
| v. 2, n. 5, set.,<br>1949 p. 56-61 | Poemas inéditos de S. Paulo -<br><br>Poemas de Haroldo de Campos: "Invocação" / "A ex-amada" / de Geraldo Pinto Rodrigues: "Comunhão" / "Resurreição do herói" / de August de Campos: "Canto do homem entre paredes" / "Final" / de Décio Pignatari: |

"Noviciado" / "Unha e carne".

v. 2, n. 6, jun., 1953 p. 20-27      Cinco poemas de Stephen Spender -  
 Publicação bilíngue dos poemas "Madonna" (Tradução Olívia Krahenbuhl) / "Almond tree in a bombed city" (Tradução Olívia Krahenbuhl) / "A separation" (Tradução Olívia Krahenbuhl) / "Ultima ratio regum" (Tradução Domingos Carvalho da Silva) / "I think continually of those" (Tradução Péricles Eugenio da Silva Ramos).

v. 2, n. 7, 1956, p. 16-26      Poemas de Dylan Thomas  
 Publicação bilingue dos poemas "Especially when the october wind", "The hand that signed the paper", "Twnty-four years", "This bread I break", "Because the pleasure bird whistles" (Tradução Olívia Krahenbuhl)

Fonte: elaborado pelo autor

Os poemas, intercalados com a publicação de ensaios sobre a linguagem da poesia, são de autoria de poetas da geração que atingia a faixa dos trinta anos no recorte temporal da revista, como Domingos Carvalho da Silva, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Geraldo Vidigal, Bueno de Rivera, José Paulo Moreira da Fonseca, Lêdo Ivo, João Accioli, Mário da Silva Brito e Jamil Almansur Haddad, ou seja, poetas classificados como pertencentes à chamada "geração de 45" — nota-se, nesse conjunto, a colaboração de poetas fora do âmbito paulista, como José Paulo Moreira da Fonseca e de Lêdo Ivo, do Rio de Janeiro, oriundos da revista *Orfeu*, que no mesmo período, foi fundada pelo poeta Fernando Ferreira de Loanda (com nenhuma publicação na *Revista Brasileira de Poesia*); além de Bueno de Rivera, de Minas Gerais. No entanto, ainda que a revista tenha "representantes" em outros Estados brasileiros,

conforme descrição em cada sumário do periódico,<sup>103</sup> não há abertura para a poesia de muitos outros poetas “jovens”, de outros lugares, para além da cena paulista. Isso seria motivado pelo pouco alcance da revista ou por “ideias” de poesia? Inclinando-se à segunda hipótese, é notável a ausência de publicação de textos de Dalton Trevisan, que à mesma época dirigia e publicava na *Joaquim*, e que fora correspondente (pro-forma) da *Revista Brasileira de Poesia* no Paraná. Isso, não é incorreto dizer, está relacionado à incompatibilidade estética entre essas duas revistas, expressa tanto na irreverência gráfica de *Joaquim* quanto na reação, publicada por ela, à conferência de Domingos “Há uma nova poesia no Brasil”, sob o título de “Manifesto dos novíssimos”.

Através do epíteto de José Régio, “Não sei por onde vou, não sei para onde vou, sei que não vou por aí!”, o “Manifesto dos novíssimos”, publicado na revista *Joaquim* em 1948, reage às duas posições “insistentes” produzidas pela conferência, posições representadas por Domingos e por Oswald:

Informamo-vos, entretanto, que aqui em São Paulo, em Minas, no Rio, no Norte, no Sul, há vários jovens poetas insatisfeitos com essas duas soluções, entregues à busca e à pesquisa de uma expressão mais adequada às suas reações emocionais. Há uma inquietação geral de extrema força<sup>104</sup>

De volta aos poemas publicados na *Revista Brasileira da Poesia*, é inconteste a preocupação na abertura à publicação de poetas de outras nacionalidades. A meu ver, existem duas naturezas nesse movimento: aquela que corresponde à vontade de reunião de poemas de autores paradigmáticos para a construção da sensibilidade poética daqueles poetas-editores, que fazem parte do cânone da poesia moderna mundial: Paul Valéry, T. S. Eliot, Rilke, Saint John Perse, Dylan Thomas e Giuseppe Ungaretti; e a abertura dos limites da revista a poetas estrangeiros então contemporâneos em destaque, com enfoque a trânsitos e correspondências desses poetas com a revista: Langston Hughes, Stephen Spender, Nicolas Guillén e o conjunto de poetas catalães traduzidos por João Cabral de Melo Neto.

Além disso, dentre os brasileiros, nota-se a publicação de poetas tidos por

---

103 “Representantes: Haroldo Maranhão (Pará), Aluísio Medeiros (Ceará), Otávio de Freitas Junior (Pernambuco), Wilson Rocha (Bahia), Bueno de Rivera (Minas Gerais) e Dalton Trevisan (Paraná)”. REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Sumário, v. 1, n. 1, 1947.

104 JOAQUIM, Manifesto dos novíssimos. Curitiba, n. 18, maio 1948, p. 4

modernistas, é o caso de Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Sérgio Milliet e Vinícius de Moraes. É interessante notar que não há publicação de poesias de Manuel Bandeira, ainda que ele tenha contribuído para a revista através de traduções de poemas estrangeiros; mais gritante, contudo, é a ausência de Oswald, que esteve presente, como já foi dito, em diversos eventos promovidos pela revista. É importante insistir nesse ponto, haja vista que sua figura, ao contrário da figura de Manuel Bandeira e de Cecília Meireles, é uma figura para qual a revista se coloca frontalmente oposta, com direito a xingamentos públicos no próprio periódico e em jornais locais.

No entanto, a maioria da poesia publicada na revista refere-se aos poetas que, de alguma forma, fazem parte do grupo de poetas aos quais pertencem os poetas-arcontes da revista, desde José Paulo Moreira da Fonseca até Lêdo Ivo, de Péricles Eugenio da Silva Ramos a Bueno de Rivera. São poéticas que, em grande medida, são distintas e difíceis de serem agrupadas além de categorias cronológicas, como afirmou Benedito Nunes de forma acertada.

Ainda, há outro grupo de poetas, mais novos que os novos: os novíssimos. Eles têm algum espaço na revista e, quando são publicados, o são em conjunto: Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, por exemplo. É de conhecimento da crítica que Décio Pignatari estreou sua obra na *Revista Brasileira de Poesia*. Nesse momento, é claro, o trio de poetas ainda não havia se reunido para criar a *Noigandres*, nem projetado a poesia concreta. Eles faziam parte do Clube de Poesia de São Paulo e publicaram, na revista, versos como estes, de Haroldo de Campos:

## INVOCAÇÃO

No tombadilho da rosa  
Teus olhos de água marulham  
Como ondas transviadas.

Espreito o búzio longínquo  
Que amoja em teus seios alvos

Cantigas surdas do embalo

Para o silêncio a fluir.

Amada, por quem esperas

Ao longo do barlavento?

Por quem rendida bifurcas

Teu corpo de flébil lírio

Cindindo réstias de nácar

No rumo dos teus pés nus?

Amada, teus seios alvos,

Amada, teus olhos d'água

Nem sabes como marulham.<sup>105</sup>

Ainda que em tom clássico e “elevado”, a linguagem poética utilizada explora a materialidade das palavras em sua musicalidade, no emprego de aliterações, paralelismo rítmico, e exploração da linguagem apostrófica tipicamente lírica.<sup>106</sup> De fato, o poema em nada tem a ver com a posterior poesia concreta; parece mais afeito aos ideais estéticos do neoclassicismo. Contudo, já é perceptível certo trabalho com a “vocalidade” da palavra poética, posteriormente levada às últimas consequências no tripartite procedimento verbivocovisual.

Os poemas de Haroldo, Augusto de Campos e Décio Pignatari publicados na *Revista Brasileira de Poesia* são consequência da participação dos jovens poetas, estudantes daquela mesma Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, no Clube de Poesia de São Paulo. Na ocasião do número publicado em 1949, anuncia-se (e, com a publicação dos poemas, divulga-se) a publicação em livro das estreias dos três poetas. Na cronologia do movimento da poesia concreta cunhada por Gonzalo Aguilar,

---

105 CAMPOS, Haroldo de. Invocação. Poetas inéditos de S. Paulo. *Revista Brasileira da Poesia*, v. 1, n. 5, 1949, p.56.

106 CULLER, Jonathan. *Theory of the lyric*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

apresenta-se o ano de 1950 como o pontapé inicial da produção pública de dois dos estudantes, Haroldo e Décio:

1950

Dois jovens poetas, Haroldo de Campos (1929) e Décio Pignatari (1927) editam seu primeiro livro pelo Clube de Poesia, grupo literário nascido da Geração de 45, de orientação classicista e gosto pelas formas regulares. Em *Auto do possesso*, Haroldo de Campos desenvolve uma linguagem barroca e preciosista de clara linhagem mallarmiana, da qual o crítico e historiador Sérgio Buarque de Holanda destaca seu “inconformismo promissor”. Em *O carrossel*, de Décio Pignatari, com poemas datados entre 1947 e 1949, inclui-se “O jogral e a prostituta negra”, em que, utilizando tmesse (intercalação de uma palavra em outra) e cortes abruptos, afasta-se da poética da Geração de 45. Nesse conjunto de poemas, já se vislumbra o desvio de Décio com relação ao panorama predominante.<sup>107</sup>

Ainda que o autor afirme que o desvio era dissonante em relação à produção poética dos poetas de 45, não é possível negar que essa produção insurgente teve espaço e reconhecimento nesse mesmo grupo; naturalmente, contradições como essa não são raras, haja vista a presença heterogênea de poetas na *Revista Brasileira de Poesia* ao mesmo tempo em que há uma tímida, mas perceptível linha editorial que a rege com cordas tensas.

Não obstante, Geraldo Vidigal, o mesmo poeta editor que (não por acaso) não é citado em textos ao longo da revista, e que, como já dito, foi elogiado por Oswald na crônica “Aviso aos navegantes”<sup>108</sup>, e que se desligou do corpo editorial no terceiro número, soube, desde o início, em sua coluna do *Correio Paulistano*, reconhecer o valor poético que prenunciava o jovem Décio Pignatari. Dois anos antes da edição do volume *Carrossel*, Geraldo Vidigal publicou fragmento do poema de mesmo título, anunciando o poeta como um dos “novíssimos que melhores promessas me parecem trazer à poesia paulista.”<sup>109</sup>

107 AGUILAR, Gonzalo. *Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: EdUsp, 2005.

108 “Não negarei o valor poético e algumas dessas estrelas. Salva, por exemplo a Revista, um grupo de poemas do sr. Geraldo Vidigal [...]” ANDRADE, Oswald. *Aviso aos navegantes*, op. cit.

109 VIDIGAL, Geraldo. *Poesia nova. Correio Paulistano*, São Paulo, 14 nov. 1948, p. 8.

## 5 ARQUIVOS DESDOBRADOS

### 5.1 A REVISTA É ATRAVESSADA POR SEUS PRÓPRIOS DESDOBRAMENTOS

Publica-se na *Revista Brasileira de Poesia* um conjunto variado de textos relacionados, em diferentes medidas, a outras organizações sociais promovidas, em suma, pelo grupo dirigente do periódico. Como já dito no primeiro capítulo, é característico do literário seu atravessamento por diversas atividades sociais, que favorecem e regem as condições de seu aparecimento. No caso da revista, essas relações discursivas são ainda mais evidentes. A análise dessas conexões que atuam sobre o campo da literatura como “ideias-força” pode ser bem orientada pela delimitação de um “discurso literario”, como afirma Maingueneau:

Al hablar de “discurso literario” se intenta restituir las obras a los espacios donde son producidas, gestionadas, evaluadas. En ellos las condiciones del *decir* atraviesan lo *dicho*, y lo *dicho* remite a sus propias condiciones de enunciación (el estatuto del escritor asociado a su modo de posicionamiento en el campo literario, los roles vinculados a los géneros, la relación con el destinatario construida a través de la obra, los soportes materiales y los modos de circulación de los enunciados, etc.<sup>110</sup>

É principalmente por consolidação de espaço no campo da literatura a busca dos poetas de 45 em seu programa de ação. Na *Revista Brasileira de Poesia*, tem-se efetivamente a promoção de desdobramentos sociais do periódico; sua análise, além de explicar boa parte da constituição da revista (já que ocupam gradualmente a revista inteira até seu número derradeiro), contribui para a compreensão do alcance e do impacto da revista no cenário então contemporâneo. A ser destacado inicialmente, houve a já mencionada organização do I Congresso de Poesia de São Paulo, cuja promoção foi anunciada desde o primeiro número da revista. A divulgação do congresso será gradualmente maior até o terceiro número, praticamente dedicado ao evento, que havia acontecido dois meses antes. É notável, entretanto, a existência de uma convocação para trabalhos sobre poesia e a publicação do regulamento do evento, como se verá adiante. A presença desta organização de congresso “tão cedo”, já no primeiro número, indica uma ideia de “programa de ação” da revista, como bem disse

---

110 MAINGUENEAU, Dominique. Análisis del discurso, literatura y ciencia. *Arbor Ciencia, Pensamiento y Cultura*, v. 194-790, 2018, p. 4

Maria Marcelita Pereira Alves. Percebe-se que o periódico surgia não só como um veículo para se publicar a poesia, mas também para se pensar a poesia de sua própria época.

Esse indício acabou por dar a tônica dos volumes subsequentes, com uma presença crescente de atividades que reivindicam, por parte do grupo dirigente da revista, sem cessar, aquele “espaço”. Essa presença se realiza de diversas formas e por naturezas também distintas: na divulgação dessas organizações; na publicação de transcrições de conferências; no relatório de atividades do I Congresso de Poesia de São Paulo e, em seguida, nos relatórios do Clube de Poesia; em depoimentos; na submissão da *Revista Brasileira de Poesia* ao Clube de Poesia (que, a princípio, nasceu no bojo das discussões do periódico). Portanto, esses desdobramentos atravessam a constituição do periódico, compõem sua caracterização e ampliam seus limites, ao passo que produzem esvaziamento de sentido da revista.

## 5.2 O 1º CONGRESSO PAULISTA DE POESIA

Um dos números mais relevantes da *Revista Brasileira de Poesia* quando se trata do I Congresso Paulista de Poesia é o número 3, de agosto de 1948. Nesse número, na seção "Noticiário", são apresentados os acontecimentos do congresso. No entanto, para ser preciso, apenas parte dos fatos é relatada. O termo "narrados" pode ser considerado incorreto nesse contexto. Talvez seja mais adequado dizer que os eventos são descritos. No entanto, a descrição presente nas páginas da revista ainda não é suficiente, pois aparenta se assemelhar mais a atas de reuniões de condomínio, paróquia ou clube do que a um texto adequado para a publicação.

O I Congresso Paulista de Poesia ocorreu entre os dias 29 de abril e 2 de maio daquele ano. A publicação dos registros do evento no espaço da *Revista*, segundo texto de abertura dos registros publicados, se deveu ao arrecadamento insuficiente para um volume em livro das falas e relatórios decorrentes dele. A abertura das “solenidades” do Congresso ficou a cargo dos editores da revista, o que reafirma a hipótese de que o

evento foi fruto de discussões dentro-fora (o lugar que acolhe, que se mostra, mas não se revela) da “entidade” da revista.

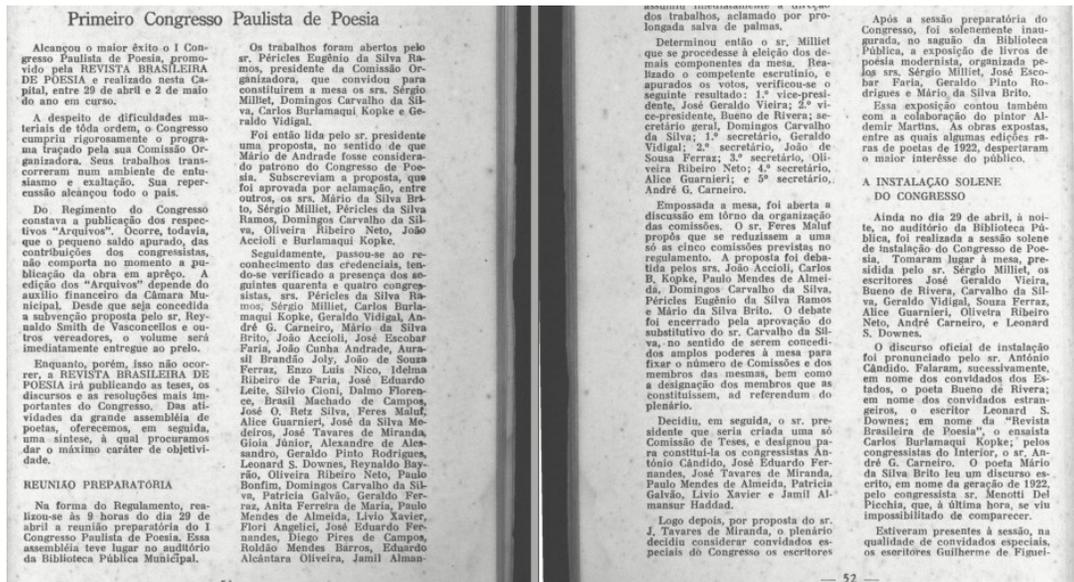
Os trabalhos foram abertos pelo sr. Péricles Eugenio da Silva Ramos, presidente da Comissão Organizadora, que convidou para constituírem a mesa os srs. Sérgio Milliet, Domingos Carvalho da Silva, Carlos Burlamaqui Kopke e Geraldo Vidigal.<sup>111</sup>

O mais velho dos mencionados e um mentor da comissão foi Sérgio Milliet, diretor da Biblioteca em que se realizava aquela cerimônia de abertura e “que assumiu imediatamente a direção dos trabalhos, aclamado por prolongada salva de palmas”. Ele foi eleito o presidente do congresso, sendo José Geraldo Vieira, o vice-presidente. A cerimônia de abertura, com toda sua pompa, não terminou ali: às escolhas democráticas da presidência, seguiram-se o debate sobre a constituição dos membros da secretaria subordinada a ela, e a eleição de uma interessante comissão para avaliar as “teses” pronunciadas ao longo do congresso: Antonio Candido, José Eduardo Fernandes, José Tavares de Miranda, Paulo Mendes de Almeida, Patrícia Galvão, Lívio Xavier e Jamil Almansur Haddad. Bastante gente para um conjunto de congressistas ainda maior, que conteve, entre os inscritos presentes, 44 pessoas. Dentre elas, nomes já reconhecidos pela crítica literária se destacam, como Patrícia Galvão, José Geraldo Vieira, Oswald de Andrade, além de vários poetas de diversos estados brasileiros. A imagem abaixo pode dar dimensão quantitativa dessas presenças, além de dar a ver a mencionada sisudez do estilo de expressão de “ata” na linguagem e no uso espacial da página:

---

111 REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, n. 3, 1948, p. 51

Figura 4 — Primeiro Congresso Paulista de Poesia



Fonte: elaborado pelo autor

Entretanto, é preciso salientar uma falta, a de Menotti del Picchia. Essa falta não foi responsável por uma ausência de pronunciamento do poeta, que dedicou longa mensagem saudando a nova fase da poesia que via se formar e o congresso que, segundo ele, se equiparava em importância à Semana de Arte Moderna de 22. Essa “Mensagem” foi lida por Mário da Silva Brito e publicada naquele mesmo número da *Revista Brasileira de Poesia*, fazendo parte da seção “nobre” (central) das páginas da revista. Contudo, não foram tão entusiastas, muito menos extensas, as declarações de outras personalidades da tradição modernista e da cena literária brasileira:

Grato amável convite e impossibilitado comparecer faço votos êxito Congresso Poesia. Abraços. Carlos Drummond de Andrade

Lamentando impossibilidade comparecer agradeço honroso convite mandando sinceros votos êxito Congresso. Paulo Ronai

Lamentando sinceramente não poder comparecer aguardo com grande interesse conclusões Congresso. Atenciosas Saudações. Alphonsus de Guimaraens Filho.

Agradeço delicado convite. Comunico deixo comparecer Congresso virtude minhas férias telégrafo terminarem 25 corrente. Formulo votos melhor êxito importante reunião. Saudações cordiais. Sosígenes Costa.

Foram também lidos telegramas do Congressista Francisco Fabiano Alves, de Itapetininga, justificando sua ausência e de Otto Maria Carpeaux e Cecília Meireles, dirigidos ao sr. Péricles Ramos, formulando votos de êxito ao Congresso.<sup>112</sup>

Gostaria de mencionar um fato anterior às leituras dos convidados ilustres. Aconteceu algo de grande importância que foi mencionado de forma breve em apenas uma linha e meia de página: a conferência de abertura foi proferida por ninguém menos que Antonio Candido. Sobre esse fato, a revista faz uma menção extremamente sucinta, levando em consideração as manifestações elogiosas já mencionadas em relação ao evento e às novidades propostas: “O discurso oficial de instalação foi pronunciado pelo sr. Antonio Candido. Falaram, sucessivamente, em nome dos convidados dos Estados, o poeta Bueno de Rivera [...]”. Ao contrário da extensa mensagem afetada de Menotti del Picchia, o discurso de abertura não foi publicado naquele número da *Revista Brasileira de Poesia*, nem em qualquer outro.

O leitor daquele volume do periódico talvez tenha entendido ser o ensaio “Notas sobre dois aspectos de Ezra Pound”, de autoria de Antonio Candido, apenas algumas páginas após a transcrição do discurso de saudação de Picchia, o texto pronunciado por Candido no evento, já que este ocupava um papel central naquelas páginas, sendo, sobretudo, *ainda* o órgão oficial de divulgação de suas consequências. Mas, não. Certamente por não ter sido condescendente com os poetas de 45, organizadores do colóquio, o texto de abertura não foi conhecido (mas certamente foi bastante comentado) por pessoas que não estiveram naquelas reuniões até o momento de publicação de *Textos de intervenção*, de 2001, organizado por Vinícius Dantas e que reúne palestras e outras falas de Antonio Candido.

“O poeta”, afirma, “dificilmente poderá dar transcendência a valores que lhe parecem eternos, mas que são muitas vezes valores de partido.” Candido sinaliza a

---

112 Ibidem, p. 53

esterilidade da cultuação excessiva de certos valores da poesia. Ao comparar isso à ideia de “partido”, posiciona seu discurso como um observador, antes externo que interno, ao desenho de um enunciado acerca da poesia que via ser publicada. Recorre à comparação com algo que seria, em princípio, alheio à poesia e afeito a relações menos poéticas, de partidos em defesa de uma causa, de um anseio de certa comunidade.

No momento, não se trata de enterrar nem ressuscitar 22; 22 já amadureceu e apodreceu, como a fruta paulista do poema de Mário de Andrade, e as suas conquistas são definitivas. Os poetas de agora estão, justamente, exagerando certos princípios poéticos decantados pelo Modernismo na corrente eterna da poesia, e desprezando outros tantos, que os modernistas exageraram de preferência.<sup>113</sup>

Parece evidente que o autor, ao criticar ideais estéticos estanques endossados pelo “partido” dos poetas mais novos, tenha adotado o seu próprio. A comparação que evoca entre a fatura poética então recente e a do modernismo de 22 não é originada ali; é justamente o embate ativo dos poetas de 45, seja na atividade da poesia quanto na ação político-literária contra parte do ideário estético do modernismo — em grande medida reduzido a certas revoluções formais como a do verso livre, do uso pitoresco das imagens e da ironia — o que fez nascer essa tensão, que no discurso de Antonio Candido se prenuncia, no substrato, como já existente: daí sua atitude, que antes é de reação que de tentativa de balanço. Sua postura se assemelha e se coloca ao lado de toda uma crítica hegemônica imediatamente posterior à geração de 45, e que sobrevive até hoje: pautada no desprezo a um grupo monolítico e impreciso de poetas, com alvo a uma parte atuante no cenário do jornalismo literário e, por extensão, na política da literatura. Como já se viu, trata-se de poetas oriundos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco e de uma determinada classe da elite, da qual partem determinados vestígios linguísticos e culturais, “cultuais”. A crítica de Candido, assim como a constância reativa de Oswald de Andrade em sua coluna *Telefonema* (ou nas manifestações no congresso e no clube) e a assunção hegemônica dos concretos

---

113 CANDIDO, Antonio. Org. Vinícius Dantas. *Textos de intervenção*. Editora 34, 2002, p. 162.

contribuíram para a cristalização da imagem discursiva, como um *locus* pacífico, em torno dos poetas de 45.

Antonio Candido percebe o uso indiscriminado de limitadas figuras poéticas como tentativa alegórica de evocar certos sentimentos e imagens etéreas. Essa esterilidade seria evidente na falta de correlação entre a realização da poesia no poema e a necessidade poética da materialidade poema; “certa necessidade, certa pertinência estética ou psicológica na conjunção de palavras e imagens, e que pode ser tanto a reminiscência vivida e amadurecida , a iluminação, a descoberta paciente.”

O crítico explica quais seriam as motivações para o “abuso” de determinadas alegorias. Elas estariam a serviço da expansão dos sentimentos do poema, a fim de que se crie determinada “atmosfera”. Isso, certamente, decorre da ampla leitura de Eliot por parte dos intelectuais naquele idos dos anos 1940, como aponta Vagner Camilo. A tendência verificada por Candido se assemelha ao procedimento estético teorizado pelo poeta-crítico (para utilizar a conceituação de Leyla Perrone Moyses) mais conhecido por “correlato objetivo”. Não sendo direcionada a Eliot, a crítica de Candido se refere a um uso caricato do procedimento pelos poetas mais novos. Em defesa destes, entretanto, percebe-se na estratégia argumentativa do autor demasiada generalização quanto ao grupo. Este não é constituído, como já se disse, por um conjunto fixo nem limitado de escritores, e se manifesta por poéticas muitas vezes distintas entre si.

Interessante apontar que Candido defende uma hipótese que *Modernidade entre tapumes* terá por *leitmotiv*: a comparação da qualidade da inflexão neoclássica dos modernistas e o uso da tradição pelos poetas de 45:

Qual foi o destino dos modernistas? Começaram por ficar em paz com o mundo exterior; abriram os sentimentos e receberam as impressões, concretizando-as em imagens diretas e quase materiais, reeducando a sensibilidade no primitivismo das sensações. Muitos lá ficaram e a sua poesia nos parece hoje tão velha e sem sentido quanto a dos últimos parnasianos. Outros partiram dali, nutridos da experimentação com as coisas, para uma lenta reconquista das harmonias permanentes do poema. Afinaram, volatilizaram ou deram transporte ao seu verso, depois de lhe haver dado músculos algo selvagens. Daí o segredo dos grandes livros de nossa poesia moderna, como *Estrela da manhã*, de Manuel Bandeira, *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, *Poesia em pânico*, de Murilo Mendes. Os jovens, porém, encontrando aberto o caminho e domado o verbo, se atiraram diretamente no espaço, procurando, de início, captar a harmonia difícil das esferas. E fazem ressoar majestosamente

uma corda que vai do próprio umbigo ao infinito, a pique de reentronizar a noção romântica do poeta cósmico, do poeta iluminado e centro do mundo.<sup>114</sup>

A postura de Candido tende a ver nos poetas modernistas que eles, aos poucos e sensivelmente, souberam pesquisar as possibilidades da estética (conforme conquista do modernismo, já assinalou Mário de Andrade em sua célebre conferência de 1942) e o sucesso potencial dos recursos da palavra em detrimento das experimentações dos poetas novos. Assim posto, o crítico dispõe as duas linhas de trabalho poético, mostrando a ineficiência da direção experimental da então mais recente. Dessa forma, ambas parecem antagônicas, respostas dicotômicas para um mesmo problema. Não obstante, essa avaliação ignora, ou dificulta a observação de certas penetrações. Por exemplo, o alinhamento estético e crítico de Sérgio Milliet, Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia, rebentos do primeiro modernismo no pastoreio das manifestações poéticas dos novos; ainda, não dá conta de explicar a apropriação de Péricles e Carlos Köpke das ideias estético-formais de Mário de Andrade expressa na *Revista Brasileira de Poesia*, apropriação devidamente criticada por Sérgio Buarque de Holanda, no período. Na mesma via, não explica inserções de ordem discursiva e de suas possibilidades para a abertura do espaço da poesia desses poetas, como a colaboração do próprio Sérgio Buarque de Holanda na *Revista*.

Em última instância, intensifica-se o questionamento acerca do lugar na *Revista Brasileira de Poesia* no qual Candido transita. O crítico aceitou fazer parte do conselho consultivo do periódico e colaborou com alguns textos. Não com este, naturalmente...

Em vez de abrir a revista com um texto adequado ao congresso por ela organizado, encontramos o texto de Candido intitulado "Nota sobre dois aspectos de Ezra Pound". Nesse texto, o crítico comenta as diferenças poéticas entre T.S. Eliot e Pound, destacando que este último possui uma expressão mais direta, sem meios-termos, enquanto Eliot sujeita a experiência a uma "rede sutil" de relações que "amortece o impacto inicial da realidade". No entanto, há uma tendência que os une e que também pode ser observada no autor de *Mulheres apaixonadas*, D.H. Lawrence:

---

114 Ibidem, p. 163

uma inclinação desses poetas "imagistas" em direção a ideias fascistas e totalitárias. Candido lista características comuns a esse "grupo", como o culto ao heroísmo, ao fervor e à exaltação verificadora. A crítica é perspicaz e libertária, ao contrário do tom elogioso que pode ser encontrado em outros artigos da revista.

Nesse ínterim, o autor estava comentando o alinhamento dos três poetas ao fascismo num meio de publicação em que dois deles, Eliot e Pound, são amplamente citados por características louváveis. Pode-se compreender, entretanto, que o fato de os editores publicarem o artigo demonstra que havia, mesmo por vias tensas, espaço para a heterogeneidade.

Ou uma heterogeneidade cordial. De fato, a *Revista Brasileira de Poesia* não possuía a ética combativa aos moldes de *Orfeu*, do Rio de Janeiro, que dedicou muitas páginas à negação explícita a maiores personalidades do modernismo. Na *Revista Brasileira de Poesia*, publicam-se autores de linhagens e agendas distintas. Mas, como já foi explicitada na seção "A suposta heterogeneidade poética da revista", essa ampla divulgação não é alijada de posicionamentos marcados e escolhas definidas por parte dos poetas-arcontes do periódico. Isto posto, na publicação do artigo de Candido, por exemplo, percebe-se uma espécie de tensão.

Tensão em diversos níveis: uma delas é a "substituição" do texto que nunca foi publicado na revista, o discurso de abertura do congresso de poesia, por um outro artigo; além disso, o contraponto teórico da proposta do artigo de Candido *tensiona* pressupostos poéticos presentes em artigos da revista de autoria dos editores do periódico; isso dá sinais de outras tensões, como a instaurada por um conjunto de pressupostos críticos diferente daquele defendido na mesma publicação, incentivando olhares que levem em consideração essas *origens mistas*.

Em se tratando ainda de espaços, pode-se refletir acerca dos espaços que, de volta ao I Congresso Paulista de Poesia, o evento ocupou durante aquela semana de 1948. Já foi mencionada a adesão do então diretor da Biblioteca Municipal ao grupo, o que certamente facilitou a realização do congresso em suas imediações, contando com uma exposição de obras modernistas promovida pela *Revista Brasileira de Poesia*. A

segunda “sessão plenária” foi realizada em outro espaço, no Bar Municipal. Nota-se a presença de Oswald de Andrade na ocasião:

Nessa sessão foram discutidos numerosos assuntos de ordem interna. Houve também debates sobre temas literários, tendo participado das discussões os srs. Geraldo Vidigal, Carvalho da Silva, Paulo Fraletti, Tavares de Miranda, [Mário da] Silva Brito, Rossine Guarnieri, Bondim Betarello, [Carlos] Burlamaqui Kopke, Oswald de Andrade e outros.

Então, ainda que seja num local que evoque, de algum modo, uma atmosfera informal, a descrição das atividades na revista segue o referido estilo grandiloquente. Os assuntos “internos”, omitidos, são a prova disso, pois não “couberam” naquelas páginas, tomadas por ares de seriedade. Também não couberam na “ata” o barramento do congresso no Museu de Arte, local em que seria realizada a sessão, e as movimentações para alocar novamente a programação, após suposta depredação da sala de conferências do museu após a primeira parte do evento.<sup>115</sup>

A terceira sessão do evento foi realizada no auditório do Instituto de Educação Caetano de Campos. Há nessa ocasião uma discussão interessante acerca do espaço do escritor nos meios jornalísticos e sobre o direito de remuneração. Entretanto, a discussão é apenas aludida, sem maiores explicações:

Abertos os trabalhos pelo sr. José Geraldo Vieira, foi inicialmente lida uma indicação, subscrita pelos srs. Escobar Faria, Camargo Guarnieri, Ciro Pimentel, Luis Washington, Alice Guarnieri e outros, exigindo a remuneração, pela imprensa, da colaboração em verso. A proposta foi combatida pelo sr. Geraldo Pinto Rodrigues. Apresentado pelo sr. Domingos Carvalho da Silva um substitutivo recomendando aos poetas a não colaboração gratuita em jornais pertencentes a grandes empresas capitalistas, foi o mesmo aprovado.

---

115 Domingos Carvalho da Silva, em entrevista, dá seu ponto de vista: “Houve também — prosseguiu o entrevistado — o pitoresco caso do Museu de Arte, que, por ter encontrado no auditório algumas pontas de cigarro, fechou as portas à segunda sessão do Congresso, intempestivamente. Admito que os dirigentes do Museu, que se achavam, aliás, no Rio, foram mal informados pelos empregados subalternos e tímidos que aqui se encontravam. Nada perdemos, porém, com essa ‘gafe’ dos zeladores do Museu. A sessão que realizamos, na manhã do dia 1º, no Bar Municipal, foi a prova de fogo da vitalidade do certame.” *CORREIO PAULISTANO*. A batalha entre 22 e 45 determinou o itinerário do Congresso de Poesia. São Paulo, 08 maio 1948, p. 12.

Não obstante, é notável a relevância da proposta, já que demonstra inquietações acerca do papel dos escritores para o sistema de capitalização da sociedade, bem como dá indícios da conexão entre o poeta e o jornalismo literário. Vale lembrar, poucos anos mais tarde, na década de 1950, no âmbito do jornalismo literário, conforme Alzira Alves de Abreu<sup>116</sup>, se afirma a profissionalização do escritor na colaboração paga em suplementos dos jornais de grande circulação, cindindo o jornalismo entre o *tout court* objetivo, noticiário, e o jornalismo de opinião e de crítica, legado ao espaço do suplemento. Nesse contexto, a publicidade ganha corpo nos meios de comunicação de massa.

Além disso, percebe-se através da nota acima citada a aceitabilidade das ideias de Domingos Carvalho da Silva pela maioria dos presentes no congresso. Mas, essa aceitação teria algum ruído, algum incômodo naquela mesma ocasião. Esse ruído foi tamanho que transbordou até naquelas páginas em linguagem de ata.

Passou-se em seguida à discussão da tese “Há uma nova Poesia no Brasil”, do sr. Domingos Carvalho da Silva. Lida a tese pelo autor, e o parecer da Comissão pelo sr. Jamil Almansur Haddad, pediu a palavra o sr. Oswald de Andrade, que combateu a tese em causa. Travaram-se então animados debates, dos quais participaram o orador, o autor da tese e os srs. Burlamaqui Kopke, Tavares de Miranda, Rossine Guarnieri, Almansur Haddad e outros congressistas.

**A sessão foi suspensa quando o sr. Oswald de Andrade ainda estava com a palavra.**

O debate deve ter sido bastante acalorado, haja vista que houve a “necessidade” de interrompê-lo na metade da argumentação de Oswald de Andrade. Ainda que fortemente atuante no primeiro modernismo e presente na cena literária da década de 1940, nenhum comentário ou pronunciamento de Oswald de Andrade foram publicados na *Revista Brasileira de Poesia*. Mas a conferência de Domingos, mesmo rejeitada pela comissão de teses do evento, foi! A rejeição, como se verá, se deve à atitude obstinada de Domingos para causar conflito. Obstinada com uma tese de ruptura. Vamos à fala do

---

116 ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. *Imprensa em transição*. Org. Alzira Alves de Abreu et al. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.

autor; em seguida, por contraponto, ela será confrontada com a rejeição da tese pela comissão de avaliação do evento representada por ninguém menos que Patrícia Galvão.

Já mencionei que o discurso “Há uma nova poesia no Brasil”, ao contrário do discurso de abertura de Antonio Candido e de diversas outras falas, foi publicado na *Revista Brasileira de Poesia*. No penúltimo artigo da seção “Arquivo” daquela terceira edição do periódico — logo antes de “Ritmo, parnasianismo e palpites”, no qual Péricles Eugenio rebate crítica acerca de sua poética classificada como “parnasiana” por Almeida Sales — há a transcrição integral da “tese” de Domingos Carvalho da Silva.

Entretanto, o periódico faz uma introdução antes de apresentar a integridade da fala do poeta:

A tese que abaixo se vai ler foi apresentada por Domingos Carvalho da Silva ao 1º Congresso Paulista de Poesia, onde deu margem a longos e apaixonados debates. Subiu ao plenário com o seguinte parecer da Comissão incumbida do exame das teses, assinado por Jamil Almansur Haddad – relator; José Eduardo Fernandes, Paulo Mendes de Almeida, José Tavares de Miranda e Patrícia Galvão: “A comissão recomenda ao plenário a discussão da tese, que comporta mais amplo debate, em face das afirmativas nela contidas. Os assuntos nela focalizados são de transcendente interesse em vista do esclarecimento das tendências da poesia contemporânea brasileira. A Comissão rejeita as conclusões da tese, ao mesmo tempo que discorda de várias de suas premissas. Recomenda, entretanto, sua publicação nos Arquivos do Congresso, como ainda a publicação, se for possível, dos debates que suscitar. Reconhece, todavia, o valor desta contribuição ao Congresso. Recomenda, ainda, a leitura em plenário.”<sup>117</sup>

Mais uma vez a “euforia” causada pelo discurso de Domingos escorre das declarações protocolares. Percebe-se que a palestra suscitou debates acalorados e que a comissão de avaliação rejeitou suas suposições. Contudo, destaca-se aqui a publicação de Domingos no âmbito da *Revista*, demonstrando, como já observei em outro momento, a determinação editorial em reforçar o discurso geracional que vinha se formando, na vertente a favor dos poetas de 45. O autor traz premissas que evocam uma ideia de algum modo evolucionista da poesia nacional:

---

117 REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Há uma nova poesia no Brasil. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 3, 1948

A história nos ensina porém que jamais foi cometida a uma só geração a dupla tarefa de destruir e reedificar Roma; A geração de 1922 avançou até o máximo em sua poesia de combate. Entretanto, sempre que tentou reconstruir alguma coisa, retrogradou, procurando seus modelos no mundo que resolvera sepultar. Os extremos alcançados no “Losango Cáqui” ou no “Pau Brasil” eram um beco sem saída, um inesperado cabo Finisterra. Tendo avançado demais sem um roteiro certo, somente poderiam mudar de itinerário ensaiando a marcha à ré.<sup>118</sup>

As analogias construídas por Domingos são pautadas em termos que variam de “edificação”, “reconstrução” a “sepultamento” e “beco sem saída”, o que pressupõe uma noção de produção literária de natureza semelhante a uma ideia de linearidade da história. Na tentativa de síntese e de defesa, o autor recai em classificações que não abrangem a poesia, não satisfazem a “tentativa” de balanço do modernismo. Essa força teórica, frágil e demolidora ao mesmo tempo, servirá a mesma medida para a tentativa de afirmação de uma nova fase da poesia brasileira que estaria despontando. Ou melhor, para ser mais preciso: uma tentativa de definição do que estava acontecendo no campo de produção da poesia (isso separa as coisas, a tentativa de definição como um corpo à parte da sensibilidade poética que inevitavelmente circulava de fato).

Mas “a poesia da hora que passa não é uma herança legada pelo passado ao presente; é uma conquista da nova geração”; para Domingos, que argumentava e agrupava os poetas a partir de medidas pautadas em termos de “geração”, acabará por, naquela ocasião, cunhar o termo “geração de 45”, que acabou permanecendo — o termo.

Estamos, em conclusão, diante de uma nova poesia, profundamente, radicalmente diversa da que prevaleceu até poucos anos atrás no ambiente literário nacional. Não se trata de uma questão opinativa, mas de um fato verificável objetivamente. O modernismo foi ultrapassado. Cabe portanto aos poetas novos prosseguir o rumo que se anuncia, sem transigência com o passadismo e sem compromissos com a semana de Arte Moderna.<sup>119</sup>

Obviamente, a tese de Domingos Carvalho da Silva não se sustenta hoje em dia tanto quanto não se sustentava no momento em que foi proferida. Sabe-se, e não

---

118 Ibidem, p. 66.

119 Ibidem, p. 69.

pretendo me aprofundar nessa questão, que o modernismo da década de 1920 não se limitou a uma década, e produz ressonância, por exemplo, na poesia de Ana Cristina César, na poesia concreta, na poesia dos dias atuais; sabe-se que o modernismo não se findou em 1929, sabe-se que ele não é uma questão de tempo: talvez seja uma questão de espaço. Espaço do modernismo, que se espalha e que acomoda manifestações artísticas das mais diversas faces até hoje. Mas a relevância da tese de Domingos Carvalho da Silva reside não no seu absurdo especulativo, mas na contribuição desse absurdo para a formação de um discurso acerca da poesia da “geração de 45”. Essa sobrevivência persiste quando, como já mencionou Gilberto de Mendonça Teles, a crítica literária se refere a esse grupo incerto de “a chamada geração de 45”. Isso demonstra que o próprio termo, cunhado em “Há uma nova poesia no Brasil”, carrega consigo uma história da postura reativa e de ruptura para com o modernismo, que à época do evento já era tradição, a tradição modernista. Não obstante, esse texto “fundacional” não agenciou sozinho as problemáticas cisões da crítica. Eliseo Verón, importante teórico da análise do discurso, acerca desses textos que aparentam “fundar alguma coisa”, aponta certamente que um fenômeno histórico:

1. No tiene la unidad de un acontecimiento; es un proceso y no un acontecimiento singular;
2. No tiene la unidad de un acto, cuyo origen sería un agente humano singularizado;
3. No tiene la unidad de un lugar ni de un espacio (aun textual), por lo tanto es inútil buscarlo en “alguna parte”.<sup>120</sup>

De fato, neste trabalho percebe-se que o discurso geracional em torno da e favorável à geração de 45 se manifesta através de diversas frentes. Com isso, questionou-se, oportunamente, os limites desse próprio arquivo inflamado — que se espalha em e de diversas fontes e que pode ser, no processo de consignação do arquivo, o rastro de sua própria ruína no campo da literatura. E, é claro, o processo de

---

120 VERON, Eliseo. La semiosis social. Elementos para una teoría de la interdiscursividad. Barcelona, Gedisa 1993, p..

legitimação ou deslegitimação ocorre também quando o enunciado atravessa o espaço conjugado com os “pares intelectuais” (Bourdieu) de certa comunidade de intelectuais.

Além da reação de Oswald de Andrade apenas mencionada na revista, houve uma declaração contundente sobre o discurso de Domingos que não foi incluída nas páginas do periódico: um pronunciamento no congresso por Patrícia Galvão, publicado como parte de um artigo maior no *Diário de São Paulo* (note-se, não no *Correio Paulistano*, nem no *Jornal de Notícias*), em 9 de maio de 1948.

O grupo de que saiu essa tese, apresentada pelo sr. Domingos Carvalho da Silva, é o mesmo grupo que lançou a *Revista Brasileira de Poesia*, responsável também pela concretização do Congresso. Caracteriza-se o autor da tese como porta-voz, pelo comportamento de todos os componentes do grupo, que não apresentaram nenhuma tese contrária ou paralela a esse ponto de vista, e durante o Congresso apoiaram, cada um por sua vez, sem quebra de unidade, a “nova poesia”, datada de 1945. A tese da “nova poesia” voltou-se, em sua crítica ao passado, até a Semana de Arte Moderna de 1922, desse movimento destacando a poesia, para dizer que a “nova” é uma “conquista” de 1945, desligada inteiramente das pesquisas de então. O movimento de 1922 é assim considerado “coisa morta” pelo grupo do sr. Domingos Carvalho da Silva.<sup>121</sup>

Parece evidente que a recepção da fala de Domingos por parte do circuito externo aos poetas de 45, além de rejeitá-la, nota, como tem se confirmado nesta pesquisa, uma proeminência da figura do autor como espécie de “porta-voz” de sua geração. Na fala de Patrícia Galvão, isso se evidencia e dá outros dados a essas sensações: confirma a adesão da maioria dos congressistas às ideias de Domingos. A autora também alinha essa adesão à proposta estética da *Revista Brasileira de Poesia*. Feita essa introdução que sintetiza com lucidez os acontecimentos decorrentes do pronunciamento de Domingos, a autora publica integralmente, no artigo do *Diário de São Paulo*, seu pronunciamento-resposta, em coautoria com Geraldo Ferraz, seu companheiro à época. Destaco algumas passagens:

A tese do sr. Domingos Carvalho da Silva [...] tem importância porque, dentro de suas linhas, repousa o consentimento de um agrupamento de moços. [...] É a corrente que cresceu dentro de um estado de espírito estreito, passivo, oprimido. Essa geração não tem culpa. Dentro dos muros da opressão ela não pôde desenvolver as suas asas.

---

121 GALVÃO, Patrícia. Org. Augusto de Campos. Contribuição ao julgamento no Congresso de Poesia. *Pagu vida-obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 159.

Por que o sr. Domingos Carvalho da Silva toma-se de uma espécie de fobia, como se mencionou na discussão, opondo a existência de uma poesia de 1945 à poesia de 1922? Muito simplesmente porque 1922 é um marco revolucionário — e 1945 é apenas a saída de uma prisão sem que os prisioneiros libertados saibam o que fazer de sua liberdade. Não são portadores de uma nova palavra de ordem. Olham para trás e só veem 1922, e podemos pensar que, com essa “fixação”, a tese do sr. Domingos Carvalho da Silva nada mais é que uma tentativa sonolenta de um manifesto para formular um grito de independência. É justo que assim o desejem ele e os que o apoiam, verificando que não há mais grandes para a sensibilidade e para o sonho. Mas, não é atacando o passado, e um passado que é um marco, como 1922, que o hão de conseguir.

[...]

Concluindo, pensamos que o sr. D. C. da S. tem de fazer no mínimo uma revolução, se quiser se qualificar pelo menos como soldado raso da nova investida.

A “conquista” que afirma ter feito, conforme está na tese, da poesia de 1945, não passa de uma *sublimação* que armou este congresso para ter onde se expor.

Pedimos ao Congresso que repila o papel de submissão, diante desse malabarismo, recusando sua adesão a um ponto de vista de um grupo que quer tomar o poder, sem ter credenciais para isso.

indicação: Pelo seu caráter de ensaio, pela tentativa de empolgar uma situação que só pode ser obtida na manipulação do “fogo sagrado”, o Congresso de Poesia rejeita a tese do sr. D. C. da S., pela sua inocuidade.<sup>122</sup>

De fato, a estratégia de Domingos e de sua “corrente” visava ao poder em um campo de atuação literária, bem como sinaliza a conformação de seu ideário, seu consentimento por parte de seus membros. Patrícia Galvão e Geraldo Ferraz problematizam, assim como já exposto acima, o uso indiscriminado de marcos cronológicos para a tessitura de definições da poesia brasileira. E a declaração de rejeição em nome da comissão de teses possui outro tom, mais contundente que a exibida na introdução ao texto de Domingos na revista. Essa declaração como um todo é testemunha de uma outra postura, mais alinhada ao que Antonio Candido já tinha exposto na abertura, mas que também não teria espaço na *Revista Brasileira de Poesia*. É através de apagamentos como esses que o contorno de uma forma, pelo negativo, se faz contrastantes como nanquim em papel branco.

---

122 Ibidem, p. 160

### 5.3 O CLUBE DE POESIA DE SÃO PAULO

O número 3 da revista, como já dito, é quase inteiramente dedicado ao I Congresso de Poesia de São Paulo. Em uma linguagem burocrática, que se assemelha à escrita em atas (com a exceção de que há separação de parágrafos), o periódico nos conta a aprovação de uma das pautas apresentadas “ao plenário do Congresso”, quer seja, que fosse criada uma “casa” para a poesia:

Aprovada, pelo plenário do Congresso, a tese que determinava a fundação de um Casa da Poesia, com esta ou outra denominação, a comissão devidamente credenciada convocou, para uma reunião que se realizou em 16 de maio, todos aqueles que — tendo participado do referido certame — entendessem apoiar a iniciativa.

O Clube de Poesia, portanto, nasceu como um desejo de casa para a poesia. Como seria definida essa casa? Que economia (*oikos*, que significa a casa, e *nomos*, que significa a lei) teria essa casa? Seria uma instituição, uma congregação? Um lugar de preservação ou de prescrição? Ambos? Uma casa/arquivo que resguarde a poesia, ou que sirva de lugar para os poetas? A definição, na mesma data, pela denominação de “Clube” tende para a segunda hipótese. Curioso o fato de que a reunião de elaboração dos primeiros estatutos do Clube se realizou na sede da *Revista Brasileira de Poesia*, à Rua de São Bento, nº 68. Percebe-se, com isso, que o Clube de Poesia nasceu submetido à revista. E suas funções não são delineadas aos poucos.

No mesmo número da *Revista Brasileira de Poesia*, são descritos alguns registros da reunião sobre os primeiros passos do Clube. Dela participaram, principalmente, os novos poetas, dentre eles os editores da revista:

A essa reunião compareceram, pessoalmente ou por procuração, os srs. Carlos Burlamaqui Kopke, Ciro Pimentel, Domingos Carvalho da Silva, Edgard Braga, Fernando Goes, Geraldo Pinto Rodrigues, Idelma Ribeiro de Faria, Italo Bonfim Betarello, Jamil Almansur Haddad, João Accioly, José Escobar Faria, José da Silva Medeiros, Julieta Bárbara, Manuel Cerqueira Leite e Péricles Eugenio da Silva Ramos.

Dentre os participantes, Idelma Ribeiro de Faria, cujo primeiro livro seria editado em 1948, *Alma nua*, além de possuir extensa produção poética participou muito ativamente da posterior *Revista de Poesia e Crítica*, a partir dos anos 1970. Com exceção de Julieta Bárbara, cuja vida artística se iniciou já nos anos 1920, todos os integrantes do grupo faziam parte da nova geração de artistas que despontavam nos idos da década de 1940. Como caracterizou o artigo do *Correio Paulistano* “Tudo azul”, publicado três meses após a fundação do clube, esses poetas “são rapazes bem comportados. Não bebem, não jogam, não se entregam a loucuras amorosas. Tudo bitolado segundo os estatutos do clube e de acordo com as recomendações do congresso.”<sup>123</sup> Apenas posteriormente à reunião sinalizaram adesão outros intelectuais; dentre eles, podem ser destacados Afonso Schmidt, Alice Guarnieri, Antonio Candido, Cassiano Ricardo, Dora Ferreira da Silva, Almeida Salles, Israel Dias Novaes, José Geraldo Vieira, Mário da Silva Brito, Oswald de Andrade, Paulo Mendes de Almeida, Sérgio Milliet, Vicente Ferreira da Silva, Leonard Downes, Tavares de Miranda e Menotti del Picchia. Essa extensa lista é ainda muito maior, tanto quanto sofreu alterações até, pelo menos, a publicação do número 7 da revista.

Ainda nesse primeiro momento, houve a construção da estrutura principal do Clube em seu sentido regimental. Nesse sentido, foram nomeados: presidente e vice-presidente Cassiano Ricardo e Domingos Carvalho da Silva, respectivamente; apontados pela presidência do Clube, ocuparam os lugares da secretaria geral Mário da Silva Brito, Jamil Almansur Haddad, Geraldo Pinto Rodrigues e João Accioli. Ainda foram escolhidos os membros do “Conselho Deliberativo”, com destaque para Sérgio Milliet, Antonio Candido, José Geraldo Vieira, Oswald de Andrade e Vicente Ferreira da Silva, dentre outros.

Dessa profusão de nomes, alguns mais conhecidos que outros (tanto para aquela própria época, como é o caso dos “novos” poetas, quanto para a nossa leitura presente, que reconhece parte dos integrantes dessas listas), ainda que soe repetitiva e exaustiva (ou por isso mesmo), dá vários indícios para a leitura: um deles é a presença

---

123 *CORREIO PAULISTANO*. Tudo azul. São Paulo, 02 out. 1948, p. 1

significativa da nova geração de poetas; de poetas e intelectuais conhecidos pela atuação na primeira fase do Modernismo; e de intelectuais da mesma geração dos novos poetas, mas que se tornaram reconhecidos pela circulação em outros meios literários e culturais. Entretanto, a concentração de poetas do primeiro conjunto é maior que os demais, principalmente na reunião primeira, que definiu os primeiros rumos do Clube, estendidos pelos anos subsequentes.

Os objetivos do Clube foram definidos tão logo a diretoria foi empossada: “Os objetivos do Clube são os mais amplos, no que diz respeito à divulgação da poesia, estudos de poética, intercâmbio cultural e desenvolvimento das relações de camaradagem entre todos os associados.” Assim, o grupo que viria a ser reunido no Clube possuía por objetivos atividades de cunho de divulgação cultural à comunidade letrada e interessada na poesia. Pode-se refletir, contudo, que essa divulgação não significou uma política de divulgação da poesia para a comunidade mais ampla; conforme recenseamento nacional realizado na década de 1940, 61% da população brasileira era não alfabetizada. A divulgação da poesia, não vindo acompanhada de uma estratégia que ao menos se preocupasse com esse índice, indicava um alcance ainda mais restrito ao município de São Paulo, que em 1940 registrava o índice de alfabetização de cerca de 81%.<sup>124</sup> Isso pode ficar mais evidente pela análise do conteúdo das conferências proferidas pelos cursos de poética e de folclore promovidos pela organização, suas estratégias de divulgação e avaliação do público-alvo a partir das conferências; as ações do clube também podem ser lidas por um contraste com outras ações institucionais relacionadas ao âmbito da cultura, como as ações de Mário de Andrade na frente do Departamento de Cultura do município, nos anos 30.

Além disso, é possível notar a grande relevância dada para a institucionalização do Clube de Poesia de São Paulo como lugar oficial. Isso pode ser depreendido desde o modo como foi concebido, ou seja, com a preocupação em regulamentar as instâncias do Clube antes de qualquer coisa. Julgo que essa vontade de oficialidade é a mesma que batizou o nome da *Revista Brasileira de Poesia*, um nome que se quer de largo alcance e, principalmente, representativa do que seria a poesia brasileira como

---

124 GIL, Natália. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940, *R. bras. Est. Pop.*, v.39, 1-15, e0213, 2022

um todo. É essa mesma vontade que dá certas características ao Clube, como a necessidade de construção de um regimento interno, de um conselho deliberativo composto por pessoas reconhecidas nos meios em que atuam, de lançamento de projetos, de inserção na cena político-cultural de maneira mais ampla.

A institucionalização de organizações culturais que pudessem trazer algum impacto para além dos pares literatos e intelectuais já existentes deixa o rastro do papel — e das tentativas de sua transformação — do intelectual para a sociedade como um todo. Certamente, a maior ou a menor facilidade de penetração na cena político-literária também são requisitos para essa avaliação.

É possível, não obstante, realizar um contraponto. No lugar da *Revista Brasileira de Poesia*, marcadamente editada por e para o que veio a ser chamado de “geração de 45”, intelectuais extemporâneos da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, de São Paulo, é possível remeter a outro espaço de publicação que guarda alguma semelhança de origem. Trata-se da revista *Acadêmica*, do Rio de Janeiro, e editada por estudantes da Faculdade de Direito da capital. *Acadêmica*, de Murilo Miranda, atravessou duas décadas, sendo editada de 1933 a 1948. A revista publicava colaborações de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Sérgio Milliet, Carlos Lacerda, Portinari, dentre muitos outros escritores e intelectuais, estreates ou não. A remissão a essa revista se deve, no âmbito deste trabalho, com base na tese de Raúl Antelo, *Literatura em revista*, a possíveis reflexões acerca do papel do intelectual na cena política e literária naquele contexto.

A partir da análise da revista, Antelo comenta o impasse posterior ao modernismo dos anos 20 com que se deparavam os intelectuais da época: a “necessidade de transformações” e a “impossibilidade de instrumentá-las”<sup>125</sup>. A penetração de ideias progressistas na sociedade brasileira era incipiente, dado o cenário político pouco afeito à diversidade, muito coerente à agenda e às instituições do regime de Getúlio: “Trilhando as veredas da democracia liberal, o intelectual brasileiro

---

125 ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Editora Ática, 1984, p. 115.

mal consegue, no mais das vezes, ultrapassar o horizonte ideológico dos setores dominantes tradicionais.”

Nesse contexto de tensionamentos inflexíveis, as tentativas de “transformação radical do sistema” se viram moldadas para caberem nos lugares institucionais disponíveis, o que significava certo alinhamento a propostas menos incisivas. Porém, na medida em que se adequavam ao regime vigente, as propostas puderam atingir maior alcance e, portanto, eficiência. Assim, o autor evoca a passagem de Mário de Andrade pelo Departamento de Cultura de São Paulo.

Antelo define esse período como um cenário de “equilíbrio instável entre setores dominantes e a capacidade para assumir o controle global da sociedade”<sup>126</sup>. Para o autor, isso significa que houve uma indissociabilidade entre o poder e a administração das instituições existentes, ou criadas a partir delas; o que também implica, em vários graus, a submissão a poderes contrários à postura estética e política anarquista do modernismo:

Intelectualmente, estar ligado ao poder, nesses anos, implica ser gerente sem ser dono, significa gerar diretrizes, planejando e exercendo algum grau de controle sobre a massa, o que, entretanto, abalava a empatia solidária dos intelectuais mais conscientes. Tanto em termos de política partidária quanto cultural, a fonte de força e continuidade é, precisamente, essa ideia de pacto em que o chefe arbitra e controla as dissensões.. E isso é especialmente válido quando aplicado ao “populismo varguista”, parece-me lícito relacionar esse ponto de vista com um dos tópicos do modernismo: a consciência dilacerada, o ser multitudinário, porém, avesso e dividido, em equilíbrio instável, dada a descontinuidade entre percepção e realização.<sup>127</sup>

Ainda em relação aos anos 30, o pesquisador reafirma a impossibilidade de se fazer frente à elite que compunha o regime getulista, e que havia, por parte dos intelectuais, a coocorrência da insegurança e do fascínio pelo espaço ínfimo em que caberiam na cena política:

Dada a vivência amorfa e desarticulada que as elites e seus escritores têm em relação ao Brasil, não espanta o grande fascínio autoritarista que se apodera tanto de quem pretende atrelar certas camadas do aparelho estatal, para assim

---

126 Ibidem, p. 115

127 Ibidem, p. 116

exercer o controle e a repressão de qualquer irrupção indesejada, quanto daqueles que, estando em oposição à liderança getuliana, contemplam a cena com total incapacidade para enfrentá-la. Curioso constatar que, na impossibilidade de respostas atuais, ganhem peso as propostas utópicas, que colocam o fim da aflição no futuro.<sup>128</sup>

Conforme já foi visto no capítulo anterior, o grupo da *Revista Brasileira de Poesia* possuía certa inserção no campo das políticas culturais de seu contexto, principalmente a partir de meados dos anos 1940. Com o fim da ditadura, em 1945, o aparelhamento de estado deu lugar a mecanismos de coerção menos definidos, mas ainda coercitivos, debitários da ditadura. Ao contrário da submissão renitente dos poetas modernistas na cena política reacionária, a fim de causar alguma transformação, ainda que por espaços estreitos demais, percebe-se a circulação dos poetas de 45 por entre a elite paulistana.

#### 5.4 CURSOS DE POÉTICA

De volta à *Revista Brasileira de Poesia*, agora no número seguinte à publicação do volume “dedicado” ao I Congresso de Poesia de São Paulo, publicado em fevereiro de 1949, é possível localizar influxos do Clube de Poesia dentro do periódico como um todo, para além de sua presença como matéria de notícia na seção “Noticiário”.

O artigo de abertura do número 4 é uma conferência de Cassiano Ricardo<sup>129</sup>, presidente do Clube de Poesia à época, intitulada “O salão, o café e o clube, na história da poesia”. O autor é perspicaz ao suspeitar a relevância dos três diferentes meios de circulação e de construção de relações baseadas em afinidades de naturezas várias. “Quanto ao salão sabe-se o que representou ele, entre nós.”, Cassiano Ricardo assim inicia sua fala, dando a entender explicitamente, dessa forma, uma informação já compartilhada com seu público-alvo. Isso não o impede elencar salões que julga importantes para a poesia nacional e internacional, como os salões da Regência e de

---

128 Ibidem, p. 117

129 RICARDO, Cassiano. O salão, o café e o clube na história da poesia. *Revista Brasileira de Poesia*, v. 1, n. 4, fev. 1949, p. 2-5

Pedro I, os salões dos Ricordi para o nascimento do Parnasianismo, e, por fim, o salão de Olívia Guedes Penteado para o surgimento do modernismo de 22. Quanto a este, não faz maiores explicações, o que dá a entender que já era manifesta a importância de Olívia Penteado para aquelas reuniões.

Não é diferente, para Cassiano Ricardo, a evidência da relevância dos cafés literários, como ambientes em que se reuniam os principais autores do surrealismo na poesia, para tratar e construir a vanguarda. A estes equipara o Café Paris, no Rio de Janeiro, no qual Cruz e Souza e outros escritores “originaram” o simbolismo brasileiro; e o café Guarani, em São Paulo, onde se formou o conservador e nacionalista Grupo Anta, do qual o próprio Cassiano Ricardo, além de Plínio Salgado e Menotti del Picchia foram fundadores.

Para o autor, o momento era propício aos clubes literários. Destaca a criação do Clube de Poesia de São Paulo, e afirma que seu surgimento deve indicar novos caminhos para a poesia brasileira. De maneira esquemática, mas reveladora de seu modo de pensar, ele afirma que “em nossa história temos, bem, as três fases: a participação mundana, burguesa, aristocrática, pelo salão; a participação popular, pelo café; a revolucionária, moderna, pelo clube.” É interessante notar que Cassiano Ricardo, entretanto, relaciona a estrutura de um clube literário, mais precisamente, de poesia, à postura poética mais participativa, combativa, que seria a dominante daquela época. Para ele, o salão e o café literário “não possuíram, porém, o espírito de organização que tem o clube.” Da mesma forma, reitera:

E compreende-se: um Clube de Poesia rima bem com a poesia militante ou participante de hoje. Quando perguntaram a Jean Cocteau por que escrevia em versos os seus comunicados de correspondente de guerra, respondeu ele que a poesia é hoje a forma mais violenta de se dizer a verdade. Os poetas que tomaram parte na Segunda Grande Guerra, todos, deram prova de que o poeta não é um ser contemplativo, indiferente às lutas pela democracia ou pelo destino dos povos. Apollinaire assim o provou, a seu tempo; Patrice de la Tour du Pin soube combater, de armas na mão, em defesa dos seus ideais, ainda recentemente.<sup>130</sup>

---

130 Ibidem, p. 5

A fala de Cassiano Ricardo inaugura a longa série de cursos de poética do Clube de Poesia de São Paulo. Naquela ocasião, o autor mediou a conferência de Euríalo Canabrava, que, é claro, fora publicada naquele mesmo número 4 da *Revista Brasileira de Poesia*. Não obstante, em artigo de Geraldo Vidigal em sua coluna “Informação literária”, do *Correio Paulistano*, o poeta (e um dos editores da *Revista Brasileira de Poesia* até o número 3) comenta a desmedida dose de cerimônia para aquela ocasião de abertura:

A conferência de Euryalo Canabrava é um excelente augúrio para o curso de poética por ele iniciado. Mas se o Clube de Poesia nos permite uma sugestão, lembraremos a conveniência de que, após cada palestra, fossem abertos debates entre o conferencista e os membros do Clube, ou mesmo entre o conferencista e o público. É possível que tais debates estejam na intenção do Clube de Poesia e que só o caráter solene da sessão do dia 9 tenha impedido que se realizassem. Na dúvida, porém, aí fica a sugestão, que é de certa maneira um apelo. Com ela ficam os parabéns ao Clube, pelo êxito da palestra inicial de seu Curso de Poética.<sup>131</sup>

Havendo ou não abertura para debates entre os conferencistas e o público (que, por Geraldo Vidigal, está em um conjunto separado dos membros do Clube), o tom cerimonioso certamente está em sintonia com a importância dada pelos editores da revista a determinados textos proferidos. Determinados, não todos. Algumas ausências, no entanto, saltam à leitura. No número 5, publicado em setembro de 1949, em noticiário se denunciam essas escolhas arquivísticas:

Continua em plena atividade o Clube de Poesia de S. Paulo. O seu curso de poética prosseguiu, nos últimos meses, com a realização de novas conferências, a cargo dos escritores Jorge de Lima, Carlos Burlamaqui Kopke, Oswald de Andrade, José Geraldo Vieira e Murilo Mendes. A conferência do sr. Carlos Burlamaqui Kopke, bem como a que foi pronunciada, anteriormente, pelo sr. Sérgio Milliet, são publicadas neste número da R. B. P.<sup>132</sup>

Como já mencionado na seção deste capítulo que se refere aos poetas-arcontes da revista, percebe-se o manejo do discurso por parte dos editores ao acomodarem, em seu periódico, publicações de determinados textos em detrimento de outros. Isso é

131 VIDIGAL, Geraldo. Informação literária. *Correio Paulistano*, 17 out. 1948, p. 10

132 REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Clube de poesia, v. 2, n. 5, set. 1949, p. 62

evidente quando temos dados dos textos que ficam “de fora”, o que não é o caso da maioria das revistas literárias. Aqui, é a própria revista que apresenta seus movimentos de escolha editorial, ainda que no propósito de divulgar, principalmente, uma outra informação (as atividades do Clube de Poesia de São Paulo). Por haver uma ampla conexão da revista com outras esferas de interação social, é possível detectar também textualidades outras que não se equiparam em tom e estilo ao modo que o conteúdo da revista foi considerado por sua estima. É o caso da conferência de Sérgio Milliet pronunciada no curso de poética. No *Correio Paulistano*, é possível notar que houve, por parte de Oswald de Andrade, contestação de suas hipóteses. Entretanto, antes de irmos a Oswald, é momento de comentar o texto de Milliet.

O texto de Milliet<sup>133</sup> publicado no periódico, “Quatro poetas novos”, é a conferência pronunciada no curso de poética em 12 de novembro de 1948 sob o título “Tendências da nova poesia”. No texto, Sérgio Milliet analisa as linhas gerais da poesia de quatro poetas classificados como “da nova geração”: João Cabral de Melo Neto, Péricles Eugenio da Silva Ramos, Domingos Carvalho da Silva e Bueno de Rivera. Para o autor, os quatro são os poetas representativos das tendências poéticas da década de 1940. No meio do caminho entre a estética modernista e a “nova” estética, estariam os poetas (também novos) Lêdo Ivo e Mário da Silva Brito. Milliet salienta o trabalho artesanal do verso por João Cabral de Melo Neto, que desde seu volume de estreia, *Pedra do sono*, soube atingir o centro entre a disciplina e a musicalidade. Como num paradoxo, em João Cabral convivem a “limpidez funcional” ao lado de uma “criação livre”.

Quanto a Péricles Eugenio da Silva Ramos, Milliet afirma que sua obra é feita de uma poesia que “exige para ser sentida”, ou seja, o sentimento diante da poesia de Péricles se manifesta sob um acesso difícil, árduo — ainda que, segundo o autor, possui menos “dureza” da forma que João Cabral. No entanto, assevera que o poeta escreve uma “poesia para elites”, contendo expressões poéticas em tom “grave sem falsa solenidade”. Seu livro de estreia, *Lamentação floral*, é tido como um dos melhores

---

133 MILLIET, Sérgio. Quatro poetas novos. *Revista Brasileira de Poesia*, v. 2, n. 5, set. 1949, p.19-32

livros dos últimos tempos por associar o uso da retórica a “beleza de certos versos”, através de uma “voz nua de convencionalismos” e densa.

Já o autor de *Rosa extinta*, Domingos Carvalho da Silva, está ao lado de Péricles no que diz respeito ao uso formal das formas tradicionais de composições, mas dá um passo adiante por meio da inserção do cotidiano em sua poesia. Ainda de jovem poética, resvala ora em uma “simples inocência”, ora no “simples profundo”.

No que se refere ao poeta mineiro Bueno de Rivera, o autor afirma que sua poesia é marcada por duas características que se complementam: a “expressão nova de intensidade emotiva” e o “senso clássico da medida”.

Ao final do texto, Milliet traça considerações sobre os rumos da nova geração. Afirma que há uma postura de combate, de oposição entre os “moços” e o modernismo de 22, como uma atitude de “reação”. É interessante notar que o autor percebe que há um descompasso entre o desejo de geração manifesto e a aceitação da crítica. E assim explica as motivações desse embate:

O êxito dos excessos de 22 justifica-se pelo cansaço em que andávamos todos da medida parnasiana, prudente e vazia. A reação atual explica-se pelo cansaço inverso. Estamos fartos de trocadilhos, de paradoxos, de imagens milionárias, de surpresas de toda sorte. E, sobretudo, estamos fartos dos embustes que essa anarquia erigida em lei tem permitido. Daí a volta à forma, à disciplina, ao cuidado estilístico. Nada mais natural e nada mais benéfico. Uma nuvem apenas no horizonte: a possibilidade da forma vir a tornar-se a própria finalidade da poesia.<sup>134</sup>

Terminada a palestra, foi dado início aos debates. Mas estes debates não são apresentados pela *Revista Brasileira de Poesia*. No *Correio Paulistano*, em 5 de dezembro de 1948, Péricles Eugenio da Silva Ramos publica “Um relato e algumas notas”, em que recupera acontecimentos ocorridos após a fala de Sérgio Milliet no Museu de Arte, no mês anterior.

Sucede, porém, que, terminada a palestra, o sr. Oswald de Andrade opôs eruditos reparos à conferência do sr. Milliet. Começou asseverando que o título desta era impróprio, pois o conferencista não falara sobre “tendências da nova poesia”; referira-se a três poetas de tendências velhas, como o sr. Cabral de

---

134 Ibidem, p. 32

Melo Neto, que ele, Oswald, capitulava como simbolista; ao autor deste artigo, em sua opinião parnasiano, e ao sr. Domingos Carvalho da Silva, fichado como romântico. Apenas o sr. Bueno de Rivera fazia de fato poesia moderna. E, numa comovente demonstração de cultura, citou Oswald os poetas que, no mundo, ele entendia como os grandes poetas modernos: García Lorca, Rilke, Maiakovski, Hölderlin...<sup>135</sup>

Oswald de Andrade, ao criticar a palestra de Sérgio Milliet, nos permite refletir acerca de um outro lado, opositor ao enunciado em construção favorável aos poetas de 45. Como prova disso, é através dessa resposta, que originou a reação do diretor da *Revista* nas páginas de um jornal local, que, apesar de rejeitada pelo corpo editor do periódico, fora (talvez direta, talvez indiretamente) acatada por Sérgio Milliet na alteração do título generalista para um mais específico. Contudo, como já foi visto, Milliet, no corpo de seu texto, continua a acreditar que os “quatro poetas novos” seriam representativos da nova geração. Oswald de Andrade vê na poesia desses escritores a presença de tendências que em nada teriam de novidade; ao aliar cada poética a um movimento literário histórico, como o simbolismo, o parnasianismo e o romantismo, o crítico não percebe as possibilidades poéticas das formas tradicionais na escritura da poesia moderna. Sua ideia de modernidade, segundo Péricles, seria afeita às conquistas simbólicas do modernismo, como o verso livre. O autor de *Lamentação floral*, no entanto, desdenha a eleição do nome de Hölderlin e de Maiakovski no mesmo rol de escritores considerados modernos por Oswald. Dessa forma, ou por isso mesmo, ignora a forma revolucionária de ambos os poetas para a poesia mundial, ainda que oriundos de sociedades completamente distintas. Desdenha sobretudo a capacidade de Oswald de ver a modernidade em poetas mais antigos que os românticos — A problemática da modernidade, como se sabe, não é desvendada por caracteres cronológicos. No entanto, não é o objetivo aqui discutir as reflexões contemporâneas que questionaram as concepções lineares da modernidade, mas sim observar como as reflexões de Oswald, como uma espécie de opositor do grupo orientador da *Revista Brasileira de Poesia*, foram recebidas por eles. Da mesma forma, percebe-se que a resposta de Péricles ao pronunciamento de Oswald durante o debate revela uma postura defensiva,

---

135 RAMOS, Péricles Eugenio da Silva. Um relato e algumas notas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 05 dez. 1948, p. 18. D

tanto em relação a si mesmo quanto, o que é mais relevante, a Sérgio Milliet. Acredita-se que Milliet desempenha o papel de defensor mais experiente não apenas da presença de uma nova sensibilidade poética no final da década de 1940, mas também das ações desse grupo de novos poetas. Vale ressaltar que essas duas coisas estão intrinsecamente ligadas uma à outra. Após a irrupção do “primeiro modernismo”, do qual fez parte ativamente, Sérgio Milliet, em 1927, se torna gerente do jornal *Diário Nacional*; além disso, esteve ao lado de Mário de Andrade no Departamento de Cultura, no cargo de chefe da Divisão de Documentação Histórica e Social. Além de diversos trânsitos entre meios literários e culturais nos 1940, em 1943 passa a exercer a direção da Biblioteca Municipal de São Paulo, onde, em 1945, abre o I Congresso Brasileiro de Escritores. Em 1948, é preciso dizer, no “auge” da regularidade da *Revista Brasileira de Poesia*, Milliet ajudara a criar o Museu de Arte Moderna de São Paulo. Não por acaso, tanto a biblioteca municipal quanto o museu foram o lugar de várias atividades do Clube de Poesia de São Paulo. Nesse sentido, nota-se a concepção do próprio Péricles a esse respeito — e sua relevância para os poetas de sua geração (que cada vez mais, como se percebe, foi concentrando outras camadas de definição para além da cronologia de nascimentos, e se construindo como discurso).

No contra-argumento, o autor resume algumas de suas concepções de poesia: “A poesia só se realiza através da palavra. E da combinação de palavras depende, a um só tempo, o que se quer dizer (fundo) e o modo como se diz (forma). Daí a afirmação, corrente, de que fundo e forma só podem ser separados por abstração”. Essa concepção, fechada em si mesma e datada para a própria época, em que já se havia levado a consequências outras as possíveis relações da poesia a partir de vertentes críticas modernas, é de inspiração em poetas-críticos referendados pela crítica literária daquele momento, ou seja, Eliot e Valéry, poetas fundamentais para o pensamento da poesia enquanto forma, da reflexão em torno do conceito de tradição, de poética (no sentido estrito, como é o caso do conceito de “correlato objetivo”, de Eliot, ou de poesia pura, de Valéry). Nas palavras de Vagner Camilo, “interessa atentar ao modo como a Geração de 45 se apropriou” das concepções estéticas de Valéry, de Eliot e de Rilke “de forma restritiva, por vezes contraditória ou mesmo equívoca.” É evidente, para Camilo, que a influência do conceito de correlato objetivo, por exemplo, está

introjetada em membros da chamada geração de 45, como se verifica na citação de Péricles acima, ou seja, na defesa incontestada de uma ideia de poema que expresse potencialmente, através da materialidade do verso, um sentimento. Vagner Camilo nota outra declaração de Péricles, mais conhecida, presente no estudo *Do barroco ao modernismo*:

O que importa aqui é destacar que o conceito, embora não nomeado expressamente, está implícito na já mencionada declaração de Péricles Eugênio da Silva Ramos, quando afirma que o principal propósito de sua geração, embora desvirtuado depois por alguns de seus integrantes, era o de buscar uma poesia de ‘expressão mítica’ em que ‘o sentimento se resolvesse em imagens’.<sup>136</sup>

Essa assunção das propostas estéticas de Eliot se estendem à noção de clássico, que, até certo ponto, foi buscada e elaborada pelos poetas de 45. O pesquisador aponta que, no que diz respeito à “maturidade em termos linguísticos”, os poetas de 45 obtiveram certo êxito, ainda que isso seja apenas uma das partes para uma maior maturidade, civilizatória, uma consciência holística dos antecessores sempre presentes no fazer poético moderno, o que, segundo o autor, não é alcançado pela geração de 45: “O que se viu com Cabral e Candido a respeito das relações dessa geração com os que a antecederam basta para atestar a dificuldade desse endosso.”<sup>137</sup> De fato, não é possível negar a existência de embates entre Cabral e Candido e o estatuto da geração de 45, como o famoso conjunto de textos de João Cabral sobre a geração, ou como o discurso de abertura de Antonio Candido no I Congresso de Poesia de São Paulo. No entanto, é também incontestável o fluxo desses poeta e crítico no interior da *Revista Brasileira de Poesia*, o que quer dizer, no grupo movediço a que ela pertence. Essa participação, como já foi mencionada anteriormente, se dá com publicações para o periódico, bem como através de correspondências diretas entre, por exemplo, João Cabral e Domingos Carvalho da Silva, em que ambos compartilham um senso de comunidade.

---

<sup>136</sup> CAMILO, Vagner. Paradigmas do poético: Eliot, Valéry, Rilke, op. cit, p. 239

<sup>137</sup> Ibidem, p. 240.

Em 1956, foi publicado "Poesia e composição - a inspiração e o trabalho de arte", de João Cabral de Melo Neto. O artigo, originalmente apresentado pelo autor em 1952 na Biblioteca de São Paulo durante um curso de poética promovido pelo Clube, foi publicado pela primeira vez na *Revista Brasileira de Poesia* em 1956. No entanto, é interessante observar que nas coletâneas das obras completas do autor, como no volume "Prosa", publicado pela editora Nova Fronteira em 1997 ainda durante a vida do poeta, o contexto em que a conferência foi realizada é negligenciado, e assim também são deixados de lado possíveis pontos de conexão entre o ato de enunciação e o contexto discursivo em questão.

João Cabral de Melo Neto também fazia parte do Clube, assim como do conselho consultivo da *Revista Brasileira de Poesia*, para qual traduziu e publicou uma série de poemas inéditos de língua catalã, como já foi mencionado.

A composição, que para uns é o ato de aprisionar a poesia no poema e para outros o de elaborar a poesia em poema; que para uns é o momento inexplicável de um achado e para outros as horas enormes de uma procura, segundo uns e outros se aproximem dos extremos a que se pode levar o enunciado desta conversa, a composição é, hoje em dia, assunto por demais complexo e falar da composição tarefa agora difícilíssima, se quem fala preza, em alguma medida, a objetividade.<sup>138</sup>

O primeiro período do texto revela pegadas do público a que se destina. O autor, de início, evoca a ideia de composição conectada ao ato de escrita poética. É um texto para poetas. Que é de um poeta, o texto faz mais questão de esconder.

Também na primeira parte do ensaio que o poeta propõe uma divisão acerca do trabalho poético, demonstrada em duas concepções de composição de poesia: uma que "para uns é o ato de aprisionar a poesia no poema" e, outra, para os demais, "o de elaborar a poesia em poema". Interessa, aqui, não discutir a validade da dicotomia proposta por Cabral. Na realidade, essa dicotomia não esgota as possibilidades de concepção de poesia, como aquela que a elenca, na chave do mito, a palavra como fundamento da realidade (como bem demonstram os estudos heideggerianos acerca da

---

138 MELO NETO, João Cabral de. Poesia e composição: inspiração e trabalho da arte. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, v. 2, n. 7, 1956, p.2

poética de Hölderlin); esta filosofia da poesia também terá campo na intelectualidade brasileira, inclusive, na mesma época da conferência de Cabral, conforme demonstra a filiação estético-filosófica da revista *Diálogo* (editada entre 1955 e 1964 também em São Paulo), encabeçada por Vicente Ferreira da Silva (quem, por sua vez, já participou do Clube de Poesia e proferiu conferência em uma das séries do curso de poética).

A conferência de João Cabral, no contexto em que foi enunciada, é também resultado das discussões existentes no bojo da *Revista Brasileira de Poesia*. Em seu discurso, ainda que descritivo e diplomático, o autor defende uma concepção de poesia voltada para o trabalho artesanal da palavra poética, em detrimento de uma ideia de poesia pautada no lirismo desenfreado. Sua publicação na *Revista Brasileira de Poesia* está em destaque, ao contrário de vários outros poetas igualmente reconhecidos pela crítica então contemporânea que também participarão dos cursos de poética. Está presente de modo “enviesado” — sua outra publicação na revista não se deu através da colaboração com poesias de sua autoria, mas com a inserção de poetas catalães, traduzidos por ele.

## QUANTO AO FUTURO

“Autodeterminação como violência”, afirma Derrida, como maneira para se instituir o arquivo. É essa a sua pulsão de morte: “Repetição de si, o Um não pode senão repetir e recordar esta violência institutriz. Não pode se afirmar e se comprometer senão através dessa repetição”.<sup>139</sup>

O arquivo contra o que não é arquivo — mas esse limite não para de querer ceder. Restam as insistências.

Isso pode ser bem observado no desejo de permanência, para além das tentativas de permanência do grupo da revista já apresentadas, na exaustiva organização da *Antologia da poesia brasileira moderna*, publicada em 1953.

Na antologia, há uma diferente “lida” do arquivo; a sensibilidade da leitura surge, em alguma medida, contrastante com a do periódico. A isso se deve a diferença da relação com o tempo. A revista se quer um ponto de encontro, uma mesa de montagem, uma vitrine do que há num certo momento presente. A antologia é para o legado.

No entanto, o mesmo grau de bacharelismo da descrição das “atas” do I Congresso invade a antologia.<sup>140</sup> Talvez a diferença de sensibilidade de leitura seja mera impressão, ou já havia, na revista, a impressão da vontade de sobrevivência da memória?

A antologia foi organizada por Carlos Burlamaqui Köpke, um dos autores mais assíduos colaboradores da revista e foi patrocinada pela Secretaria de Educação e Cultura do Município de São Paulo (esse incentivo, de certo modo, não seria continuado na gestão que viria em 1953, de Jânio Quadros).

---

139 DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo*, op. cit., p. 101

140 Na orelha da capa, lê-se: “Reunido, em fins de abril de 1948, sob o patrocínio da *Revista Brasileira de Poesia*, o I Congresso Paulista de Poesia aprovou uma tese do sr. Geraldo Pinto Rodrigues, na qual se propunha a criação de uma Casa da Poesia. Em 15 de maio do mesmo ano era fundado, em obediência àquela deliberação do I Congresso, o Clube de Poesia de São Paulo. [...]”

O nome de Köpke não carrega total autoria do projeto. O tema da publicação teve bastante espaço no debate do Clube de Poesia no início da década de 1950. Uma dessas reuniões foi noticiada no *Correio Paulistano*, com letras garrafais: “Em crise a antologia poética do clube de poesia de S. Paulo”.<sup>141</sup> A nota mostra a grande discussão que houve em torno da listagem de nomes arrolados a fazerem parte do volume impresso.

Certos valores teimam em reaparecer, agora publicados em livro:

Busca a Antologia traduzir a evolução da poesia brasileira durante os vinte e cinco anos que se seguiram ao movimento modernista de 1922. Fiel à realidade dessa evolução, preocupa-se apenas da poesia realmente publicada e que de qualquer modo teve sua presença e influência na marcha dos acontecimentos.<sup>142</sup>

Dessa forma, reaparece tanto o signo da “evolução” aliado ao da “importância”; nota-se a busca pela relevância dos poemas na história da poesia. Não cabe aqui apresentar todas as subdivisões da antologia, mas verificar que, ao lado dos poetas modernistas de “22 a 29” e de “30 a 45” encontram-se os poemas “mais relevantes” posteriores a 45. Dentre eles, estão poemas de Marcos Konder Reis, José Paulo Moreira da Fonseca, Lêdo Ivo, Darcy Damasceno, Péricles Eugenio da Silva Ramos, João Cabral de Melo Neto, Geraldo Vidigal e Domingos Carvalho da Silva.

Tentativas de aliar o acontecimento da poesia com o acontecimento dos poetas na cena literária não faltaram aos poetas editores da *Revista Brasileira de Poesia*. Suas atuações foram marcadas por um bacharelismo que, também além da poesia, tingia grandiloquência em qualquer manifestação pública, desde as primeiras manifestações nas agremiações literárias da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, no final da década de 1930, e perpetuando-se em “beca e cartola”, como uma vez disse Oswald, nos regulamentos intermináveis do Clube de Poesia e de suas solenidades.

A *Revista Brasileira de Poesia* foi palco de uma encruzilhada. No meio do caminho, entremeiam-se uma heterogeneidade de poéticas e posições, também

---

141 *CORREIO PAULISTANO*. Em crise a antologia poética do Clube de Poesia de S. Paulo. São Paulo, 06 jan. 1952, p. 16

142 KOPKE, Carlos Burlamaqui (Org.) *Antologia da poesia brasileira moderna*. 1ª edição. São Paulo: Clube de Poesia de São Paulo, 1953, p. 6.

poéticas, díspares. Essa heterogeneidade, assim como o jogo de tensões prementes no periódico são o que de mais moderno há na revista — porque, é claro, a leitura da poesia não se esgota, assim como a complexidade da história.

Ao contrário de um suposto alienamento ao contexto social, havia, sim, um amplo esforço para conquistá-lo; os meios para isso, pouco afeitos à poesia, estavam ligados a uma paulatina e histórica intromissão na cena cultural, por meio de, como se viu, por exemplo, submissão a organizações reguladoras dessa mesma cultura, a serviço da imagem de uma memória.

Não obstante, os intentos de afirmação de uma geração não se limitaram ao final da *Revista Brasileira de Poesia*. No último número, apresenta-se o anúncio de uma nova revista: “Quarenta e cinco”, que, até onde se sabe, não saiu da publicidade.

Como uma vontade de repetição, limitada (ou potencializada) pela recusa de vários pares de maior "alcance" crítico, criou-se o arquivo de um discurso, notadamente contaminado por reações inflamadas e balanços imprecisos. Isso se repete, anos mais tarde, na obstinada *Revista de Poesia e Crítica*, em que boa parte do grupo de poetas volta a se reunir para, nomeadamente, reafirmar a existência da geração e de uma linhagem poética. A diagramação das páginas se repete, como se se utilizasse uma mesma força arquivadora. Essa força sobrevive, também, na repulsa, vestígio de uma reação, marca de uma posição frente a um enunciado.

A persistência dessa busca por reconhecimento e validação é um reflexo das complexidades e desafios enfrentados pelos poetas e críticos literários em sua tentativa de estabelecer uma identidade coletiva. A criação da revista "Quarenta e cinco" representa uma esperança não realizada, um projeto que nunca se concretizou além do âmbito publicitário. No entanto, essa falta de materialização não diminui o impacto e a importância dessas iniciativas.

Ao longo do tempo, é evidente que os mesmos indivíduos se reúnem novamente na *Revista de Poesia e Crítica*, buscando reafirmar não apenas a existência da geração, mas também a continuidade de uma linhagem poética. A própria diagramação das páginas revela uma conexão profunda, como se a mesma força arquivadora estivesse em ação, mantendo viva a memória e o legado desses escritores.

Essa força, no entanto, não se manifesta apenas na forma de reafirmação, mas também na repulsa. É um vestígio de uma reação enérgica, uma marca de posicionamento diante de um enunciado. Essa resistência e rejeição são elementos essenciais na construção da identidade desse grupo literário, pois representam uma resposta assertiva às críticas e desafios enfrentados:

No debate que se seguiu a uma mesa-redonda sobre revistas literárias na Universidade Federal de Santa Catarina, em 2000, a propósito do lançamento da revista *Babel*, um ouvinte pergunta a Carlito Azevedo que poetas não entrariam na *Inimigo Rumor* — e a rápida resposta foi: “Os neo-parnasianos”.<sup>143</sup>

---

143 CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Dos poetas e/em suas revistas. *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Organização Celia Pedrosa e Ida Alves. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

## REFERÊNCIAS

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 1, n. 1, dez. 1947.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v.1, n. 2, abr. 1948.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 1, n. 3, ago. 1948.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 1, n. 4, fev. 1949.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 2, n. 5, set. 1949.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 2, n. 6, set. 1953.

REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. São Paulo, v. 2, n. 7, abr. 1956.

34 LETRAS. João Cabral de Melo Neto. *34 Letras*, Rio de Janeiro, n. 3, mar. 1989, p. 35-36.

ABREU, Alzira Alves de. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. *Imprensa em transição*. Org. Alzira Alves de Abreu et al. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

AGUILAR, Gonzalo. *Poesia concreta brasileira: as vanguardas na encruzilhada modernista*. São Paulo: EdUsp, 2005.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1992, 128 p. Cadernos de Linguagem e Sociedade.

ALVES, Maria Marcelita Pereira. *Revista Brasileira de Poesia: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1979. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979, p. 1.

ANDRADE, Carlos Drummond de apud CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Prezado poeta: as cartas de CDA para DCS. *Texto poético*, São Paulo, v. 17, n. 34, 2021.

ANDRADE, Oswald. Aviso aos navegantes. Telefonema. *Correio da manhã*, n. 16328, jan. 1948, p. 2.

ANDRADE, Oswald de. Aviso aos navegantes. In: ANDRADE, Oswald de. *Telefonema*. São Paulo: Globo, 1996.

ANDRADE, Oswald de. *Estética e política*. São Paulo: Globo, 2011.

ANGENOT, Marc. *El discurso social. Los límites históricos de lo pensable y lo decible*. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2012, p. 82

ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de Pesquisa NELIC*, Florianópolis, n. 2, 1997.

ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Editora Ática, 1984, p. 115.

BASTOS, Laíse Ribas; CAMARGO, Maria Lucia de Barros. "Meu caro Domingos" - as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva. *O Eixo e A Roda*, Belo Horizonte, ahead of print, fev. 2020. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/16055](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/16055).

BENJAMIN, Walter. O surrealismo: o último instantâneo da inteligência europeia. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 28.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Vários tradutores. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Dos poetas e/em suas revistas. In: PEDROSA, Celia; ALVES, Ida. *Subjetividades em devir: Estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Dos poetas e/em suas revistas. *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Organização Celia Pedrosa e Ida Alves. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Revistas literárias contemporâneas. *Imprensa, história e literatura*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2003.

CAMARGO, Maria Lucia de Barros. Sobre revistas, periódicos e qualis tais. *Travessia*, Florianópolis, nº 40, 2003.

CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes: da poesia social à inflexão neoclássica da lírica brasileira moderna*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do povo à Rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

CAMILO, Vagner. O aerólito e o zelo dos neófitos: Sérgio Buarque, crítico de poesia. *Revista USP*, São Paulo, 2008-2009.

CAMPOS, Haroldo de. Invocação. Poetas inéditos de S. Paulo. *Revista Brasileira da Poesia*, v. 1, n. 5, 1949, p.56.

CANDIDO, Antonio. Org. Vinícius Dantas. *Textos de intervenção*. São Paulo: Editora 34, 2002.

CARRANZA, Luz Rodriguez. *Interpelaciones: Indicios y fracturas em textos latinoamericanos*. Buenos Aires: Eduvim, 2019.

COMPAGNON, Antoine. *Os Antimodernos*. Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

CORREIO PAULISTANO. A batalha entre 22 e 45 determinou o itinerário do Congresso de Poesia. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08 maio 1948, p. 12.

CORREIO PAULISTANO. Academia de Letras da Faculdade de Direito. *Correio Paulistano*, 22 abr. 1936. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_08&Pesq=%22domingos%20carvalho&pagfis=276](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22domingos%20carvalho&pagfis=276).

CORREIO PAULISTANO. Academia de Letras da Faculdade de Direito. *Correio Paulistano*, São Paulo, 06 ago. 1942. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=12017](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=12017)

CORREIO PAULISTANO. Capitão Amilcar Dutra de Menezes. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 abr. 1944. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18669](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18669)

CORREIO PAULISTANO. Em crise a antologia poética do Clube de Poesia de S. Paulo. São Paulo, 06 jan. 1952, p. 16

CORREIO PAULISTANO. Lorena. *Correio Paulistano*, São Paulo, 02 fev 1941. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=4981](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=4981)

CORREIO PAULISTANO. Novos dirigentes do “*Correio Paulistano*”. 23 maio 1944. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18925](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=18925)

CORREIO PAULISTANO. Posse da nova diretoria do centro acadêmico “XI de Agosto”, de 1940. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 fev. 1940. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=517](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22pericles%20eugenio%20da%20silva%20ramos%22&pagfis=517)

CORREIO PAULISTANO. Publicações — Arcádias. *Correio Paulistano*, São Paulo, 04 out. 1936. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_08&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=14551](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_08&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=14551)

CORREIO PAULISTANO. Tudo azul. São Paulo, 02 out. 1948, p. 1

CULLER, Jonathan. *Theory of the lyric*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

DEMARCHI, Ademir. Cultura em busca de vitrines — literatura & mercado, morte do modernismo & populismo: uma leitura do suplemento Letras & Artes, de A Manhã. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, 1991.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens*. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

FERNANDES, José Eduardo. A poesia inglesa e a guerra. *Revista Brasileira de Poesia*, v.1, n°.1, dez. 1947, 30-38.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Tradução Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020, p. 176.

GALVÃO, Patrícia. Org. Augusto de Campos. Contribuição ao julgamento no Congresso de Poesia. *Pagu vida-obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GIL, Natália. Analfabetismo da população brasileira nas análises de Giorgio Mortara sobre o censo de 1940, *R. bras. Est. Pop.*, v.39, 1-15, e0213, 2022

JOAQUIM, Manifesto dos novíssimos. *Joaquim*, Curitiba, n. 18, maio 1948, p. 4.

KOPKE, Carlos Burlamaqui (Org.) *Antologia da poesia brasileira moderna*. 1ª edição. São Paulo: Clube de Poesia de São Paulo, 1953, p. 6.

MAINGUENEAU, Dominique. Análisis del discurso, literatura y ciencia. *Arbor Ciencia, Pensamiento y Cultura*, v. 194-790, 2018, p. 4

- MARTINS, Ana Luiza; DE LUCA, Tânia Regina. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Unesp, 2006.
- MELO NETO, João Cabral de. Poesia e composição: inspiração e trabalho da arte. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, v. 2, n. 7, 1956, p.2
- MILLIET, Sérgio. Quatro poetas novos. *Revista Brasileira de Poesia*, v. 2, n. 5, set. 1949, p.19-32
- NUNES, Benedito. A “geração de 45” e João Cabral. *João Cabral: a máquina do poema*. Organização Adalberto Müller. Brasília: Editora UnB, 2007, p. 141.
- OSUNA, Rafael. *Las revistas literarias: un estudio introductorio*. Cádiz: Universidad de Cádiz, Servicio de Publicaciones, 2004, 208p.
- PEREIRA, Carlos Speck. *Abrir uma revista pelo seu verso*. Monografia (Graduação em Letras Português) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020, 154p.
- PETRY, Fernando Floriani. *O cão e o frasco, o perfume e a cruz: o arquivo rosa-cruz revisitado*. 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011, p. 50.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História de literatura brasileira*. Tradução Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004 p. 598.
- RAMOS, Péricles Eugenio da Silva. Um relato e algumas notas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 05 dez. 1948, p. 18.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “O neo-modernismo”. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 1, 1947, p. 4-6.
- RANCIÈRE, Jacques. *Aisthesis*. Tradução Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Editora 34, 2021.
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, I Congresso Paulista de Poesia. São Paulo, v. 1, n. 1, 1947, p. 56.
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA, Nicolas Guillén. Noticiário, v. 1, n. 1, 1947, p. 67.
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Clube de poesia, v. 2, n. 5, set. 1949, p. 62
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Há uma nova poesia no Brasil. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 3, 1948.
- REVISTA BRASILEIRA DE POESIA. Há uma nova poesia no Brasil. *Revista Brasileira de Poesia*, São Paulo, n. 3, 1948.

RICARDO, Cassiano. O salão, o café e o clube na história da poesia. *Revista Brasileira de Poesia*, v. 1, n. 4, fev. 1949, p. 2-5

ROCCA, Pablo. Por que, para que uma revista. *Boletim de Pesquisa Nelic*, Florianópolis, v. 7, n. 10, 2007.

ROSENGREN, Karl Erik. Literary criticism: future invented. *Poetics*, n. 16, North Holland, 1987, p.298.

SAINZ, Gustavo. Qué es y para qué sirve una revista literaria? 1981 Texto Crítico, enero-marzo 1981, no. 20, p. 105-126

SARLO, Beatriz, ALTAMIRANO, Carlos. *Literatura & Sociedad*. Buenos Aires: Libreria Harchette, 1983.

SILVA, Domingos Carvalho da. Ainda a nova poesia portuguesa. *Correio Paulistano*, São Paulo, 26 set. 1943. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16245](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16245)

SILVA, Domingos Carvalho da. A poesia acadêmica no último decênio. *Correio Paulistano*, São Paulo, 09 jan. 1944. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=17409](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&Pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pagfis=17409)

SILVA, Domingos Carvalho da. Através da nova poesia portuguesa. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 set. 1943. Disponível em:  
[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972\\_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16167](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22domingos%20carvalho%20da%20silva%22&pasta=ano%20194&pagfis=16167)

SILVA, Domingos Carvalho da. Os sapos contra Drummond. *Correio Paulistano*, São Paulo, 31 out. 1943, p. 6, 8.

SILVA, Domingos Carvalho da. Preponderância da poesia sobre a prosa na literatura brasileira na hora atual. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 nov. 1952, seção 2, p. 1.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 439.

TELES, Gilberto de Mendonça. Para o estudo da geração de 45. *Revista de Poesia e Crítica*, São Paulo, 1986.

THALASSA, Ângela. *Correio Paulistano: o primeiro diário de São Paulo e a cobertura da Semana de Arte Moderna - O jornal que não ladra, não cacareja e não morde*. 2007. 168 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

VERON, Eliseo. *La semiosis social. Elementos para una teoría de la interdiscursividad*. Barcelona, Gedisa 1993.

VIDIGAL, Geraldo. Informação literária. *Correio Paulistano*, 17 out. 1948, p. 10

VIDIGAL, Geraldo. Poesia nova. *Correio Paulistano*, São Paulo, 14 nov. 1948, p. 8.

WHITTEMORE, Reed. *Pequenas revistas*. Tradução Ana Maria Martins. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1992[1981].

WISNIK, José Miguel. *Maquinação do mundo: Drummond e a mineração*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. 304 p.